



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**SARAH ROSSETTI MACHADO**

*De transtornos, tormentos e delícias:*  
atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014)

CAMPINAS

2017



**SARAH ROSSETTI MACHADO**

*De transtornos, tormentos e delícias:*

atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Facchini

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Sarah Rossetti Machado e orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Facchini.

A handwritten signature in black ink, reading "Regina Facchini", is written over a horizontal line.

CAMPINAS

2017

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** FAPESP, 2013/26405-7

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0003-3471-4311>

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

M180t Machado, Sarah Rossetti, 1991-  
De transtornos, tormentos e delícias : atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014) / Sarah Rossetti Machado. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Regina Facchini.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sexualidade. 2. Sadomasoquismo. 3. Mudança social. 4. Produção do conhecimento. I. Facchini, Regina, 1969-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

#### Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Disorders, torments and delights : actors, networks and meaning disputes about sadomasochism in Brazil (1980-2014)

**Palavras-chave em inglês:**

Sexuality

Sadomasochism

Social change

Knowledge production

**Área de concentração:** Antropologia Social

**Titulação:** Mestra em Antropologia Social

**Banca examinadora:**

Regina Facchini [Orientador]

Isadora Lins França

Jorge Leite Júnior

**Data de defesa:** 03-03-2017

**Programa de Pós-Graduação:** Antropologia Social



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 03 de Março de 2017, considerou a candidata Sarah Rossetti Machado aprovada.

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Facchini**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isadora Lins França**

**Prof. Dr. Jorge Leite Júnior**

*A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.*

## **Agradecimentos**

A minha família, pelo suporte emocional e pelo incentivo na continuidade de meus estudos, especialmente aos meus pais que me possibilitaram realizar esse sonho;

A Luciano, pelo carinho e cuidado, por me ensinar a ser mais paciente. Pelo incentivo e por me fazer acreditar em mim mesma quando tudo parecia desmoronar. Pelo dia-a-dia compartilhado com tanto amor e respeito;

A Regina Facchini, por ter me acompanhado desde a graduação e ter sido muito mais que uma orientadora nesses cinco anos de trabalho conjunto; por ter me ensinado muito da pesquisa antropológica e me inspirado, pela amizade e confiança em meu trabalho;

A Vinícius e Rubens, por serem meus amigos-irmãos. Por partilharmos as felicidades e angústias dessa vida, pelos cafés, bolos de fubá e pães de queijo, pelas tardes e noites de conversa e companhia, por essa amizade tão bonita que temos – vocês são um presente em minha vida;

Aos amigos do dia-a-dia: Lucas, pelas cervejas, conversas e desabafos, entre comemorações e novos desafios, por ser alguém de quem se quer estar sempre perto; à Giulia, pelo carinho, pelas revisões virginianas e conversas animadas sobre a dissertação que me fizeram lançar outros olhares para o material de pesquisa; à Michelle, por me mostrar que a vida sempre pode ser mais leve, pelos chás, comidinhas e conversas aconchegantes;

Aos amigos: Livia, Jéssica, Amanda, Vanessa, Érica, Lorena, Leonardo, Ana Paula, Luís Felipe, Felipe, Marília, Bárbara e tantos outros queridos, pelo pedacinho que cada um deixou comigo nessa caminhada, pelas saudades e por entenderem minhas ausências;

Aos colegas do mestrado em Antropologia Social, pelos debates e trocas importantes ao longo dos três anos da realização dessa pesquisa;

Aos colegas de orientação, pelas leituras cuidadosas e sugestões feitas no decorrer deste trabalho;

À banca de qualificação, composta pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isadora Lins França e pelo Prof. Dr. Christiano Key Tambascia, pelas ricas sugestões dadas em momento oportuno, que me instigaram a seguir por caminhos mais profícuos;

Aos professores Jorge Leite Júnior, Isadora Lins França, Marko Synésio Alves Monteiro e Bruno Cesar Barbosa, por aceitarem o convite para compor, junto a Regina Facchini, a banca de defesa. Pelas arguições empolgantes e pelo debate que ajudou a engrandecer este trabalho em sua fase final;

Gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por possibilitar as condições materiais para a realização desta pesquisa (Processo nº. 2013/26405-7), bem como por conceder uma bolsa para a realização de Estágio de Pesquisa no Exterior (Processo nº. 2015/21046-4);

Me gustaría agradecer al Programa Universitario de Estudios de Género (PUEG) (ahora denominado CIEG - Centro de Investigaciones y Estudios de Género) de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) por aprobar mi postulación para la realización de una estancia académica, por la amabilidad del personal y por ofrecer las condiciones para el desarrollo de mi investigación en México;

A la Profesora Gloria Careaga, mi supervisora en México; también a la Profesora Helena López, a las y los colegas de estancia académica, a Adriana Arreola Paz y a Marisa Ruiz;

A Jacob, Ismael, Macarena, Luz, Dafne, Mario, Marc, Roxana, Paola, Ambar y tantos otros, por el cariño y amistad, por me recibieren tan bien en México; por los momentos mágicos compartidos.

*What is exciting is that sex – not just gender, not just homosexuality – has finally been posed as a political question (...). The sexual outlaws – boy-lovers, sadomasochists, prostitutes, and transpeople, among others – have an especially rich knowledge of the prevailing system of sexual hierarchy and of how sexual controls are exercised. These populations of erotic dissidents have a great deal to contribute to the reviving radical debate on sexuality.*

Gayle Rubin em *The Leather Menace* (1982)

## Resumo

Esta pesquisa parte de um contexto de crescente interesse e intensas mudanças envolvendo questões relacionadas a gênero e sexualidade no Brasil, articulando essas temáticas com a antropologia do conhecimento. Tem como objeto empírico redes científicas, artísticas e ativistas que se entrelaçam a partir de obras escritas por praticantes de BDSM (bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo)/SME (*sadomasoquismo erótico*) que, ao produzirem contos, livros, blogs e sites de internet, colocam-se publicamente como tal e, eventualmente, disputam sentidos relacionados ao estigma e à patologização de suas condutas sexuais. A pesquisa focaliza processos sociais recentes na sociedade brasileira, tendo por objetivo geral colaborar para o conhecimento: 1) de mudanças nas convenções sociais de gênero e de sexualidade; 2) da multiplicidade e heterogeneidade das redes implicadas na produção das categorias relacionadas ao *sadomasoquismo erótico* e ao BDSM no Brasil no período da pesquisa; 3) da produção de sujeitos e “comunidades” relacionadas à sexualidade e estratégias de legitimação de condutas sexuais, sobretudo no diálogo com o campo científico. Além da análise de livros publicados entre os anos 1980 e 2000, a pesquisa contou com observação de redes de praticantes em ocasiões de sociabilidade *online* e *offline* durante o período desta pesquisa e análise de entrevistas e vídeos disponibilizados na internet.

**Palavras-chave:** sexualidade, sadomasoquismo, mudança social, produção do conhecimento.

## **Abstract**

This research departs from a context of growing interest and intense changes involving gender and sexuality issues in Brazil, articulating those themes with Anthropology of Knowledge. Its empirical object are scientific, artistic and activist networks intertwined by works written by BDSM (bondage, discipline, domination, submission, sadism, masochism) practitioners which, through producing stories, books, blogs and websites, had publicly positioned themselves as such in the dispute of meanings of stigmas and pathologies associated to sexual behavior. The focus is on recent social process in the Brazilian society and the main objective is to collaborate with scholarship on: 1) sexuality and gender social conventions; 2) the networks' multiplicity and heterogeneity implied on erotic sadomasochism and BDSM in Brazil during the research; 3) the production of subjects and "communities" related to sexuality and legitimation strategies of sexual behaviors, foremost in the dialog with the scientific field. Additionally to the analysis of books published between 1980-2000, it was conducted observation of the practitioners' networks in online and offline social occasions and analysis of interviews and videos available on the internet.

**Keywords: sexuality, sadomasochism, social change, knowledge production.**

## Lista de ilustrações

<b>Figura 1.</b> Flyer de divulgação do Encontro do Dia Internacional do BDSM em 2013.....	45
<b>Figura 2.</b> Flyer de divulgação do Encontro do Dia Internacional do BDSM em 2014.....	47
<b>Figura 3.</b> Emblema da comunidade SM.....	54
<b>Figura 4.</b> Capa da reedição do livro “Manual do Podólatra Amador, de Glauco Mattoso (2006)” .....	72
<b>Figura 5.</b> Capa da primeira edição do livro “Manual do Pedólatra Amador, de Glauco Mattoso (1986) .....	86
<b>Figura 6.</b> Contracapa da primeira edição do livro “Manual do Pedólatra Amador”, de Glauco Mattoso (1986).....	87
<b>Figura 7.</b> Texto da contracapa da reedição do livro “Manual do Podólatra Amador”, de Glauco Mattoso (2006) .....	90
<b>Figura 8.</b> Orelhas da reedição do livro “Manual do Podólatra Amador”, de Glauco Mattoso (2006).....	91
<b>Figura 9.</b> Capa do livro “Tormentos Deliciosos”, de Wilma Azevedo (s/d).....	98
<b>Figura 10.</b> Contracapa do livro “Tormentos Deliciosos”, de Wilma Azevedo (s/d).....	99
<b>Figura 11.</b> Capa do livro “A Vênus de Cetim”, de Wilma Azevedo (1986).....	101
<b>Figura 12.</b> Contracapa do livro “A Vênus de Cetim”, de Wilma Azevedo (1986).....	102
<b>Figura 13.</b> Capa do livro “Sadomasoquismo Sem Medo”, de Wilma Azevedo (1998).....	103
<b>Figura 14.</b> Contracapa do livro “Sadomasoquismo Sem Medo”, de Wilma Azevedo (1998) .....	104
<b>Figura 15.</b> Capa do livro “Sem Mistério” de Edgeh (2002).....	114
<b>Figura 16.</b> Contracapa do livro “Sem Mistério” de Edgeh (2002) .....	115
<b>Figura 17.</b> Orelhas do livro “Sem Mistério” de Edgeh (2002).....	118

## Lista de abreviaturas e siglas

- BDSM** – Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo
- CEPCos** – Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade
- CID** – Classificação Internacional de Doenças
- DOI-CODI** – Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna
- DSM** – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (do inglês, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*)
- NTIC** – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
- PUC** – Pontifícia Universidade Católica
- RACK** – Perversão Consensual Ciente de Risco (do inglês, *Risk Aware Consensual Kink*)
- RBSH** – Revista Brasileira de Sexualidade Humana
- SBRASH** – Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana
- SESC** – Serviço Social do Comércio
- SM** – Sadomasoquismo
- Somos** – Grupo ativista fundado nos anos 1970, que tinha como objetivo lutar pelos direitos dos homossexuais
- SoMos** – Grupo voltado para a prática de BDSM, fundado no início dos anos 1990
- SSC** – São, Seguro e Consensual
- TFP** – Tradição, Família e Propriedade
- UNE** – União Nacional dos Estudantes

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>13</b>
1. Metodologia e produção dos dados da pesquisa .....	19
2. Análise documental.....	20
3. Sistematização e análise dos dados .....	22
4. Observação de espaços online e offline .....	25
5. Acerca da organização da dissertação .....	26
<b>I. Adentrando o campo: atores e processos de mudança .....</b>	<b>28</b>
1. Um pioneirismo SM.....	28
2. Os contextos de escrita das obras.....	33
3. O <i>Sadomasoquismo erótico</i> : da abertura política aos dias de hoje .....	40
4. Sadomasoquismo erótico, BDSM e Fetichismo .....	51
5. BDSM e mudanças em convenções sociais .....	58
<b>II. Redes, atores sociais e literatura produzida por adeptos do sadomasoquismo no Brasil (1980-2000).....</b>	<b>70</b>
1. Glauco Mattoso .....	72
1.1. As redes de Glauco Mattoso.....	82
2. Wilma Azevedo.....	93
2.1. As redes de Wilma Azevedo .....	106
3. Edgeh.....	113
3.1. As redes de Edgeh .....	120
<b>III. Discursos médico-científicos, circulação de categorias e disputas de sentidos.....</b>	<b>123</b>
1. Entre médicos, psicólogos e praticantes: um diálogo com o campo científico .....	123
2. Coprodução de conhecimento e direitos sexuais: novos desdobramentos .....	138
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>146</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>151</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>158</b>

## Introdução

Esta pesquisa visa colaborar para a produção de conhecimento a respeito das mudanças sociais nas convenções de gênero e sexualidade em curso na sociedade brasileira, bem como acerca da produção de sujeitos e “comunidades” relacionadas à sexualidade e estratégias de legitimação de condutas sexuais. Para tanto, toma como objeto empírico redes científicas, artísticas e ativistas que se entrelaçam a partir de obras escritas por praticantes de BDSM (*bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo*)/ *sadomasoquismo erótico*<sup>1</sup> que, ao produzirem contos, livros, blogs e sites de internet, colocam-se publicamente como tal e, eventualmente, disputam sentidos relacionados ao estigma e à patologização de suas condutas sexuais. A aproximação dessas redes se dá majoritariamente por meio da análise de livros escritos entre os anos de 1980 e 2000 por praticantes/divulgadores do BDSM no Brasil. Sua análise é complementada pela observação pontual de espaços (em 2013 e 2014) nos quais os autores dessa produção e a própria circularam no período mais recente, como eventos da comunidade BDSM, bem como pela análise de material audiovisual e de blogs.

De modo mais geral, o acrônimo BDSM refere-se a um conjunto de práticas de conteúdo erótico, sendo também definido por oposição ao termo *baunilha* (usado para indicar o sexo convencional, pessoas que não estão envolvidas em BDSM ou a vida dos adeptos para além do contexto das práticas). Outra distinção relevante, no entanto, é a que se constitui em relação a categorias como *perverso* ou *parafílico*, oriundas do campo científico, em especial da psiquiatria, da psicologia, da psicanálise e da sexologia.

As indagações que deram origem a esta pesquisa surgiram a partir de pesquisas de iniciação científica<sup>2</sup> realizadas durante minha graduação, que tiveram como foco mudanças sociais nas convenções de gênero e sexualidade. A primeira delas teve

---

<sup>1</sup> Adota-se como convenções nesta dissertação que todas as categorias e as expressões êmicas são grafadas em itálico. As aspas são reservadas para citações, conceitos e categorias aproximativas.

<sup>2</sup> O primeiro projeto de iniciação científica “A produção de conhecimento na área de gênero e sexualidade no Brasil: uma análise de congressos específicos do campo”, foi realizado entre os meses de fevereiro de 2012 e julho de 2012 e apoiado pelo CNPq através do PIBIC/UNICAMP. O segundo teve vigência entre agosto de 2012 e julho de 2013, com apoio do CNPq por meio do mesmo programa de bolsas acima citado e intitulava-se “Sexualidade, violência e igualitarismo no Brasil da “abertura”: um olhar a partir do BDSM”. Por fim, o terceiro projeto teve como título “De pedagogias e visibilidades: produção textual de adeptos do BDSM e mudanças nas convenções sociais sobre gênero e sexualidade no Brasil pós-redemocratização” e foi realizado entre agosto de 2013 e abril de 2014, apoiado pelo SAE/UNICAMP.

como objeto a produção de conhecimento científico na área de gênero e sexualidade no Brasil e a segunda e a terceira tomaram como objeto a produção textual de praticantes de BDSM no período da “abertura política”. Nesse sentido, esta pesquisa articula o interesse por processos de mudança nas convenções sociais e pela relação entre saberes acadêmico-científicos e discursos de *comunidades* organizadas em torno de sexualidades periféricas, nos termos de Foucault (1977), que tangenciam o mercado de bens eróticos por meio de produções que poderiam ser classificadas como eróticas/pornográficas<sup>3</sup>.

As transformações ocorridas desde a década de 1970 em âmbito nacional e internacional, no que diz respeito à uma crescente preocupação com questões relacionadas a gênero e a sexualidade, informam acerca da construção desta pesquisa (Aquino et al., 2002; Vance, 1995; Piscitelli et al., 2004). Facchini, Daniliauskas e Pilon (2013) chamam a atenção para a criação, ainda nos anos 1980, dos primeiros canais de interlocução entre os movimentos feministas e de mulheres e o Estado (Farah, 2004).

Conforme pontua Citelli (2005), a emergência do movimento homossexual e do movimento feminista nos anos 1970, além de trazerem os temas para a pauta de organismos e agências internacionais, despertaram no Brasil o interesse das Ciências Sociais pelas temáticas na passagem dos anos 1970 para os 1980. Nos anos 1990, frente ao avanço da epidemia do HIV/AIDS e o “reflorescimento do ‘movimento homossexual’” ocorre o crescimento exponencial de propostas relativas à visibilidade das homossexualidades, que acaba por multiplicar os atores políticos no campo da sexualidade e também dos direitos sexuais (Facchini et al., 2013).

Para além disso, outras mudanças sociais, como a queda da taxa de fecundidade e o crescimento da população idosa, se relacionam com o aumento do interesse pelos temas relacionadas a gênero e sexualidade, mobilizando não só o interesse acadêmico pelos temas, mas colocando essas questões no centro do debate público das últimas décadas. Temos como exemplo a homossexualidade que, apesar do processo de “cidadanização” pelo qual teria passado (Carrara, 2015), não deixou de ser alvo, ainda recentemente, de diversas polêmicas de amplitude nacional.

---

<sup>3</sup> Não pretendo realizar uma discussão sobre a distinção entre pornografia e erotismo, mas cabe citar que, assim como Gregori & Díaz-Benítez (2012) e Hunt (1999), parto do fato de que não faz sentido estabelecer uma distinção entre os dois termos, de modo a alertar sobre as limitações da determinação formal dessa separação.

Nesse sentido, Safatle (2013) aponta que o conflito em torno dos direitos dos homossexuais deixou de ser algo de interesse restrito por parte da comunidade LGBT e se tornou elemento de uma profunda discussão a respeito do “modelo de sociedade que queremos”. Para ele:

(...) a luta dos homossexuais por respeito e reconhecimento institucional pleno é, atualmente, o setor mais avançado da defesa por uma sociedade radicalmente igualitária e livre da colonização teológica de suas estruturas sociais. Por isso, ela tem a capacidade de recolocar em cena as clivagens que sempre foram o motor dos embates políticos (Safatle, 2013).

Nesse contexto, marcado por tamanho dinamismo, não apenas as convenções sociais acerca de gênero e sexualidade sofrem importantes mudanças, como também podem ser tomadas como *locus* privilegiado para refletir sobre processos de mudança social. Este é o intento desta pesquisa, que parte de uma articulação entre estudos antropológicos brasileiros e referencial oriundo dos estudos de gênero e sexualidade de inflexão construcionista e pós-estruturalista (Foucault, 1993; Vance, 1995; Weeks, 1981, 1985). Nesse sentido, tematiza a mudança social, especialmente no que diz respeito às convenções sociais relacionadas a gênero e a sexualidade na sociedade brasileira nas últimas décadas.

No que diz respeito à produção nacional sobre o tema, o BDSM passa a ser tematizado na literatura socioantropológica brasileira a partir dos anos 2000 e a maior parte da literatura recentemente produzida nesse campo disciplinar no país trabalha com redes de praticantes que se reúnem em espaços de sociabilidade como clubes ou festas em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Fortaleza ou com sites, blogs e redes sociais na internet (Leite Júnior, 2000; Facchini, 2008, 2011, 2012; Gregori, 2008, 2010, 2016a; Melo, 2010; Silva, 2015; Bohrer, 2016).

A necessidade de entender o que se convencionou chamar de BDSM no contexto brasileiro a partir de seus próprios termos, sem desconsiderar suas conexões com outros atores sociais no Brasil e no exterior e suas mudanças em relação a diferentes contextos, se configura como preocupação desta pesquisa. Para tanto, tenho pensado no BDSM a partir de um conjunto mais amplo de mudanças nas convenções acerca de gênero e sexualidade na sociedade brasileira desde o período da abertura política até a primeira metade dos anos 2010, tomando por referência uma perspectiva recentemente creditada ao trabalho de gerações de pesquisadores brasileiros. De acordo com essa perspectiva: “o

estudo da sexualidade [...], mais do que um meio de revelar experiências silenciadas, oprimidas e marginalizadas, [é] uma chave para o entendimento das convenções culturais e das estruturas de poder mais amplas” (Carrara; Simões, 2007: 76).

Jorge Leite Júnior (2000: 6) já indicava a importância de se olhar para a produção escrita dos adeptos do BDSM para observar esses processos de mudança, tendo trabalhado, dentre outras fontes, com a produção internacional feita “por adeptos, sobre adeptos e para adeptos” da década de 1990. Tomando então a produção textual como fonte privilegiada para a compreensão desses processos, me propus a mergulhar nas redes relacionadas à produção de uma *comunidade* em torno do SM e/ou do BDSM no Brasil a partir de material produzido por adeptos e/ou divulgadores dos anos 1980 aos 2000.

Ao realizar uma análise que tem como um de seus objetivos compreender a coprodução de conhecimento de adeptos do BDSM e atores relacionados ao campo médico-científico e jurídico, procuro iluminar novas questões para além do que vem sendo tematizado no âmbito dos estudos que tomam a homossexualidade como ponto de partida para pensar questões relacionadas a direitos sexuais.

Em seu trabalho, Facchini (2008, 2011, 2012) aponta conexões entre redes de ativistas feministas, ativistas homossexuais, engajados na luta contra a ditadura militar no período da abertura política no Brasil e a participação em grupos de reflexão ou publicações voltados para a ampliação dos limites das condutas sexuais tidas como aceitáveis. Uma das entradas nessa rede de pessoas que estiveram ligadas à criação do movimento homossexual ou do movimento feminista no Brasil também dá acesso a *fetichistas*, praticantes de BDSM ou de *troca de casais*.

A autora assinala tais redes como lugar privilegiado para pensar relações entre convenções igualitárias e práticas eróticas, bem como sobre processos de mudança social relacionados a convenções acerca de gênero e de sexualidade. Isso acontece porque o BDSM mobiliza hierarquias sociais como fonte para a elaboração de “roteiros eróticos” (Gagnon, 2006) por parceiros que, apesar de ocuparem lugares hierarquizados nas práticas eróticas, mantêm na vida cotidiana (ou vida *baunilha*, como é chamada pelos praticantes) uma posição que não deve ser profundamente marcada por hierarquias, o que é pressuposto para que haja possibilidade de consentimento (McClintock, 2010; Facchini, 2008; Gregori, 2010, 2016a).

A exploração dessas conexões levou a pessoas envolvidas com produção artístico-cultural, com literatura, mas também, em alguns casos, com o mercado de bens eróticos (produção de literatura erótica, seja em livros ou revistas, e frequência a festas para *troca de casais*). Seguindo as pistas deixadas pelo campo realizado por Facchini (2008, 2011, 2012), cheguei a um conjunto de livros produzidos entre os anos 1980 e os anos 2000, trabalhando aqui com aqueles escritos por Glauco Mattoso e Wilma Azevedo – como fios condutores para delinear conexões entre atores no contexto da abertura política – e por Edgeh, cuja obra permite um contraponto com os dois autores mencionados, tendo em vista que se insere em um contexto mais recente, trazendo elementos diferentes para refletir a respeito de mudanças no período compreendido por esta pesquisa (1980-2014).

O livro de Glauco Mattoso analisado é um relato autobiográfico que incorpora referências literárias relativas ao fetiche por pés. Publicado em 1986, o “Manual do Pedólatra Amador – Aventuras & Leituras de um tarado por pés” foi republicado em versão “revista e ampliada” pela Editora Casa do Psicólogo/All Books em 2006, podendo ser considerado uma obra *sui generis* na carreira do autor, mais conhecido por sua produção como poeta que, embora tenha temática erótica, é reconhecida por seu valor artístico. Além de escrever obras literárias com temática fetichista, Glauco Mattoso integrou o comitê editorial do jornal “O Lampião da Esquina”, veículo da *imprensa nanica*<sup>4</sup> do período da abertura política, que circulou entre os anos de 1978 e 1981, tomando por foco principal a questão da homossexualidade, entre outras lutas de “minorias”, além de ter integrado o Somos – “Grupo de Afirmação Homossexual” – considerado o primeiro grupo brasileiro a tratar a homossexualidade como questão política. A obra de Glauco Mattoso é analisada nesta dissertação em suas duas edições, tendo em vista que há importantes diferenças de formato e conteúdo entre elas: a primeira, “Manual do Pedólatra Amador”, de 1986, pela Editora Expressão, e a segunda, “Manual do Podólatra Amador”, de 2006, pela Editora Casa do Psicólogo.

Wilma Azevedo publicou seus escritos inicialmente em revistas eróticas e, depois, os compilou em livros que poderiam ser descritos como de produção de baixo

---

<sup>4</sup> *Imprensa nanica* se refere, de maneira geral, às publicações do período da ditadura militar no Brasil que não faziam parte da grande mídia. Essas publicações eram produzidas geralmente por grupos que se identificavam com movimentos de contestação política e eram tidas como um espaço para a divulgação da situação do país e de lutas que não encontravam espaço nos grandes veículos de comunicação.

custo. A escritora é pouco notada fora do *meio* BDSM e, diferente de Glauco Mattoso, suas obras não têm caráter literário reconhecido. Wilma é considerada precursora/difusora do chamado *sadomasoquismo erótico*, visto que, tendo tomado contato com praticantes que se comunicavam via classificados eróticos de jornais e revistas, passou a produzir escritos ficcionais que *davam voz* às fantasias e às práticas dos integrantes desse *meio*. Três livros desta autora, publicados entre os anos 1980 e 2000, são aqui analisados: “A Vênus de Cetim” (1986), “Tormentos Deliciosos” (s/d) e “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998).

Os dois primeiros livros de Wilma Azevedo possuem o formato de “livros de contos” e diferem do último, publicado no período dos anos 1990-2000, que está muito mais próximo ao modelo “manual”, identificado por Zilli (2007). Este modelo estaria ligado à organização do discurso em um formato de fácil compreensão, uma espécie de guia, contendo geralmente em tópicos os principais assuntos debatidos pelos praticantes. A noção de uma “pedagogia” se articula fortemente com as obras escritas neste formato que se pretende didático e esclarecedor.

O último livro analisado é “Sem Mistério: uma abordagem (na) prática de bondage, dominação, sadismo e masoquismo”. A obra, que também possui o formato “manual”, foi publicado por Edgeh pela editora Cia. Do Desejo em 2002. Edgeh, pseudônimo de um jornalista adepto do BDSM, não aparece enquanto uma figura pública na cena BDSM nacional e não possui o mesmo reconhecimento como *pioneiro* que os outros autores aqui analisados. Ainda assim, o interesse na análise de seu livro se justifica pelo fato de que o mesmo oferece um contraponto interessante em relação aos outros autores, já que Edgeh teria estabelecido relações significativas com membros conhecidos na *cena*, sendo colaborador de diversas listas de discussão sobre o tema, além de realizar em sua obra um diálogo intenso com os debates e a circulação de categorias no que diz respeito à patologização do BDSM.

Nesta dissertação a metodologia utilizada é qualitativa, incluindo a análise de entrevistas, análise documental e observação de espaços *online* e *offline*, como blogs sobre o tema e encontros da *comunidade* BDSM. A análise documental teve por foco principal a análise dos cinco livros de conteúdo erótico acima mencionados, produzidos entre as décadas de 1980 e 2000, sendo complementada pela análise de livros produzidos no contexto estadunidense entre a década de 1970 e os anos 2000.

Entre as situações de campo privilegiadas nesta pesquisa estão eventos que congregam diversos atores sociais, tais como reuniões da *comunidade BDSM*, como o evento do Dia Internacional do BDSM, evento anual organizado até 2015 por um clube em São Paulo. Esses espaços de observação, para além de me possibilitarem fazer um primeiro contato com o *universo BDSM* e com as categorias que aí circulam, foram importantes na medida em que também informam sobre o alcance das redes nas quais localizo as obras analisadas, tendo em vista que não só referências são feitas à elas nos eventos mencionados, mas os próprios autores destas obras e outros praticantes também circulam por estes espaços.

## **1. Metodologia e produção dos dados da pesquisa**

A metodologia fez uso de técnicas qualitativas, incluindo a análise de entrevistas, análise documental e observação de espaços *online* e *offline*, como blogs sobre o tema e encontros da *comunidade BDSM*. Assim sendo, a articulação entre os diferentes métodos utilizados permitiu apreender o objeto estudado sem perder de vista seu caráter histórico.

No que diz respeito à metodologia, parte deste trabalho de pesquisa consiste na análise de livros produzidos por adeptos nos anos 1980 e nas duas décadas seguintes. A análise dos livros contribui para a pesquisa no sentido em que são reveladores do pensamento social dos autores (FRY, 1982a). Estes, ao compartilharem suas representações sobre os “perversos”, revelam discursos de legitimação que renegociam a todo o momento as teorias médico-científicas do século XIX, colaborando assim para a compreensão da “teia de significações sociais da qual esses indivíduos fazem parte e pela qual são envolvidos” (FRY, 1982a: 37), considerando o contexto no qual as obras foram produzidas e as categorias e convenções que delas emergem.

Nesse sentido, a análise dos livros e as observações realizadas nos eventos citados neste item permitiram mapear as redes que compõe os livros e traçar algumas relações com o contexto, a partir da identificação dos atores que permeiam essas redes. Nesta seção do presente texto trato das atividades realizadas tendo em vista a metodologia, assim, os subitens tratarão das três frentes de análise dessa pesquisa: análise documental, observação etnográfica e análise de entrevistas. Cada um deles traz uma

breve explicação sobre a produção e sistematização dos dados provenientes de cada uma das ferramentas de análise.

## **2. Análise documental**

A análise documental teve por foco principal a análise de cinco livros de conteúdo erótico produzidos nas décadas de 1980 e 2000, cujos autores são Glauco Mattoso, Wilma Azevedo e Edgeh, sendo os três nomes pseudônimos. Também fiz uso da coletânea “Sexo e Poder”, organizada por Guido Mantega (1979), rico documento de época, com artigos e transcrição de debates entre ativistas e intelectuais ligados a propostas de *liberação sexual* no período da abertura política. Este livro colaborou para acessar os debates que circulavam no contexto sociopolítico da escrita das obras no período da redemocratização.

A noção de “coprodução” de Sheila Jasanoff (2004), bem como a teoria do ator-rede (Latour, 2012; Strathern, 2014) aparecem como fundamentais para a compreensão das obras e autores analisados em relação aos contextos de produção, bem como permite pensá-los como pontos da rede, sem realizar uma distinção entre atores humanos e não-humanos.

Outros materiais que permitiram seguir as redes presentes nos livros analisados foram buscados, como é o caso de revistas eróticas nas quais circulavam contos, “cartas dos leitores”, anúncios e também livros e/ou pessoas citadas pelos autores. Esses materiais aparecem como pontos importantes, especialmente nas redes mobilizadas pelos romances eróticos do período da abertura política, indicando algumas articulações entre atores sociais, sendo a literatura, especialmente a literatura erótica, uma conexão muito forte, por meio da qual muitos adeptos do sadomasoquismo relatam ter passado a se interessar ou a se aproximar do *meio*, saindo de uma situação de isolamento, em uma retórica que lembra a dos ativistas homossexuais.

Do mesmo modo, outros materiais – de divulgação, textuais e/ou audiovisuais – produzidos acerca dos autores e suas obras também foram incluídos na análise, na medida em que auxiliaram na compreensão das motivações envolvidas na produção das obras, das relações existentes entre os autores ou no levantamento de informações acerca da trajetória dos mesmos. É o caso de vídeos encontrados no site *Youtube*, como

gravações de entrevistas cedidas por Wilma Azevedo e Glauco Mattoso em rede televisiva, do documentário sobre Glauco Mattoso intitulado “Filme para Poeta Cego”, lançado em 2012 pelo cineasta Gustavo Vinagre e da Revista BDSM LOVERS, produzida por praticantes brasileiros entre 2013 e 2015, dentre outros materiais audiovisuais encontrados ao longo da pesquisa.

A análise da circulação de categorias no *meio* BDSM nacional foi possibilitada a partir da contraposição com material produzido por ou a partir de praticantes nos Estados Unidos, a partir da década de 1970. Considerando as particularidades da emergência de uma *comunidade* SM em cada um dos países, lancei um olhar sobre as produções “Coming To Power” (1981), editado coletivamente pelas integrantes do Samois<sup>5</sup>, “Hard Corps” (1977), livro fartamente ilustrado publicado por Michael Grumley e Ed Gallucci e “The Second Coming”, coletânea editada em 1996 por Pat (Patrick) Califia e Robin Sweeney

Foram analisadas entrevistas com os autores dos livros mencionados e com outros praticantes/divulgadores de *sadomasoquismo erótico*/BDSM que se identificavam como tal no período compreendido pela pesquisa, a fim de aprofundar e complementar a análise das redes, formatos e conteúdo das publicações propiciada pelos livros e demais documentos. A partir dos livros, analisei as convenções de gênero e sexualidade presentes e de que modo elas se articulam com a circulação de categorias entre saberes médicos e convenções em redes ligadas ao entretenimento erótico, além de identificar a presença e as formas pelas quais emergem disputas de sentidos, em relação a discursos científicos, em torno da categoria *sadomasoquismo* na produção textual citada. As entrevistas ajudaram a recompor a rede e a identificar sentidos e motivações envolvidos nas ações dos autores, bem como os contextos sociopolíticos relacionados a mudanças nos formatos e conteúdo dos materiais produzidos.

As entrevistas e documentos se mostraram fundamentais nesta pesquisa, na medida em que colaboram para a apreensão do surgimento de uma *comunidade* BDSM e seus desdobramentos, no sentido de comunidade política imaginada que Anderson (1991) confere ao termo, como rede social de suporte individual, troca de conhecimentos e administração coletiva de riscos tidos como implicados nas práticas (Facchini, 2008). Ao

---

<sup>5</sup> Uma *organização S/M lésbico/feminista* estadunidense, segundo definição das próprias integrantes (SAMOIS, 1981, capa)

compreendermos as entrevistas como “testemunhos” dados pelos entrevistados, podemos pensar em um implícito e às vezes explícito “sujeito plural” nessas narrativas (McClintock, 2010). Nesse sentido, tanto as entrevistas quanto as narrativas presentes nos livros de Wilma Azevedo, Glauco Mattoso e Edgeh se afastam do sujeito singular, normalmente associado às autobiografias e diários, e alcançam sua identidade como extensão do coletivo. Se “(...) a voz plural é plural não no sentido de falar pelo todo, ou representar o todo, mas no sentido de que não pode ser ouvida fora de sua relação com as comunidades” (McClintock, 2010: 475), é impossível pensar as entrevistas e narrativas fora da rede de relações na qual elas se inserem.

As entrevistas e falas analisadas nesta pesquisa são de diversas origens e formatos, sendo duas delas transcrições de palestras feitas por Wilma Azevedo e Glauco Mattoso no evento do 7º Encontro Internacional do BDSM, realizado no Clube Dominna, em 2010. Há outras que foram recuperadas de outros trabalhos ou fontes, como da dissertação de mestrado “Reinventando o Sonho: História Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo” de Cláudio Roberto da Silva (1998) e da tese de doutorado de Regina Facchini (2008), “Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo”. Também foram utilizadas entrevistas publicadas na imprensa *mainstream*, como a entrevista com Glauco Mattoso publicada no jornal Estado de São Paulo, em janeiro de 1987<sup>6</sup>, entrevistas com os autores feitas em rede nacional (encontradas no *Youtube* e nos sites das emissoras que as veicularam) e de uma entrevista com Edgeh realizada por participantes de uma comunidade da rede social *Orkut*<sup>7</sup>.

### 3. Sistematização e análise dos dados

Uma leitura aprofundada dos livros permitiu a produção de enquadramentos para a sistematização e análise do material, tendo em vista os objetivos específicos que dizem respeito: 1) à composição das redes e à interlocução entre praticantes e outros

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://goo.gl/Hk9b8q>. Acesso em: 15.Set.2016.

<sup>7</sup> A entrevista em questão foi realizada por participantes da comunidade “Desejo Secreto” na rede social *Orkut*. A comunidade do referido site funcionava como uma espécie de extensão do fórum de mesmo nome, que foi analisado por Bruno Zilli (2007) em sua dissertação de mestrado. Embora extinta em 2014, a rede social *Orkut* possui um arquivo com todas as comunidades existentes da época de seu encerramento, o que permitiu a busca de material na página em questão.

atores como ativistas e cientistas; 2) à circulação e disputa de categorias relacionadas ao *sadomasoquismo*; 3) à variações no formato narrativo, nos conteúdos de tal produção, bem como no contexto sociopolítico e nas redes a partir das quais são produzidas as obras.

Sendo assim, para orientar a análise do material foi realizado um levantamento continuado de bibliografia, além da construção de um banco de dados no *Microsoft Excel 2013* para cada uma das seguintes obras: “A Vênus de Cetim” (Azevedo, 1986), “Tormentos Deliciosos” (Azevedo, s/d), “Sadomasoquismo Sem Medo” (Azevedo, 1998), as duas edições do “Manual do Podólatra Amador” (Mattoso, 1986; 2006) e “Sem Mistério” (Edgeh, 2002).

Tendo em vista os apontamentos de Strathern (2014), tomei os livros como pontos na “rede” de relações que pretendo estudar, pontos estes que condensam relações entre os atores envolvidos em sua produção. Sendo assim, os bancos de dados supracitados foram feitos a partir dos atores mencionados em cada livro, de forma a mapear as redes que perpassam as obras analisadas, identificar os pontos que se ligam e as relações que dali emergem. Para cada livro foi criado um banco de dados no Excel, que possui por sua vez cinco colunas, contendo as seguintes informações:

- a) Ator: a coluna indica o nome dos atores que aparecem no livro em questão;
- b) Detalhes: a coluna inclui detalhes sobre o ator social em questão, na maioria das vezes sobre sua ocupação, dentre outras informações;
- c) Página da Referência;
- d) Tipo de Ator: a coluna inclui detalhes sobre o tipo de ator, sendo eles: 1. “Personagens” (referente aos personagens tidos como “fictícios”); 2. “Referências sobre o autor e o livro” (diz respeito aos atores que são citados por outras pessoas, como aqueles citados no prefácio, posfácio, contracapa, etc, ou seja, que não são evocados pelo discurso do próprio autor ou autora); 3. “Contatos pessoais” (referente aos atores sociais citados pelo autor do livro em questão como aqueles que faziam parte dos contatos mais próximos dos mesmos, ou seja, estavam mais próximos dos autores dentro da rede analisada); 4. “Letras & Artes” (referente aos atores citados pelo autor que fazem parte do campo artístico e/ou literário); 5. “Ciência” (referente aos atores do campo médico e científico); 6. “Autorreferência” (diz respeito às citações de trabalhos e escritos do próprio autor

do livro, autocitação); 7. “Ativismo” (atores ligados ao ativismo no nível institucional, como instituições ou grupos); 8. “Contexto” (atores que auxiliam na compreensão do contexto da época).

- e) Classificação Secundária: a coluna inclui classificações mais refinadas acerca de alguns dos tipos de atores classificados na coluna imediatamente anterior, que se dividem em:
- f) Tipo de referência: a coluna indica se a referência dos autores dos livros aos atores possuem sentidos positivos ou negativos associados;
- g) Dados da citação: inclui detalhes sobre o contexto em que cada ator é citado.

“Personagens”	-----
“Referências sobre o autor e o livro”	-----
“Contatos pessoais”	- ativista - artista - acadêmico
“Letras & Artes”	- literatura erótica - literatura sobre tortura/violência/cárcere - literatura geral - literatura acadêmica - cinema - internet - música - quadrinhos e cartuns - revista/jornal - teatro - TV - rádio
“Ciência”	- sexologia - infectologia - psicanálise/psicologia
“Autorreferência”	-----

“Ativismo”	-----
“Contexto”	-----

A sistematização dessas informações em bancos de dados do Excel permitiu lançar novos olhares sobre o material, além de possibilitar confirmar algumas hipóteses a respeito das redes e dos atores presentes nos livros analisados, além da relação desses atores com o contexto mais amplo do período. Essas hipóteses são trabalhadas no capítulo II da dissertação.

#### 4. Observação de espaços online e offline

A observação de espaços *online* e *offline*, como blogs sobre o tema e encontros da *comunidade* BDSM contribuiu com a análise do material anteriormente citado. Conforme indicado nos trabalhos de Jorge Leite Júnior (2000), Bruno Zilli (2007), Marcelle J. da Silva (2012) e Raíra Bohrer dos Santos (2016), o *online* é espaço importante de troca de informações e circulação de saberes no universo a que me refiro. Embora não se trate de pesquisa que tem como central a discussão entre *online* e *offline* ou a realização de uma etnografia na internet, o *online* é um espaço ao qual dediquei atenção na condução desta pesquisa, acompanhando sites e blogs com a temática BDSM, como os sites “Senhor Verdugo”, “Reino de K@”, “The Foot Fraternity”, sites de grupos que lutam pela despatologização do sadomasoquismo, como “Revise F65” e “The National Coalition for Sexual Freedom (NCSF) (em português, “Coalisão Nacional pela Liberdade Sexual”), além de grupos fechados da rede social *Facebook*, como “BDSM Brasil”, “BDSM Brasil: Livros” e “SEM MEDO do Sadomasoquismo!!”, sendo este último criado e gerido por Wilma Azevedo, bem como a página da própria autora nesta rede social.<sup>8</sup>

Conforme já mencionado, realizei observação em duas ocasiões do Encontro do Dia Internacional do BDSM, organizado pelo Clube Dominna, em 2013 e 2014. O registro das observações realizadas nos sites acima citados e nos eventos pontuais dos

<sup>8</sup> Trata-se da página: <https://www.facebook.com/Wilma-Azevedo-673712392676438/?fref=ts>. Consultada em: 07.Out.2016.

quais participei, foi realizado em forma de notas, feitas em cadernos de campo ou em aplicativos de bloco de notas existentes em meu *smartphone*. As notas foram produzidas principalmente em momentos dos eventos onde era possível estar em posse de meu caderno e caneta, ou então de meu *smartphone*, anotando ou digitando o que era dito por cada pessoa e quais temas eram discutidos. Na maior parte do tempo isso foi possível, especialmente nas palestras e workshops do Encontro do Dia Internacional do BDSM. Em outros momentos dos eventos, quando não era possível estar com o caderno ou celular, optei por produzir os diários de campo ao retornar das atividades observadas.

## **5. Acerca da organização da dissertação**

O primeiro capítulo, intitulado “**Adentrando o campo: atores e processos de mudança**” procura situar os contextos históricos e sociopolíticos a partir dos quais as obras aqui analisadas foram produzidas e as características que marcam o *meio* constituído em torno do sadomasoquismo erótico ou do BDSM ao longo do período abrangido. Para tanto, delinheiro um breve histórico do BDSM no Brasil, salientando as peculiaridades da emergência de uma *comunidade* no país. Partindo inicialmente da noção de um “pioneirismo” mobilizada pela rede de praticantes que observei, sugiro a existência de três momentos distintos ao longo da constituição dessa *comunidade*, situando-a em relação às transformações políticas mais amplas e debates no campo científico e acadêmico, bem como à influência das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) a partir dos anos 1990. A partir de material coletado sobre o período, da análise de entrevistas, produção textual de praticantes/divulgadores do BDSM/*sadomasoquismo erótico*, observação *online* e *offline* e referências presentes na literatura socioantropológica brasileira e estrangeira que se dedicou ao tema, realizo nesse capítulo uma reflexão acerca dos embates mais recentes envolvendo o SM e sua relação com mudanças nas convenções sociais de gênero e sexualidade.

As análises empreendidas no segundo capítulo, intitulado “**Redes, atores sociais e literatura produzida por adeptos do sadomasoquismo no Brasil (1980-2000)**” partem de meus objetivos relacionados ao mapeamento da composição das redes presentes nos livros analisados e dos atores que integram essas redes. Para além disso, apresento as variações no conteúdo e no formato dos livros segundo as particularidades

de cada rede a partir das quais as obras são produzidas. No presente capítulo reflexiono acerca da rentabilidade da teoria ator-rede em minha pesquisa, tendo como base os textos de Bruno Latour (1997; 2012), Marilyn Strathern (2014) e Sheila Jasanoff (2004), chegando às críticas que Tim Ingold (2011) tece a essa teoria, além da proposta metodológica que o autor cria a partir do conceito de *meshwork*.

O terceiro capítulo, intitulado “**Discursos médico-científicos, circulação de categorias e disputas de sentidos**”, parte da observação de que os discursos da “ciência” ocupam um espaço importante na produção de conhecimento pelos praticantes de sadomasoquismo/BDSM. Tomo como base a perspectiva coprodutorista de Sheila Jasanoff (2004), que compreende a ciência como coproduzida a partir de uma pluralidade de diferentes saberes, heterogêneos, hegemônicos e contra-hegemônicos, sendo todos eles necessários para a renovação constante de conhecimento. Sendo assim, este capítulo tem por objetivo apontar a maneira pela qual “ciência e sociedade” e “conhecimento e sociedade” são coproduzidos a partir de diferentes redes, contextos sociopolíticos e trajetórias e de que maneira diversas categorias estão sendo criadas e disputadas pelos atores envolvidos nas redes que permeiam as obras analisadas, sempre em relação a um discurso médico-científico e jurídico que não é homogêneo, muito menos constante ao longo do tempo.

As **Considerações Finais** recuperam as principais conclusões de cada capítulo e apresentam uma reflexão sobre as potenciais contribuições que as análises empreendidas nesta dissertação trazem para o campo da Antropologia Social, bem como para os Estudos de Gênero e Sexualidade.

## I. Adentrando o campo: atores e processos de mudança

Esse capítulo procura situar os contextos históricos e sociopolíticos a partir dos quais as obras aqui analisadas foram produzidas e as características que marcam o *meio* constituído em torno do *sadomasoquismo erótico* ou do BDSM ao longo do período compreendido por esta pesquisa (1980-2014). Para tanto, pretendo traçar um histórico do BDSM no Brasil, salientando as peculiaridades da emergência de uma comunidade no país, distinta daquela ocorrida nos EUA e Europa nos anos 1970 e 1980. Tenho como objetivo refletir sobre a coprodução entre os contextos e as obras escritas por praticantes/divulgadores do *sadomasoquismo* no Brasil no período, à luz das referências presentes na literatura socioantropológica brasileira que se dedicou ao tema. Procuo, ainda, situar transformações políticas mais amplas e mudanças no campo científico, especialmente no que diz respeito aos campos de conhecimento mais acionados para refletir sobre a sexualidade, a sexologia e as ciências psi.

### 1. Um pioneirismo SM

O tom autobiográfico presente no livro de Glauco Mattoso (1986), assim como naqueles publicados sob autoria de Wilma Azevedo (1986; s/d; 1998) e Edgeh (2002), se mescla com uma franca inspiração em literatura classificada como erótica ou pornográfica. No entanto, a rede de autores e citações nos textos mostra conexões mais amplas, como aquelas com ativistas contra a ditadura, feministas ou por liberação sexual no Brasil, grupos ativistas do exterior, com produtores de artes (teatro, artes visuais) e de literatura não necessariamente relacionada ao campo do erótico/pornô, além de dialogar fortemente com a produção de conhecimento no campo científico. Essa literatura tem claras intenções militantes, conforme retomado posteriormente na apresentação de uma antologia sadomasoquista da literatura brasileira, organizada por Antonio Vicente Serafim Pietroforte e Glauco Mattoso e publicada em 2008:

A segunda parte, central para a antologia, cuida de contemplar as obras de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso. **Militantes SM's**, ambos praticamente introduziram o tema na literatura brasileira por volta da década de 70 do século XX, e permaneceram insistindo nele até os dias de hoje. Ambos merecem um

destaque especial, sem os dois não haveria SM explicitado tão cedo no Brasil.

(...) Uma antologia sempre é feita de escolhas; esta com certeza está longe de ser completa, é apenas ilustrativa do tema. (...) Além das escolhas, as antologias também têm seus objetivos. A nossa tem, pelo menos, o de problematizar o SM, e trabalhar para sua devida inserção na cultura brasileira, buscando dar continuidade aos trabalhos de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso (Pietroforte, 2008: 18, negrito meu)

Embora os dois autores sejam apontados por Pietroforte como “militantes SM”, é interessante notar que o uso do termo não seja recorrente na *cena* SM brasileira (muito menos fora dela), ocorrendo de maneira mais explícita e frequente nas comunidades dos EUA e Europa. A noção de uma “militância SM”, entretanto, não deixa de transparecer nas falas e textos dos autores, que parecem compreender muito bem o sentido pioneiro e ativista de seus trabalhos, evidenciando-o sempre que possível.

Em 2010, Wilma Azevedo e Glauco Mattoso foram convidados a fazer falas no evento do Dia Internacional do BDSM, realizado pelo Clube Dominna. O Clube, sobre o qual discorrerei mais adiante neste capítulo, foi um famoso espaço de encontro de praticantes na *cena* paulistana durante os anos 2000, tendo a frequência de suas atividades diminuídas a partir de 2010 (quando o clube deixou de ter uma sede própria) e extintas em 2015. O Encontro do Dia Internacional do BDSM foi um evento de caráter anual realizado pelo clube por muitos dos anos em que esteve ativo. Embora não tenha realizado trabalho de campo na edição mencionada do evento, tive acesso a uma gravação das falas de ambos<sup>9</sup> e à transcrição das mesmas.

As falas dos autores tiveram como mote principal o início do SM no Brasil, sua história, bem como suas próprias trajetórias pessoais e profissionais, sendo todos estes temas profundamente emaranhados. A presença de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo como convidados do evento, assim como relatos que presenciei durante campos pontuais realizados em 2013 e 2014, demonstram que seu pioneirismo é reconhecido pela comunidade SM no Brasil. As obras, por sua vez, não tiveram lugar apenas em suas falas, mas estavam ali também materializadas: Glauco, ao fazer referência a seu livro “A Planta da Donzela” (2005), espécie de paródia do livro “A Pata da Gazela” de José de Alencar (1870), comenta que o livro estava sendo vendido durante o evento.

---

<sup>9</sup> A gravação foi disponibilizada por curto período de tempo no *Youtube*, com acesso para quem possuísse o link dos vídeos.

A produção textual dos autores também é mencionada como fonte de conhecimento sobre o tema nos grupos do *Facebook* com os quais tive contato, sendo que os livros de contos de Wilma são mencionados e sugeridos como referências – ora são contextualizados como parte da história do SM nacional, ora aparecem como mais uma referência dentre muitas outras. Estes livros, escritos nos anos 1980, são quase sempre referidos como difíceis de serem encontrados. Por sua vez, o livro mais recente da autora, “Sadomasoquismo Sem Medo”, é visto por praticantes como aquele que teve maior repercussão na mídia e pode, inclusive, ser encontrado facilmente na internet para *download*.

Algumas das explicações para isso poderiam residir no fato do livro ser mais recente, tendo sido publicado em 1998, enquanto os outros livros publicados nos anos 1980 não contam com novas edições<sup>10</sup>. Ao mesmo tempo, numa primeira análise, o livro de Glauco com o qual trabalho poderia ser considerado de mais fácil acesso, por contar com reedição recente, por editora reconhecida dentro do campo das publicações da área da psicologia. Um olhar pouco mais aprofundado mostra que, embora estes argumentos pareçam apropriados, a circulação das obras não ocorre somente por estas serem mais ou menos recentes, mas depende de muitos outros fatores, como as próprias trajetórias dos autores, bem como as redes nas quais os mesmos estavam (e estão) inseridos e a construção de um “nome”, que é lido de diferentes maneiras a depender dos espaços pelos quais circula a produção textual, temas do segundo capítulo desta dissertação.

Presenciei um sorteio do livro “A Vênus de Cetim” (1986) de Wilma Azevedo, no evento do Domimna que acompanhei em 2014. Dentre aqueles que ali estavam, a grande maioria parecia conhecer a autora e o sorteio do livro mobilizou a atenção de grande parte do público presente naquele momento.

O episódio é bastante ilustrativo, pois informa a respeito das relações que são estabelecidas entre a produção das obras nos anos 1980 e 1990 e as práticas realizadas no

---

<sup>10</sup> Em entrevista veiculada no programa televisivo “Vanguarda Comunidade” (afiliada da Rede Globo do Vale do Paraíba e Região), em 25 de Agosto de 2014, Wilma comenta acerca do relançamento de seus livros e da publicação de um novo livro “autobiográfico”, que contaria “toda a história da jornalista e escritora Wilma Azevedo”. Segundo a autora, após uma de suas entrevistas no “Programa do Jô” (também da Rede Globo), todos os seus livros teriam praticamente esgotado, sendo que restaram apenas alguns exemplares em posse da autora. Em postagem feita em sua página pessoal no *Facebook*, afirma que seu novo livro autobiográfico está sendo escrito em formato de trilogia e se chamará “Farândola - A Verdadeira História de Wilma Azevedo”. Até o momento da escrita desta dissertação, o livro não havia sido lançado.

âmbito das festas realizadas nos últimos anos, bem como diz algo acerca da formação da comunidade SM no Brasil que, a meu ver, teve nos livros um de seus primeiros espaços de expressão e legitimação e, de certa maneira, se fazem presentes e circulam na *cena* até os dias de hoje:

[Li] Um conto da Wilma Azevedo na antiga revista Status, em plena ditadura, se chama “Submissão”, é um dos poucos em que a Wilma faz papel de submissa. Depois, Glauco Mattoso, com a polêmica do lançamento do “Manual do podólatra amador” em sua primeira edição (...) (Depoimento Anônimo 1).<sup>11</sup>

O depoimento acima faz parte de um trabalho de “levantamento da história da comunidade BDSM nacional”, através de entrevistas com praticantes e pessoas ligadas ao *meio*, realizado por duas das organizadoras do I Encontro BDSM no Cerrado. O evento foi construído por praticantes no ano de 2008 em Brasília/DF que, inicialmente, o haviam idealizado como um evento nacional. Alguns destes praticantes foram interlocutores de Fátima Regina Almeida de Freitas (2012) durante sua pesquisa de mestrado, que versava sobre a prática do BDSM no Estado de Goiás e no Distrito Federal, tendo como principal campo a internet. Uma das principais articuladoras do Encontro, “Vaquinha” (Vaca Profana), afirmou em entrevista realizada por Freitas ter realizado “mais de 70 entrevistas com praticantes das antigas, alguns já ‘aposentados’”, mas que ainda não havia publicado o material, tendo apresentado no Encontro de 2008 um “resumo dessa história” (: 62).

Freitas (2012) afirma ter recebido por e-mail, após a entrevista com “Vaquinha”, um arquivo em *Word* contendo 15 páginas de depoimentos, intitulado “Painel da história e histórias do BDSM Nacional”. O conteúdo deste documento não foi disponibilizado em sua dissertação, sendo assim, tive acesso parcial aos depoimentos a partir do blog “O curral da Vaca”, onde pude encontrar diversos trechos dessas entrevistas, que trazem histórias de praticantes acerca de seus primeiros contatos com o BDSM, além de fotos do painel produzido para o evento.

Wilma Azevedo e Glauco Mattoso, bem como seus escritos, são citados em muitos dos depoimentos encontrados nesse blog como um primeiro contato dentro do SM ou, ao menos, referenciados como precursores. Os trechos, embora não identificados

---

<sup>11</sup> Os trechos por mim definidos como “Depoimento Anônimo 1”, “Depoimento Anônimo 2”, “Depoimento Anônimo 3” e “Depoimento Anônimo 4” são de depoimentos não identificados que foram disponibilizados por “Vaquinha” em seu blog “O Curral da Vaca”: <https://ocurraldavaca.wordpress.com/2015/07/30/3/>. Acesso em: 22.Out.2016.

individualmente, são seguidos por uma lista de colaboradores que possui, dentre muitos outros nomes, os de Glauco Mattoso e Edgeh, sendo este último o terceiro autor por mim investigado nesta pesquisa. A autora do blog afirma ainda que foi “estabelecido como marco inicial o trabalho de Wilma Azevedo, por ser o referencial escrito que tínhamos conhecimento”. Dos trechos, surgem um profusão de trajetórias e histórias pessoais, intimamente entrelaçadas com as redes que permeiam os livros:

Li “Vênus de Cetim” e resolvi entrar em contato com as pessoas do livro, eu não sabia nada, nem como entrava em contato com as pessoas, então resolvi colocar um anúncio erótico. Isso foi em 1991, não tinha internet e nem nada disso. No 1º anúncio foi uma loucura o que vinha de cartas, foram mais de 500 cartas. E uma das cartas me chamou a atenção porque era de um dos personagens que eu tinha visto nesse livro, que foi Cosam Atsidas (Depoimento Anônimo 2).

Mais do que um simples personagem do livro de Wilma Azevedo, Cosam Atsidas foi inspiração para boa parte dos contos que estão nos livros da escritora e com ela teve um relacionamento por alguns anos. Ao contar das experiências que teve com o praticante, Wilma afirma que Cosam, já falecido, foi seu primeiro contato do *meio*, além de ter sido seu “instrutor em Sadomasoquismo”. A relação que tiveram e suas implicações para a trajetória de Wilma são narradas com maiores detalhes no capítulo II. Por ora, é suficiente saber que Cosam também é uma figura reconhecida como um dos precursores do SM no Brasil, sendo seu nome bastante lembrado nos eventos que acompanhei, bem como nos depoimentos aos quais tive acesso:

Passou-se um tempo até que eu anos depois vim a conhecer BARBARA REINE e por coincidência ela tinha conhecido as pessoas desse grupo: Cosam muito, foi inclusive iniciada por Cosam. Quando eu a conheci ela já era Domme e ela tinha um passado de conhecimento com Cosam e conhecimento de outras pessoas do grupo que ela frequentou depois da minha época e isso me abriram (sic) as portas do grupo dela em São Paulo – o SoMos<sup>12</sup> – eu participei de um munch e eles tinham por regra que as pessoas só poderiam frequentar a play se fossem ao munch e tivessem conhecimentos primeiro. Nessa ocasião não havia um ambiente SM, havia um grupo grande em São Paulo que se reunia uma vez por mês numa boate chamada DJ, fechavam a boate e faziam uma festa durante a semana e isso apresentava alguns inconvenientes. Até que um dia a BARBARA REINE e o Klaus resolveram montar um bar temático e fundaram o Valhala mas havia uma amizade muito grande entre todos nós e o Valhala seguiu o seu caminho por aproximadamente

---

<sup>12</sup> Importante apontar a existência de dois grupos distintos e marcar suas diferenças: o SoMos (com M maiúscula) foi um grupo voltado para a prática de BDSM, fundado no início dos anos 1990. O Somos, que também aparece com frequência nesta dissertação, foi um grupo ativista fundado nos anos 1970, que tinha como objetivo lutar pelos direitos dos homossexuais.

dois anos até que ele acabou sendo vendido. Hoje nós temos o Clube Dominna (Depoimento Anônimo 3).

Bárbara Reine, outra praticante que aparece nos depoimentos encontrados, foi uma das fundadoras do SoMos, grupo organizado por alguns praticantes para a prática e encontros de discussão sobre BDSM, bem como ajudou a articular o Valhala, bar temático mencionado acima. O SoMos, apresentado mais adiante neste capítulo, tem seu site<sup>13</sup> citado por Edgeh no livro “Sem Mistério”, na seção “Para Saber Mais”. Observa-se que ele e Bárbara Reine aparecem na lista de pessoas entrevistadas por Vaquinha para o “memorial” do SM brasileiro que esta organizou, o qual menciono acima, indicando que os dois já fizeram parte da mesma rede de pessoas. Edgeh, que publicou seu livro no período dos anos 2000, foi também participante ativo da lista *online* de discussão “Desejo Secreto” e, posteriormente, da comunidade do *Orkut* de mesmo nome.

Embora não seja considerado um pioneiro, no sentido estrito do termo, até mesmo por conta do período mais recente em que escreveu, certamente Edgeh é tido por muitos praticantes de BDSM como alguém “importante” na *cena* dos anos 2000. Ele é lembrado não só por conta do livro que escreveu sobre o tema, como por sua frequente e intensa participação nos fóruns *online* sobre BDSM.

## 2. Os contextos de escrita das obras

Os livros com os quais trabalho nesta pesquisa conformam um conjunto heterogêneo. Para além das especificidades dos autores que os escreveram, e aquelas referentes às diferenças de formato e conteúdo, me interessam os contextos nos quais foram produzidos. Não se trata de tomar o contexto como ponto de partida para pensar as obras, já que estas também o constituem, mas de pensar de que maneira os contexto e as obras se coproduzem. Os livros não são pontos isolados na rede, se entrelaçando no contexto em que foram escritos, o que fica evidente ao observar que seus autores, embora circulassem por espaços diferentes no período, se conheciam e se referenciavam uns aos outros. É interessante notar que Wilma Azevedo e Glauco Mattoso citam-se mutuamente nesses livros, bem como a Henfil, que aparece no livro de Glauco como *podólatra confesso* e, nos de Wilma, como interlocutor, cúmplice e inspiração para um conto.

---

<sup>13</sup> Infelizmente o site do SoMos já não estava acessível/*online* no período em que se realizou essa pesquisa.

Henfil, que escreve inclusive o prefácio e a capa posterior de um de seus livros, é por ela referido nos seguintes termos:

Henfil – o nosso famoso cartunista, o primeiro homem público a assumir essa posição aqui no Brasil, revelando em artigos, entrevistas e palestras que os seus Fradins<sup>14</sup> são os refletores de seu próprio ego, porque é um Masoquista assumido – ajudou muitos homens a se libertarem do peso de ser Masoquistas. Homens que haviam se casado com mulheres que não tinham nada a ver com as suas tendências e predileções sexuais partiram à procura de quem os satisfizesse melhor na cama e, hoje, são muito felizes. Muitos homens que passam o dia todo vestidos com a sua “capa” de Macho, por imposição do trabalho, meio ambiente e outros motivos, à noite estão morrendo de vontade de abandonar a sua máscara de mandões e machistas, para se tornar brincados sexuais nas mãos de mulheres inteligentes e fortes que os submetam a seus caprichos e vontades! (Azevedo, 1986: 168).

O direito ao prazer e à felicidade e os ideais que colocam homens e mulheres em posição de igualdade na busca desses *direitos*, ainda que para tanto seja preciso lutar contra o peso da tradição, articulam o trecho acima, remetendo diretamente ao clima presente no fim dos anos 1970, momento de efervescência cultural e política tão bem retratado em escritos sobre o início do movimento homossexual (Fry; MacRae, 1983; MacRae, 1990).

Anterior a este período de maior efervescência, temos o fim da década de 1960 como a época de maior repressão da ditadura militar, na qual quaisquer questionamentos do “sistema vigente” eram punidos pela censura e pela violência policial. As manifestações artísticas do período, após a criação do AI-5 em 1968, sofreram um duro golpe, mas não deixaram de expressar seu descontentamento: “Se não era possível criticar publicamente o regime ou o sistema econômico, questionava-se as bases sagradas da vida cotidiana” (Fry; MacRae, 1983: 20). Sendo assim, o debate das questões relativas à sexualidade ficava restrito a pequenos grupos que vivenciavam o *desbunde*, alguns círculos acadêmicos, à expressão de artistas como Ney Matogrosso ou os Dzi Croquettes, dentre outras pequenas parcelas da população.

---

<sup>14</sup> Os Fradins foram alguns dos personagens mais famosos criados por Henfil. Nos quadrinhos, dois frades, *Baixim* e *Cumprido* – dentre outros personagens – faziam críticas sociais, políticas e religiosas. O regime militar também era alvo das críticas, ainda que estas fossem feitas através de metáforas para não serem notadas pela censura (Izidoro, 1999). Os dois personagens são considerados por muitos, como aponta Wilma Azevedo, faces da personalidade do próprio Henfil.

Narrativas apresentadas por Cláudio Roberto da Silva (1998) em sua dissertação informam sobre um aparente paradoxo pelo qual passava a moral sexual durante os chamados “anos de chumbo” da ditadura:

Morando no Rio de Janeiro, exatamente no meio da década de setenta, presenciei um período em que o regime militar ainda estava bem fechado. Marginalmente, porém, de uma forma meio liberada, aconteciam muitas coisas: todo o desbunde, ocorrido após a mobilização universitária do final dos anos sessenta e durante os anos setenta, toda a droga, o hippismo. O A.I.-5 que representou o período mais repressivo da ditadura, levou camadas da juventude a uma maior liberalidade nos costumes. O que pode parecer um paradoxo, com um arroxio tão grande do ponto de vista político, as pessoas se entregando a uma vida livre [...] (Depoimento de Glauco Mattoso à Cláudio R. da Silva, 1998: 77).

Esse duplo movimento que aparece na fala de Mattoso – repressão acirrada *versus* uma maior liberalidade no campo dos costumes – pode ser pensado à luz do livro *Sexo e Poder*, organizado por Guido Mantega. A obra, publicada em 1979, é um rico documento da época, contendo artigos e transcrição de debates entre ativistas e intelectuais ligados a propostas de *liberação sexual* no período da abertura política. Nomes “conhecidos” no círculo intelectual-ativista dos movimentos pelo fim da ditadura permeiam o livro, sendo interessante observar que o próprio lugar de *ativista e intelectual* dos que compõe a obra é bastante borrado, como é o caso da psicanalista Maria Rita Kehl, do jornalista Flávio Aguiar, do cineasta Jean Claude-Bernardet, da socióloga Maria Lygia Quartim de Moraes, assim como de Glauco Mattoso, dentre outros. Guido Mantega escreve a introdução da coletânea:

Neste final dos anos 70, a família brasileira assiste ao afrouxamento da censura sexual no país. Finalmente estamos “amadurecidos” para encarar de frente bundas e peitos, e mesmo para ver de relance os pelos púbicos que se insinuam nos cantos mais escuros das telas dos cinemas e nas páginas dos Play boys caboclos. Nos vídeos das tevês já se fala em aborto, necessidades sexuais, educação sexual nas escolas, e outros assuntos “apimentados”.

É a revolução sexual? O esfacelamento da moral da tradicional família brasileira? Ou apenas um efeito colateral da “redemocratização lenta, gradual e restrita”?

Uma coisa é certa: a “moral”, os “bons costumes”, e principalmente os “maus”, continuam sendo uma questão de Estado, uma ameaça à segurança nacional e um risco à ordem e manutenção da família.

E quanto mais autoritário for o país, mais a sexualidade de seus cidadãos será reprimida. Mas nem sempre o autoritarismo veste uniformes militares e encarcera os indivíduos em plena luz do dia. Ele pode ser sutil, invisível; estar incorporado em cada indivíduo, mesmo nas sociedades de aparência a mais democrática... Do mesmo jeito que a maior nudez, por si só, não é sinônimo de liberação da sexualidade.

O autoritarismo e a repressão sexual mais eficazes não são vistos a olho nu (Mantega, 1979: 5).

Os debates trazidos nesta obra articulam de modo bastante significativa debates acerca do que poderíamos chamar de esquerda, naquele momento, das minorias e de teorias da psicanálise. A obra se mostra interessante sobretudo porque recupera debates intelectuais de pessoas próximas ao ativismo de “minorias”, inclusive de minorias sexuais no período. As referências teóricas que aparecem no livro são pistas do engajamento teórico e intelectual que mobilizava os autores de seus capítulos, bem como das falas ali presentes, onde aparecem Marx, Engels, Foucault, Freud, Reich, Lacan, dentre outros autores.

Um dos debates contidos no livro, realizado em março de 1979 por ativistas do grupo Somos, dentre os quais Glauco, aponta a existência de uma “tolerância seletiva” em relação à homossexualidade naquele momento de transição da ditadura para a abertura política. Nesse período, não haveria uma repressão direta contra a homossexualidade, desde que notícias sobre o tema não chegassem ao grande público e esta não se constituísse como uma “ameaça ao sistema” (: 153). Nesses casos, porém, a repressão e a censura agiriam fortemente, como observado nas intimações para depor de diversos jornalistas do período e na perseguição ao Jornal “Lampião”, diretamente ligado ao grupo Somos. Essa “tolerância seletiva” estaria relacionada a uma situação retratada como a de falta de um “inimigo” claro contra quem lutar, que criaria uma espécie de “anestesia coletiva”, sendo a tolerância a uma forma “alienada da existência do homossexual” um dos piores tipos possíveis de violência (: 152).

Nesse contexto de ativismo do movimento homossexual e de luta contra a ditadura se inserem as narrativas de Glauco Mattoso no livro “Manual do Podólatra Amador” (2006 [1986]). O autor, que viveu na cidade de São Paulo durante boa parte do período da ditadura militar, teve suas experiências – especialmente em relação à sua homossexualidade e seu fetiche – diretamente influenciadas pela repressão e censura daquele momento, mas também pelo apoio encontrado nos círculos dos quais fazia parte. Seus relatos nos conduzem dos arredores da avenida Sapopemba (periferia da zona leste de São Paulo), nos anos 1950 e 60, para o centro de São Paulo no período da ditadura, e para Rio de Janeiro e São Paulo no período da abertura e da redemocratização.

Em pleno governo Médici – tido como o mais repressor da ditadura militar – em meio à atmosfera da Boca do Luxo, é possível acompanhar através da obra seus

tempos na graduação em biblioteconomia na Escola de Sociologia e Política, curso que na época era frequentado por poucos homens, em geral “caretas demais para serem considerados subversivos”, mas também suas aventuras fazendo-se passar por calouro entre os veteranos e bichos do Mackenzie. O início da vida profissional leva-o para o Rio de Janeiro, onde participou em 1977 de reuniões de um grupo de estudos sobre homossexualidade e estabeleceu contato com João Silvério Trevisan, que fazia o mesmo em São Paulo. Voltando a São Paulo no fim da década de 1970, envolve-se com a criação do jornal “Lampião” e do grupo Somos:

Foram os "saraus" homossexológicos de Marcelo [Liberalli] e seu contato com Trevisan o que me serviu de ponte pra duas experiências decisivas: participar do jornal Lampião e do grupo Somos, respectivamente o primeiro periódico vendido em bancas e o primeiro coletivo exposto em público a levantar a bandeira da "Santa Causa", como se apelidava a vida guei, até então sem a seriedade e coragem necessárias pra sustentá-la fora dos guetos (Mattoso, 2006: 135).

[A atuação no Somos implicava a participação em eventos], sempre sustentando a grande tese da época: que a conscientização do homossexual passaria necessariamente pelo repúdio anarquista de toda estrutura de poder, incluindo a família, o casamento hetero (sic), a divisão de papéis ativo & passivo, a monogamia, a fidelidade, o ciúme, o mero compromisso. [...] A "abertura" do governo Figueiredo trouxe de volta Gabeira, Herbert Daniel e outros teóricos da "política do corpo", mas quando eles chegaram, nós já tínhamos reservado nosso camarote ao lado das demais "minorias" (negros, mulheres, índios) que bagunçavam o coreto dos esquemas simplistas [...], até então vigentes na cabeça e no discurso dos intelectuais engajados, que só pensavam em "luta maior", isto é, tomar o poder (Mattoso, 2006: 148-149).

Embora não estivesse diretamente envolvida nas lutas sociais emergentes do contexto sociopolítico da ditadura e da abertura política, Wilma Azevedo e sua produção textual – mais ligadas ao contexto do mercado de bens eróticos do fim dos anos 1970 – sofreram influências profundas da censura do regime militar, bem como estavam de alguma maneira ligadas às redes acima mencionadas, tendo em vista que a autora possuía relações com diversos atores envolvidos nos movimentos de liberação sexual, inclusive com Glauco Mattoso e Henfil. Acerca da produção nesse período da abertura política, Wilma comenta:

Com a baixa do falso moralismo imposto pelo afrouxamento da censura e o relaxamento dos padrões sociais mais rígidos, (final da década de 70), vieram a público revistas explícitas sobre assuntos diversos, que são verdadeiros

estudos de sexologia. Tornaram-se uma constante os relatos mostrando formas exóticas, mas nada de tão desprezível e temeroso. Em 80, quando outros jornalistas consideravam o SME “pornografia barata”, sem grande interesse, percebi que estava na hora de alguém defendê-lo. Por experiência própria, sabia que não causava nenhum horror. Quem os pratica com equilíbrio, **respeita a fantasia e o limite do outro** e não prejudica ninguém, apenas realiza suas fantasias tornando-se feliz (Azevedo, 1998: 14, negrito da autora).

Enquanto Glauco Mattoso estava envolvido em grupos ativistas no período, Wilma nos conta em “Sadomasoquismo Sem Medo” acerca de sua tentativa de fundar o Fantasy Club em 1985, um grupo que possuía o objetivo de unir os praticantes brasileiros de SM “através de correspondência para troca de informações e amizade” (Azevedo, 1998: 81). Contando com a ajuda de amigos, que posteriormente seriam parte de sua equipe, Wilma tinha a ideia de produzir um pequeno jornal por ela editado, que seria entregue aos interessados a partir do pagamento de uma pequena taxa para despesas. Nesse jornal, os “sócios” do clube poderiam participar com “recados, ideias, contos e informações diversas. Embora tivesse recebido “quase uma centena de cheques” já na primeira semana, um episódio teria atrapalhado os planos de Wilma. Antes mesmo de descontar os cheques, a autora afirma ter sofrido uma emboscada supostamente armada pela polícia do Rio de Janeiro, devido à desconfianças de que ela estaria ganhando muito dinheiro com a criação do clube. Em relatos aos quais tive acesso,<sup>15</sup> um praticante afirma que houve inclusive “inquérito e tentativa de chantagem”, após a invasão do escritório de Wilma e o acesso aos arquivos de assinantes. Outro relato informa sobre os primeiros encontros para a prática do SM e a repressão exercida durante o período da ditadura:

Sei que as primeiras reuniões e primeiras manifestações públicas aconteceram nos anos de ferro da ditadura militar, que muitos foram investigados pelo governo militar e pelos órgãos de repressão, que muitos pioneiros sofreram tentativas de arapucas a fim de serem comprometidos com prostituição e pedofilia (Depoimento Anônimo 4).

A perseguição sofrida por Wilma Azevedo no fim da ditadura teria tornado então inviável o seguimento de seus planos de criar uma associação: seria preciso ainda, segundo ela, “muito trabalho de base” (Azevedo, 1986: 205). Sendo assim, após tentativa frustrada de publicar na Revista Club uma carta dando explicações àqueles que haviam acreditado em seu projeto, publicou a mesma em seu livro “A Vênus de Cetim”, agradecendo aos que a apoiaram e pedindo desculpas pela hibernação dos planos que

---

<sup>15</sup> Retirado da página: <https://ocurraldavaca.wordpress.com/2015/07/30/3/>. Acesso em: 09.Jan.2017.

possuía para o Fantasy Club. Neste mesmo período, entre os anos 1980 e 1990, outras tentativas objetivando a criação de clubes foram feitas, aparentemente sem sucesso:

Em 93 quando uma “jornalista” da revista *Nova* me entrevistou pedindo que falasse sobre isso, não tínhamos nada que pudesse ser apontado como exemplo de clube SME no Brasil. No Rio de Janeiro, algumas profissionais anunciavam “seus préstimos” em jornais. Muita gente, como Cosam Atsidas, tentou montar associações que, no entanto, foram extintas por falta de interessados para assumir mensalidades ajudando nas despesas de correio e tudo mais. Sem ajuda financeira, havia muito trabalho e pouco retorno (Azevedo, 1998: 96).

Em uma dessas tentativas Cosam teria fundado a Associação Brasileira de Sadomasoquismo (ABS) na primeira metade da década de 1980. A associação teria existido por aproximadamente um ano, proporcionando “muita correspondência e novas amizades” ao praticante (Azevedo, 1986: 190). Devido ao fato do sadomasoquismo ser ainda naquela época um tema “muito contraditório no Brasil”, havia um grande número de pessoas interessadas em se comunicar através desses grupos e “ávidas” por saber mais sobre as práticas. Em quase todas as falas de Wilma e de praticantes mais recentes, a falta de “apoio” da comunidade, bem como a ausência de pessoas dispostas a ajudar nos custos, são apontados como duas das principais causas que colaboraram para o fim desses grupos criados nos anos 1980, mas também para o fechamento de bares voltados para este segmento do mercado entre os anos 1990/2000, como relatado em depoimento de Bárbara Reine<sup>16</sup>.

Para além das informações acerca da fundação da ABS, me deparei com diversas referências ao fato de que Cosam teria produzido um documento intitulado “História do Sadomasoquismo no Brasil”. O paradeiro do texto é atualmente desconhecido, mas especula-se que este teria ficado em posse de algumas pessoas do *meio* após sua morte.

Nesse primeiro contexto de criação de grupos para interessados em SM nos anos 1980, os contatos proporcionados pelas intensas correspondências por eles trocadas funcionaram como uma maneira de aproximar diversas pessoas de Wilma Azevedo, dentre elas Cosam, proporcionando farto material para a escrita de seus dois primeiros livros de contos, “A Vênus de Cetim” (1986) e “Tormentos Deliciosos” (s/d). Num

---

<sup>16</sup> O depoimento mencionado faz parte de uma série de depoimentos coletados no blog “O Curral da Vaca”, amplamente utilizados neste trabalho: <https://ocurraldavaca.wordpress.com/2ut015/07/30/3/>. Acesso em: 25.Jan.2017.

segundo momento, nos anos 1990, os contatos feitos por Wilma funcionaram como mediadores na medida em que trouxeram discursos de fora do Brasil, contribuindo para que a autora tivesse contato com uma reconfiguração/ressignificação dos discursos médico-científicos acerca do sadomasoquismo advindos de outros países, coproduzindo conhecimento a partir da relação que estabeleceu com essas teorias, temas tratados no capítulo III desta dissertação. Neste contexto, no qual ocorre uma maior divulgação dos discursos da sexologia no Brasil, bem como uma intensificação dos discursos sobre a epidemia da AIDS, Wilma Azevedo escreve seu terceiro livro, “Sadomasoquismo Sem Medo”, publicado em 1998.

### **3. O Sadomasoquismo erótico: da abertura política aos dias de hoje**

A prática do amor livre na década de 70, o costume do *swing* em 80 fizeram com que o brasileiro seguisse na escala de prazer até chegar à década de 90 sem assustar-se com o **sadomasoquismo**. Em 80, quando comecei meu trabalho, costumava dizer que um dia essa prática seria moda por aqui. Em 93, as danceterias paulistanas começaram a exibir uma “onda *light*” com referência ao tema (Azevedo, 1998: 26, itálicos e negrito da autora).

Em “Sadomasoquismo Sem Medo” Wilma Azevedo nos dá pistas sobre locais existentes no Brasil nos anos 1990, nos quais ocorriam práticas sadomasoquistas consideradas “profissionais” (no sentido de serem monetarizadas). Esse tipo de prática acabou se popularizando muito mais fora do Brasil, como nos EUA, mas é interessante pensar que nos anos 1990 havia algo nesse sentido no país:

Conheci alguns clubes na Europa e nos EUA onde as pessoas vão para assistirem cenas de masoquistas se apresentando no palco, dominadoras autênticas ou não, que se assumem diante do público. Outros frequentam as noites de espetáculos, para encontrar parceiros, e muitos, apenas para se excitarem, e se masturbar em casa. No Brasil, até hoje, não temos nada tão bem organizado como lá fora. Em S. Paulo um dos locais que atende esse tipo de cliente é uma casa pouco espaçosa. Mobiliada com alguns equipamentos próprios, tem três quartos e uma saleta. Fica no segundo andar de uma antiga casa da Rua Joaquim Floriano, no Itaim. As moças que atendem chegam quase sem nenhuma experiência, aprendendo através da prática. Sua organizadora foi muito esperta e corajosa ao criar o Clube “O”.

[...] Recentemente soube que houve a tentativa de um grupo de pessoas, inclusive um psicólogo, tentando formar um novo esquema de atendimento para pessoas com os mesmos gostos e tendências, que desejavam se aproximar. Formularam um questionário, onde os futuros interessados davam suas opiniões e falavam de seus desejos. Por incompatibilidade de ideais, suas organizadoras romperam a sociedade. Separaram-se e uma delas continuou

com a idéia. **Desejo que consiga o que ninguém até hoje alcançou: sucesso** (Azevedo, 1998: 95, negrito meu).

Se no período da abertura política a comunicação entre os praticantes brasileiros é realizada por meio de cartas publicadas em revistas eróticas e pela produção de livros, contos e revistas eróticas, num segundo momento ela passa para o encontro de praticantes em *munches* e a tímida abertura dos primeiros bares e clubes sadomasoquistas nos anos 1990, como o mencionado por Wilma Azevedo no trecho acima, num contexto claro de segmentação de mercado.

A monografia de Jorge Leite Júnior (2000) remete às atividades de um desses grupos, o SoMos, criado em 1992, cujo objetivo era propiciar espaço de sociabilidade, troca de experiências, aprimoramento de práticas e conhecimentos, possibilitando a prática do SM, de modo a minimizar riscos tidos como inerentes a este tipo de prática (Facchini, 2008). Entre as atividades do SoMos estavam dias de estudo, debates e workshops. Segundo depoimento<sup>17</sup>, o SoMos “se organizava sobre três pilares: os “munches” (encontros sociais para que as pessoas se conhecessem), os “workshops” (encontros para o aprendizado de SM) e as “play parties” (eram as festas fechadas de adeptos do SM).” Os *munches* eram, segundo Leite Júnior, geralmente o primeiro contato “real” com um grupo SM. Sendo uma reunião “aberta a todos os interessados”, dela participavam pessoas sem grandes conhecimentos prévios sobre SM e praticantes mais antigos, com o objetivo de “conhecer o grupo em questão, sua filosofia, seus participantes, e trocar ideias sobre o BDSM” (Leite Júnior, 2000: 21), fortalecendo o sentimento de pertencimento a uma comunidade. Para além das reuniões, os workshops eram espaços nos quais ocorria a produção e difusão de conhecimento, sendo também, como argumenta o autor, uma maneira de angariar fundos para a manutenção dos espaços e atividades do grupo.

O grupo SoMos se reuniu em espaços públicos, como bares e restaurantes em bairros de classe média paulistanos, até o final dos anos 1990, quando surge o primeiro espaço específico, o bar Valhala: casa no estilo barzinho, sem placa de identificação como tal, com um salão em separado – um *dungeon* – equipado para a prática de SM, que funcionou ligado ao grupo SoMos até 2002 (Facchini, 2008). Bárbara Reine, uma das

---

<sup>17</sup> Retirado da página: <https://ocurraldavaca.wordpress.com/2015/07/30/3/>. Acesso em: 09.Jan.2017.

principais articuladoras do SoMos, fazia parte da rede de mulheres que Facchini entrevistou em sua tese de doutorado, sendo uma de suas principais interlocutoras dentre aquelas que praticavam o BDSM. Bárbara Reine comenta a respeito da fundação do grupo, que teria ocorrido aproximadamente dois anos após suas primeiras experiências com SM:

Eu comecei a procurar pessoas para conversar sobre isso. É muito gratificante você encontrar pessoas que têm as mesmas fantasias, você ter com quem conversar, onde tirar dúvidas. Eu tive a sorte de encontrar uma pessoa muito experiente, que já praticava isso há mais de 20 anos: o co-fundador desse grupo, já falecido, o Cosam, que é um personagem do livro de Wilma Azevedo. Tive a sorte de encontrar alguém que pudesse me orientar muito, tirar todas as minhas dúvidas (Bárbara Reine em entrevista à Suzy Capó, 2001<sup>18</sup>).

O SoMos é apontado por Bárbara Reine como responsável por facilitar o acesso à informação sobre SM no Brasil nos anos 1990, além de difundir a “filosofia maior” que estaria por detrás das práticas. Neste período este acesso era possível, segundo Bárbara Reine, apenas através de livros nacionais, como os de Wilma Azevedo, e de outros clássicos traduzidos, como “História de O” (1954), de Pauline Réage. Aqueles que soubessem outros idiomas, ainda tinham a possibilidade de importar material sobre o tema de outros países. Bárbara também chama a atenção para as possibilidades que a popularização da Internet nos anos 2000 trouxe no Brasil em termos de *esclarecimento* sobre o tema.

O Grupo, que teve alguns períodos de inatividade durante seu tempo de existência, chegou a receber a visita de Wilma Azevedo em uma de suas primeiras reuniões (Azevedo, 1998: 96). Em 1998, após 5 anos de hiato, Bárbara Reine criou um site “bem dividido e organizado” que, para além de divulgar as atividades do grupo, possuía um formulário para que os visitantes preenchessem. Segundo relatos, o SoMos teria aparecido na Revista Playboy em 2000 junto à indicação de sua página, em uma matéria sobre fetichismo. A “nova fase” do Grupo parecia possuir uma maior adesão de praticantes: além das festas, que passaram a ser realizadas com maior frequência, workshops mais “teóricos” eram promovidos em uma choperia da cidade. Os problemas que passaram a ser enfrentados, segundo Bárbara, estavam relacionados com a

---

<sup>18</sup> A entrevista pode ser encontrada em: [http://dhuvi.blogspot.com.br/2001\\_12\\_30\\_archive.html](http://dhuvi.blogspot.com.br/2001_12_30_archive.html). Acesso em: 19.Jan.2017.

necessidade de um local onde pudessem realizar eventos que congregassem “teoria e prática”, como um workshop de *spanking*, por exemplo, bem como a falta de um espaço que pudesse dar conta do número crescente de participantes: “o grupo tomava um vulto de necessitar de uma sede”.

Nesse clima surge o Valhala, que funcionou atrelado ao SoMos por um curto período, tendo seu fim em 2002, sendo a falta de apoio da comunidade um dos motivos mencionados por Bárbara para que isso ocorresse. Regina Facchini (2008: 179) relata ter visitado o bar em 2001, pouco antes de seu fechamento. Nessa ocasião observou que o público ali presente era composto em sua maioria por pessoas brancas, de mais de 35 anos e que aparentavam pertencer a estratos médios ou médios altos. O local possuía, de maneira similar a outros bares e festas aqui descritos, uma área *social* e um *dungeon*, espaço reservado para as práticas, de acesso restrito. O evento por ela acompanhado teve como atração um workshop ministrado por um praticante com formação na área da psiquiatria, sendo seu tema principal as perspectivas da psicologia e da psiquiatria acerca do SM. A autora chama a atenção para o fato de que os tópicos ali abordados – “a classificação de parafilia no DSM” e algumas teorias psicanalíticas – se pareciam, em boa parte, àquelas discussões presentes em debates e palestras vinculados ao movimento LGBT no período.

Após o fechamento do Valhala e o “vácuo que ficou nos encontros de SP”, conforme relatado por um praticante, surge o Clube Dominna, que funcionou em local próprio entre 2004 e 2010, realizando posteriormente festas e outras atividades de periodicidade variada em espaços alugados pelo Clube, de 2010 a 2015. No período em que realizei esta pesquisa de mestrado (e as pesquisas que a antecederam), acompanhei duas festas realizadas pelo Dominna, por ocasião do Dia Internacional do BDSM, em 2013 e 2014. As festas em comemoração ao *24x7*<sup>19</sup> geralmente eram realizadas em datas próximas à da comemoração oficial (24 de Julho), sendo um dos eventos mais esperados pelos praticantes ao longo do ano.

O Dominna, em sede própria, e o Valhala, ambos acompanhados por Facchini (2008) durante sua pesquisa de Doutorado, não possuíam qualquer identificação na

---

<sup>19</sup> O dia 24/07 é considerado o Dia Internacional do BDSM por remeter às relações sadomasoquistas chamadas de *24x7*, que ocorreriam em “tempo integral”, 24 horas por dia, 7 dias por semana, bem como ao sentimento de ser praticante mesmo durante a vida *baunilha*. Esse tipo de relação seria uma espécie de “ideal” dificilmente atingido nos dias de hoje, segundo diálogos e palestras presenciados em campo, tendo em vista as obrigações do cotidiano.

entrada.<sup>20</sup> Segundo a autora, os eventos aconteciam em casas, como quaisquer outras, nas quais um porão, garagem ou edícula eram adaptados para receber um *dungeon* que, em qualquer dos espaços em que os clubes se instalaram, era considerado o lugar mais nobre. Nos eventos por mim acompanhados em 2013 e 2014, o Dominna já não possuía sede, geralmente realizando seus eventos no espaço Café Concerto Uranus, uma casa de entretenimento em São Paulo-SP, localizada no bairro da Barra Funda. A falta de identificação da fachada permanecia, sendo o evento acessível apenas por aqueles que sabiam sobre sua realização.

As duas edições do “Encontro do Dia Internacional do BDSM” por mim acompanhadas contaram com palestras, debates e workshops sobre o universo “BDSM-Podo-Fetichista”, detalhados a seguir. Estes se iniciavam por volta das 14h e iam até 22h – ou até pouco mais tarde, levando-se em conta o atraso costumeiro – e eram realizados em um mezanino deixado à meia luz e decorado com diversas cadeiras e algumas mesas, voltados em direção à um espaço que poderia ser pensado como uma pequena clareira com uns dois bancos, que fazia às vezes de “palco”, onde se sentavam os palestrantes. A depender do tipo de palestra, o espaço era organizado de outras maneiras: em forma de círculo, para favorecer o debate; com maior espaço entre as cadeiras, durante os workshops e “mesas práticas”, onde eram ensinadas algumas técnicas, dentre outras formas de disposição. As pessoas tinham a possibilidade de sair e voltar ao evento a qualquer momento, o que fazia com que as palestras tivessem períodos de maior ou menor público.

A parte inferior ao mezanino possuía um grande salão com mesas e cadeiras – onde os participantes podiam se sentar para conversar mesmo durante a realização das palestras. Também contava com um palco (que, adornado, remetia a um cabaré dos anos 30), alguns sofás, banheiros, um bar por detrás de um balcão – onde eram vendidas bebidas, mas também lanches e refeições ao longo do dia. Ao descer do mezanino para o salão, por uma escada de madeira em caracol um pouco antiga e bamba, nos deparávamos com um pequeno hall, de onde pululavam objetos, roupas e livros temáticos para venda.

Nesse salão eram realizadas performances e *cenas* temáticas durante toda a festa, que se iniciava por volta das 23h, assim que os workshops e as palestras se

---

<sup>20</sup> Relatos etnográficos sobre o Clube Dominna na segunda metade dos anos 2000 podem ser encontrados em Facchini (2008, 2012) e em Gregori (2010, 2016).

encerravam. Um evento criado na rede social *Facebook*, para divulgação da 11ª Edição do Encontro, realizada no dia 19 de Julho de 2014, lembrava que “há 11 edições, o Clube Dominna reúne os maiores nomes das mais diversas áreas e práticas fetichistas para partilhar seus conhecimentos com o público e Comunidade presentes”. A “partilha de conhecimentos” mencionada era, de fato, bastante intensa durante o evento: não havia somente uma preocupação de transmissão vertical das informações e conhecimentos, dos palestrantes para o público, mas o senso de *comunidade* permitia uma troca mútua e profícua de conhecimentos entre os participantes, não apenas nos momentos dos workshops e debates, mas também nas conversas informais que ocorriam em outros momentos do evento. A área tida como “social” nas festas do Dominna que acompanhei, o salão composto por mesas e cadeiras, próximo ao bar, colaborava para que ocorresse esse intercâmbio de conhecimentos, sendo o espaço de conversação e socialização por excelência (Gregori, 2016a: 159), onde as pessoas que ainda não se conhecessem poderiam fazê-lo, aproveitando-se do compartilhamento das mesas e do clima de confraternização da *comunidade* que permeava os espaços aos quais tive acesso.

**10º ENCONTRO DO DIA INTERNACIONAL DO BDSM**  
24x7: O maior evento BDSM-Pedo-Fetichista do Brasil.

**20/07**

Pelo décimo ano, o mais renomado clube fetichista do Brasil **CLUBE DOMINNA** reúne os maiores nomes das mais diversas áreas e práticas, e convida toda a Comunidade a comemorar e partilhar conhecimentos, nesta data tão importante.

Venha fazer parte desta festa. Junte-se a **NÓS!**

**início:**  
20/7 às 12h.

**término:**  
21/7 às 07h.

**PALESTRAS | WORKSHOPS | MESAS PRÁTICAS | DEBATES | CENAS | PERFORMANCES | MÚSICA | DJs | CULTURA FETICHISTA | BATE-PAPOS | ARTE | ACESSÓRIOS | EXPOSITORES | PISTA DE DANÇA | MEZANINO | PALCO | SHOWS TEMÁTICOS | AMBIENTES | LIVROS, AUTORES e PERSONALIDADES**

**R:Dr.Carvalho de Mendonça, 40  
Santa Cecília SP/SP**

**INF. e RESERVAS:**  
narcisa@clubedominna.com.br  
bela@clubedominna.com.br

facebook.com/ClubeDominna

lista: 50\$ | door: 70\$

**CLUBE DOMINNA**

**Figura 1.** Flyer de divulgação do Encontro do Dia Internacional do BDSM em 2013

Na edição de 2013 foram realizados os seguintes workshops/palestras: 1) “Segurança no Fetiche”; 2) “Práticas Podólatras & intersecções com BDSM”; 3) “Técnicas de Spanking: entre antes de bater”; 4) “Relações 24x7: Verdades e mitos”; 5) “D/s vistas por dentro: limites e superações nas práticas”; 6) “Acessórios BDSM caseiros: aprenda a fazer!”; 7) “Fotografia fetichista”; 8) “Imaginação e fetiche: Ninguém fantasia ser o que é”; 9) “A História do conceito de Sadomasoquismo”; 10) “Entre diagnósticos, nicho e comunidade: o lugar do BDSM no contexto brasileiro”; 11) “Papo com Gladius – O BDSM e a vida real”; 12) “Cutting e Spanking com objetos perfurantes”; 13) “Bondage e suspensão: técnicas, cuidados e prazeres”; 14) “Aspectos psicológicos do BDSM”;

Já os workshops e palestras da edição realizada em 2014 contaram com os seguintes temas: 1) “Spanking: práticas, acessórios e segurança”; 2) “Iniciação ao shibari: noções, técnicas e cuidados”; 3) “Práticas podólatras e intersecções com o BDSM”; 4) “Conceitos básicos e segurança no BDSM”; 5) “Pensando e contrapondo o BDSM e o escravagismo histórico”; 6) “Diálogos sobre prodominação”; 7) “As algemas da Lei: algumas noções sobre BDSM e a lei”; 8) “Roda de conversa: A comunidade BDSM e os limites e potencialidades da consensualidade”; 9) “A História do conceito de Sadomasoquismo”; 10) “Voyeurismo, Exibicionismo e a importância de um trabalho documental do BDSM brasileiro”; 11) “Práticas perfurantes: prazer, técnicas e segurança”; 12) “Aspectos psicológicos do BDSM”.

11º Encontro do Dia Internacional do BDSM

CELEBREMOS o 24/7!

das 13h da tarde às 6h da manhã!

CLUBE DOMINNA

O MAIOR encontro BDSM pdo fetichista do Brasil e... inserido na agenda mundial!

CULTURA BDSM  
PALESTRAS | WORKSHOPS  
PERFORMANCES  
EXPOSITORES | PRÁTICAS  
PERSONALIDADES  
DRESS | LIVROS | SHOWS

Pista de dança \* bar \* mezanino \* loja

INF: [bela\\_sadica@hotmail.com](mailto:bela_sadica@hotmail.com)  
[facebook.com/ClubeDominna](https://www.facebook.com/ClubeDominna)

R: Dr. Carvalho de Mendonça, 40  
Santa Cecília SP/SP

lista: 50\$  
door: 70\$

**Figura 2.** Flyer de divulgação do Encontro do Dia Internacional do BDSM em 2014

Os temas tratados nas palestras e workshops das duas edições do Dia Internacional do BDSM que acompanhei informam com precisão a respeito das discussões e debates que têm mobilizado a comunidade SM de São Paulo nos últimos anos. Para além das mesas que debatem e *ensinam* as “melhores maneiras” de se realizar determinadas práticas, articulando as noções de *consensualidade*, *segurança*, *técnicas*, *cuidado* e *prazer*, me deparei com outras que tinham como objetivo refletir sobre a própria constituição da *comunidade* e sua história, bem como trabalhavam questões mais teóricas, como a história do conceito de sadomasoquismo, além de identificarem a necessidade de um trabalho documental acerca do BDSM brasileiro. Nos eventos acompanhados também pude observar uma valorização do “faça você mesmo” (*DIY*, em inglês) no que diz respeito à fabricação de objetos. Além do fato de os artesãos que fabricavam esses objetos serem valorizados pela comunidade, os objetos por eles produzidos eram tidos como de

qualidade muito superior aos comprados no mercado erótico, justamente por serem fabricados por aqueles que entendem os usos que serão feitos dos mesmos.

Se a edição de 2010 tinha em Glauco Mattoso e Wilma Azevedo duas de suas principais “atrações”, a presença de *personalidades* continua a ser um atrativo nas edições mais recentes do evento, como observado na Figura 2. Nas duas edições que acompanhei, em 2013 e 2014, assisti a falas e debates nas quais os praticantes discutiam a patologização de suas práticas e os avanços/retrocessos em relação à saída da prática do DSM, tema este que será melhor discutido no capítulo III. A intersecção entre o SM e questões legais também tiveram espaço, bem como preocupações em questões concernentes à saúde mental e bem-estar emocional dos praticantes, como na palestra “Aspectos psicológicos do BDSM”, oferecida nas duas edições por um praticante com formação na área das ciências psi.

A diferença quantitativa de público que observei de uma edição para outra do Encontro do Dia Internacional do BDSM, evento que me parecia termômetro para isso por seu caráter anual, parecia indicar que houve um espraiamento dos praticantes para outros espaços. Durante uma conversa na edição de 2014, essa constatação foi feita por uma das participantes, que nota que o evento estaria *esvaziado* e sugere que as pessoas estariam ocupando outros lugares da cidade. Bela (uma das fundadoras do Dominna, que naquele momento já não estava mais tão envolvida com o clube) respondeu o comentário, argumentando que isso se devia à realização de uma outra festa classificada como fetichista naquele mesmo dia, festa esta que teria de certa maneira *tomado o lugar do Dominna*.

No final dos anos 2000 surgem outros espaços em São Paulo, como o Libens, *fetish club*, que funcionou entre 2008-2009; o projeto Luxúria, que organiza festas *fetichistas* há cerca de dez anos na cidade, e a Dungeon/Porão, festa que acontecia com periodicidade quinzenal e, posteriormente, mensal desde 2012. A festa Luxúria, de modo geral, atrai um público mais jovem e mais próximo de uma cena *underground* ou *alternativa* em São Paulo, e mais crítico em relação a padrões rituais tidos como muito rígidos. Nesta festa, as práticas não necessitam de um *dungeon* e podem ser realizadas em qualquer espaço da festa.

Maria Filomena Gregori (2016a) apresenta em seu livro “Prazeres Perigosos” as diversas etnografias que realizou em festas fetichistas e eventos da *cena* SM paulistana.

A autora acompanhou as atividades do Libens e do Dominna em momentos diferentes das pesquisas que deram origem à sua tese de livre-docência e, posteriormente, à obra em questão. O Libens, clube situado em Santana, bairro da Zona Norte de São Paulo, funcionou entre maio de 2008 e março de 2009 e foi um estabelecimento criado e administrado por um casal do *meio*. O Dominna, por sua vez, foi fundado por uma sociedade de amigos sendo que, dentre eles, uma das proprietárias era casada com um sócio, mantendo uma relação SM com outra das donas. Segundo Gregori, o Libens guardava muitas semelhanças com o Dominna, que iam desde a fachada sem identificação até semelhanças em relação aos usos dos espaços dos clubes.

Para além dos clubes, festas fetichistas e espaços mais formais já mencionados, como o Dominna e o Libens, há grupos que se articulam via internet e se reúnem em bares ou espaços privados para sociabilidade ou prática. Concomitantemente ao fim das festas realizadas pelo Clube Dominna, outros espaços voltados para o público adepto do sadomasoquismo e/ou fetiches surgiram na cidade de São Paulo, como o Bar da Gata, aberto em 2012, a Casa Podo e o Dominatrix Augusta, ambos espaços inaugurados no início de 2016, dentre outros.

Ainda que a ênfase em oferecer workshops de práticas não esteja tão presente nas iniciativas mais recentes de encontro entre praticantes, como ocorria nas festas que acompanhei, a “pedagogia” acerca do que seria ou não *seguro* fazer e dos *cuidados* a tomar a fim de se evitarem lesões físicas, qualquer forma de desconforto emocional ou riscos decorrentes das práticas se estende via internet, em redes sociais ou blogs, e ainda é assunto constante de conversas presenciais. Trocas de experiências com instrumentos e práticas e sobre *limites* ocupam boa parte do tempo da convivência no *meio*.

Se num primeiro momento a comunicação entre os praticantes ocorria através de cartas e de anúncios publicados em revistas eróticas, o surgimento e popularização da internet transformam as relações entre os praticantes nos anos 1990, que passam a se comunicar através de chats e listas de discussão e a produzir blogs com conteúdo sobre as liturgias, as categorias do *meio*, instruções sobre práticas, fotos e até mesmo contos eróticos.

Conversas em campo e entrevistas realizadas por Facchini (2008), na segunda metade dos anos 2000, indicavam o uso do MIRC, de salas de bate-papo de *fetichismo* no portal Terra e de *sadomasoquismo* no portal UOL, o que se intensifica com o

desenvolvimento de programas de trocas de mensagens instantâneas e listas de discussão por e-mail. Na passagem para a década de 2010, praticantes brasileiros começam a frequentar redes sociais para *kinks* e *fetichistas*, como é o caso do *FetLife*<sup>21</sup>. Mais recentemente, uma rede social brasileira voltada para BDSM foi criada, com acesso apenas a convidados.

A articulação entre momentos *online* e *offline* de sociabilidade (Parreiras, 2008) no *meio* continua sendo muito importante, de modo que ambas as modalidades se alimentam e se influenciam mutuamente. Com relação a essa articulação, dois pontos chamam a atenção. O primeiro deles diz respeito à popularização da internet e ao aumento da comunicação sobre BDSM e fetiches através da mesma, com a criação de blogs e, posteriormente, de redes sociais voltadas exclusivamente para praticantes, no contexto da chamada *web 2.0*<sup>22</sup>. A partir dos anos 2000 ocorre o surgimento de grupos específicos criados em redes sociais consideradas *mainstream*, como o *Orkut* e o *Facebook*. O segundo ponto diz respeito à popularização que se observa em espaços de interação presencial de adeptos nos últimos anos: os espaços deixam de ser frequentados majoritariamente por pessoas de estratos altos e médios como no início da década de 2000, bem como ocorre o crescimento do número de pessoas que frequentam espaços presenciais de encontro ou comunidades online.

Outra forma importante de comunicação e divulgação pela internet são os blogs, um vasto conjunto a partir do qual se tem feito pouca pesquisa. A pesquisa de Marcelle Jacinto da Silva (2012) traz uma importante contribuição acerca do universo dos blogs BDSM. A autora toma como pano de fundo diversos blogs, sites e perfis do *Facebook*, a fim de apreender todo um “universo simbólico de jogos eróticos de poder elencados sob a denominação de feminização masculina” (: 9). O uso dos blogs como meio de acessar os praticantes parece se justificar pelo crescente acesso e uso desse tipo de plataforma *online* a partir dos anos 1990 pelos mesmos, bem como pela possibilidade de divulgação de informações e a interação que os mesmos proporcionam.

Há, ainda, todo um universo relacionado com práticas sexuais mediadas por computadores, que ganham nova configuração com a criação de “mundos virtuais”, como

---

<sup>21</sup> A rede social FetLife (<https://fetlife.com/>) é uma rede social de acesso gratuito, criada em 2008, voltada para a comunidade fetichista e BDSM internacional.

<sup>22</sup> A classificação diz respeito, segundo Thiago Falcão (2017: 39), ao momento em que ocorre um aumento da participação de usuários na criação de conteúdo *online*, bem como a adaptação das plataformas, para que estas pudessem ser acessadas a partir de diferentes tipos de dispositivo eletrônicos.

é o caso do *Second Life*<sup>23</sup>, onde o BDSM também tem lugar. Ao realizar pesquisa acerca do BDSM no “mundo virtual” tridimensional do *Second Life*, Raíra Bohrer dos Santos (2016) chama a atenção para as “cibersexualidades” nele experienciadas. Este ambiente “digital” e os desdobramentos das comunidades BDSM aí engendrados produzem “diferentes cenários de sociabilidades, divididos em grupos e locais de práticas, aprendizagens, comércios, e vivência do estilo de vida” (: 151). O ciberespaço aparece como lugar de novos arranjos nos relacionamentos BDSM, bem como potencial catalisador de mudanças e transformações nos sujeitos, “para além das fronteiras *online* e *offline*” (: 153).

No início dos anos 2000 já havia muitos blogs e sites voltados para BDSM, com divulgação de locais de encontro, manuais, indicações do que é ou não *seguro* fazer, discussão da *filosofia* que acompanha as práticas, relatos eróticos e fotos. No período em que se desenvolvem essas formas de contato via internet, já havia grupos presenciais se reunindo em São Paulo.

A interação online não se esgota em si mesma, dando margem à interação *offline* entre praticantes e também à formação de grupos: o site Desejo Secreto, estudado por Bruno Zilli (2007), é um exemplo, visto que começou as atividades a partir de pessoas que se conheceram nos canais do MIRC, dando origem a uma lista de discussão de internet, uma comunidade no *Orkut* e até a publicação de livros. Este é o caso de “Sem Mistério: uma abordagem (na) prática de bondage, dominação, sadismo e masoquismo”, publicação assinada pelo praticante Edgeh, cujo estilo se aproxima da linha dos manuais propriamente ditos, lançada em 2002 pela editora Cia. do Desejo.

#### **4. Sadomasoquismo erótico, BDSM e Fetichismo**

A emergência da categoria BDSM entre adeptos em âmbito internacional, unificando as diversas siglas que a compõe – bondage e disciplina (B&D ou B/D), dominação e submissão (D&S ou D/s) e sadismo e masoquismo (S&M, SM ou S/M), parece ter uma origem incerta. O Dicionário “The New Partridge” de Gírias e Inglês Não-

---

<sup>23</sup> O *Second Life* é, segundo Bohrer (2016: 25), “uma plataforma virtual 3D de interações com base na representação visual corporificada tridimensional (...)”.

Convencional”<sup>24</sup>, publicado em 2006, registra o termo “BDSM; BD/SM” fazendo referência ao ano de 1969 como o momento em que teria ocorrido a unificação das práticas sob os acrônimos mencionados como uma *subcultura* nos EUA. Segundo outra fonte, a abreviação teria sido provavelmente cunhada no início dos anos 1990, a partir das redes conectadas pela lista de discussão *alt.sex.bondage*<sup>25</sup>, sendo que o registro mais antigo do termo ainda possível de ser localizado na internet estaria em um grupo do Google, cujo post dataria de 1991.<sup>26</sup>

Livros produzidos por ou a partir de praticantes estadunidenses entre os anos 1970 e 1990 apresentam uma série de categorias. “Hard Corps”, livro fartamente ilustrado publicado em 1977 por um fotógrafo e um artista gráfico, situa-se na interconexão entre *SM* e *leather* a partir de localidades como Los Angeles, Chicago e Nova Iorque. As categorias que aparecem são *leather*, *sadomasochism*, *sadist*, *masochist* e, mais frequentemente, *SM*, que é citado como *ritual*, *psicodrama* e como algo em torno do qual se articula sociabilidade. Em “Coming To Power” (1981), editado coletivamente pelas integrantes do Samois, uma *organização S/M lésbico/feminista* estadunidense, as categorias acionadas são: *lesbian/feminist S/M*, *Lesbian S/M* e *Power & Trust*, sendo *S/M* definido como *uma forma de erotismo baseada na troca consensual de poder*. “Leatherfolk” é uma coletânea editada em 1991 por Mark Thompson, com o objetivo de compilar textos sobre o *underground leather*, no contexto de adoecimento e morte de muitos integrantes da comunidade vitimados pela epidemia do HIV/AIDS e ataques sofridos “a partir de dentro e de fora do movimento gay” (THOMPSON, 2004 [1991]: xi; tradução livre). Este livro cita as categorias *S/M*, *radical sex* e *leather*.

“The Second Coming”, coletânea editada em 1996 por Pat (Patrick) Califia e Robin Sweeney, se apresenta como continuação do livro “Coming To Power” e traz as categorias *S/M dykes*, *S/M*, *Leatherdyke*, *leather community* e *leather-S/M-fetish*

<sup>24</sup>The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English: Volume I, A-I Eric Partridge. Routledge, 2006: 109.

<sup>25</sup> Senhor Verdugo, praticante brasileiro que escreve um dos blogs referência no país, comenta que a lista de discussão *alt.sex.bondage* era, inicialmente, um dos únicos espaços na internet que permitiam o debate de questões relacionadas ao *kink*. Tendo em vista a quantidade de *spam* que passou a ter, e também para ampliar o escopo de práticas contempladas na discussão, surge em seu lugar o *soc.subculture.bondage-bdsm*, lista que manteve ligações com o site brasileiro Desejo Secreto, tendo esse sido o escolhido para a tradução para o português de sua lista de perguntas mais frequentes – FAQ List. Mais informações sobre essas listas podem ser encontradas na dissertação de Bruno Zilli (2007) e no blog: <https://senhorverdugo.com/o-papel-da-alt-sex-bondage.html>. Acesso em: 01.Fev.2017.

<sup>26</sup> As informações foram retiradas de: <http://www.thefullwiki.org/BDSM>. Acesso em: 01.Fev.2017.

*community*. A introdução tematiza dois pontos importantes: as mudanças ocorridas na comunidade *leather* de um modo mais amplo e nos grupos de apoio para lésbicas S/M nos quinze anos que separam esta coletânea da publicada anteriormente pelo Samois; a explicação dos motivos pelos quais se passa da categoria *SM/lésbico-feminista* para *leatherdyke*.

Segundo as editoras, as mudanças ocorridas na comunidade SM nos EUA nos 15 anos posteriores à publicação de “Coming To Power” foram muitas e tiveram, em grande medida, a ver com a própria publicação do livro, considerado um verdadeiro legado deixado aos outros grupos sadomasoquistas que o sucederam. A obra teria alterado profundamente o discurso sobre o desejo e a pornografia lésbica e desafiado as convenções sobre o que significaria ser *mulher*, *lésbica* ou *feminista*, bem como alcançado lugares que um grupo de suporte local jamais alcançaria. As transformações se refletem na formação de grupos S/M de mulheres, que passaram a existir em quase todas as grandes cidades dos EUA, além da presença das praticantes na internet e convites para debates em universidades, coisas inimagináveis nos anos 1980. A mídia e a indústria do entretenimento de massa passam a abordar mais o S/M, embora de modo muitas vezes estereotipado, associando S/M e crimes sexuais. Tais estereótipos estavam naquele contexto se convertendo em políticas públicas, que se voltavam contra a *comunidade* em nome de combater a violência (Califia e Sweeney, 1996: XII-XV).

A categoria *leatherdyke*, presente no subtítulo do livro, ganha explicação em sua introdução, tendo sido uma escolha deliberada das autoras, a fim de marcar uma posição “dentro do mundo de políticas identitárias”, desafiando os limites da categoria *lesbian S/M* através das demandas por reconhecimento das mulheres transexuais e bissexuais, em clara crítica aos valores do *feminismo radical* da década de 1970.

Embora a noção de *comunidade S/M* seja a mais acionada ao longo do livro, há na introdução a menção à categoria *leather-SM-fetichista*, em referência à comunidade mais ampla. Isso talvez fosse um reflexo das discussões que estavam sendo realizadas naquele período, tendo em vista que este livro, bem como os outros acima mencionados, não fazem referência ao acrônimo BDSM. Isso indica que provavelmente a categoria não era massivamente utilizada antes de 1996 e estava restrita a determinados círculos, tendo surgido a partir de diálogos no *online* – sem desconsiderar que os

praticantes que dialogam por meio das NTIC<sup>27</sup> também eram praticantes de comunidades *offline*.

Nesse contexto, ocorre a criação do emblema BDSM, a partir da imagem de bases celtas de um *triskelion*, um redemoinho de três pernas ou braços que emanam de um ponto central. O símbolo, criado e patenteado em 1995 por um artista plástico estadunidense, pressupõe a unificação das práticas agregadas no acrônimo BDSM, sendo cada uma das partes representativa de uma das seguintes siglas: B&D, D&S e S&M (Facchini, 2008: 181, nota 111). Esse sentido atribuído ao emblema fortalece a hipótese de que a adoção do termo BDSM e tudo que ele implica em termos da convivência de uma diversidade de práticas tem uma relação com um momento em que essa produção de comunidade se dava também por meio do *online*, na segunda metade dos anos 1990.



**Figura 3.** Emblema da comunidade SM. Extraído do blog: <https://senhorverdugo.com/origem-do-emblema-bdsm.html>. Acesso em: 07.Jan.2017.

Já o surgimento das categorias *SSC* (*São, Seguro e Consensual*) e *RACK* (*Risk Aware Consensual Kink*, do inglês, Perversão Consensual Ciente de Risco) estaria ligado a uma série de questões fundamentais para o BDSM (Zilli, 2007), como as noções de *consentimento*, *saúde* e *segurança*, fundamentais na busca por legitimação. O conceito de *SSC* teria surgido, segundo Bruno Zilli, “em relação ao reconhecimento do papel da violência na erotização típica do BDSM” (: 69). Ortmann e Sprott (2013) indicam que a articulação do *SSC* como um valor teria ocorrido pela primeira vez em um documento redigido em 1983 pelo grupo Gay Male S/M Activists, de maneira a evitar que as *plays* realizadas pelos praticantes de S/M pudessem ser tomadas como *criminosas* ou reflexo de alguma *doença mental* (: 36). O consentimento “torna-se o ponto central de fixação do

<sup>27</sup> Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

conceito de BDSM enquanto algo legítimo e não patológico. Ele é complementado pela noção, um pouco difusa, de bem-estar físico e psíquico expressos pelo “São e Seguro” (Zilli, 2007: 69). Já o conceito de *RACK* teria surgido, segundo o autor, de forma a dar maior ênfase aos perigos envolvidos nas práticas BDSM. As controvérsias mais recentes envolvendo as disputas por estes conceitos, seriam, segundo Ortmann e Sprott (2013: 37), especialmente no sentido de sugerir uma substituição de uma categoria pela outra. Segundo uma parcela dos praticantes, o ideal de segurança contido no conceito de *SSC* seria impossível de ser atingido, sempre existindo um risco inerente às práticas.

O livro *Coming To Power* (1981), já mencionava as noções de *negociação*, *segurança emocional*, *safeword*<sup>28</sup>, *consensual exchange of power* (troca consensual de poder), bem como fala sobre AIDS e questões de saúde nas práticas, possuindo inclusive um capítulo intitulado “*How To Stay Health and Play Safe*”. Isso indicaria que os elementos mobilizados pelas noções de *SSC* e *RACK* já estariam presentes em organizações comunitárias dos EUA, inclusive para além da comunidade *leather gay* na passagem para os anos 1980. A publicação do DSM-III em 1980, embora tenha definido que o desvio sexual das normas sociais não constituiria em si um transtorno, renomeou-as como “parafilias” e alocou-as na categoria “Transtornos psicosexuais” (Weismantel, 2014: 29). No caso do sadismo e do masoquismo, entretanto, qualquer encenação de fantasia constituiria uma doença mental. Sendo assim, podemos pensar que as primeiras formulações do *SSC*, em 1983 provavelmente ocorreram como resposta a essas mudanças realizadas no DSM-III.

Relatos de pessoas que pesquisaram junto a praticantes brasileiros no começo dos anos 2000 indicam que provavelmente a utilização do acrônimo BDSM na *comunidade* nacional tenha se dado na passagem dos anos 1990 para os 2000. Jorge Leite Júnior, que pesquisou junto a grupos que se reuniam em São Paulo no final dos anos 1990, entre eles o SoMos, utiliza a categoria S&M mas relata: “É sob esta sigla, BDSM, que a aqui chamada ‘cultura S&M’ têm se apresentado e referido a si mesma nos últimos anos” (Leite Júnior, 2000: 19, nota 46). Tudo indica que se tratava de um processo de transição no uso de categorias para se referir à comunidade. Regina Facchini, que manteve contato

---

<sup>28</sup> *Safeword* é traduzido do inglês geralmente por “palavra de segurança”. Leite Jr. (2000: 27), que faz uso do termo em português em sua monografia, afirma que “quando dito pelo masoquista (ou eventualmente pelo sádico) é sinal de que algo está errado e a cena deve parar. Esta palavra pode ser usada tanto por se alcançar um limite físico ou psíquico como por um acontecimento inesperado indesejável. [...] A palavra de segurança dá o limite concreto da cena”.

com praticantes desde o início dos anos 2000 e realizou observação etnográfica entre 2004 e 2014 na *cena* paulista, relata em tese defendida em 2008:

A sigla BDSM refere-se a “bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo”, um conjunto de práticas de conteúdo erótico. A sigla é também definida por oposição ao termo *baunilha* (usado para indicar o sexo convencional ou pessoas que não estão envolvidas em BDSM). Segundo os *sites* nacionais de internet, que servem de referência à rede de pessoas que conheci em campo, BDSM implicaria, necessariamente, a consensualidade (que integra a tríade São, Seguro e Consensual – SSC –, característica fundamental do que se chama de “BDSM erótico” por oposição a formulações de cunho patologizante) e a distinção entre a *play* (*jogo/cena*) e a realidade.

Algumas das pessoas com quem conversei em campo fazem uma distinção entre SM e BDSM, atribuindo à primeira categoria um caráter mais “tradicional” por oposição à diversificação e mesmo uma certa “mistura excessiva” da segunda, que compreende um rol maior de práticas, cujos adeptos nem sempre seguem os padrões da *liturgia* e rituais prezados por muitos praticantes do SM. Considero, no entanto, que esse campo é muito mais complexo e que as diferentes concepções acerca de temas como *liturgia*, *dominação profissional*, *relação entre sexo e BDSM* e distinções entre *consensualidade* e *risco compartilhado* não estão limitadas a determinadas práticas agregadas (Facchini, 2008: 175).

O trecho reforça a hipótese de que a passagem dos anos 1990 para os 2000 corresponde a um momento de mudança nos modos de classificação da *comunidade*. Se na pesquisa de Jorge Leite Júnior (2000), na virada para os anos 2000, o acrônimo havia sido recentemente adotado, na tese de Facchini, com material produzido em meados dos anos 2000 a partir de espaços de encontro presenciais, seu uso parecia majoritário, embora pessoas mais velhas na *comunidade* tivessem reservas com relação às mudanças e/ou certa “diluição” dos cuidados que poderiam estar implicadas na incorporação de mais práticas ao modo como a *comunidade* se autorrepresentava.

Embora a categoria *sadomasoquista* continuasse a ser usada, em meados dessa década, praticantes ligados ao site Desejo Secreto utilizavam BDSM, assim como a categoria *BDSMista*, para se referir aos adeptos. No Clube Dominna falava-se em BDSM, mas também eventualmente em SM: apesar de ser responsável pela organização das comemorações anuais pelo Dia Internacional do BDSM desde 2004, Mistress Bela, que também moderava uma lista chamada BDSM SP, num diálogo com Glauco Mattoso no evento de 2010, relatava que faz questão de usar a palavra *sadomasoquismo* sempre que possível – “porque o pessoal fala BDSM, mas fala escondidinho. Não, tem que falar:

‘Sou sadomasoquista’ – e que pessoalmente desconhecia “o preconceito da sociedade de que todo mundo fala”.

O primeiro livro de Wilma Azevedo, “A Vênus de Cetim” (1986) apresenta a noção do *Sadomasoquismo Erótico*, que seria aquele realizado dentro dos limites da consensualidade e segurança, melhor discutida no capítulo III desta dissertação. Em 1998, Wilma Azevedo ainda se referia ao *SME (Sado-Masoquismo-Erótico)* em seu livro “Sadomasoquismo Sem Medo”, por oposição ao *SMM (Sado-Masoquismo-Maldoso)* e ao *SMP (Sado-Masoquismo-Psicopático)*, trazendo uma lista de definições elaborada a partir dos termos que cunhou ao longo de suas obras (Anexo 1). A autora continua a fazer a distinção entre sadomasoquismo erótico e patológico em suas entrevistas mais recentes veiculadas no meio televisivo.

Essa distinção se mantém presente de alguma forma em toda a produção de classificações mobilizada no *meio*, embora não tenha observado um uso corrente dos termos cunhados por Wilma por parte dos praticantes com os quais tive contato, nem nas publicações de alguns grupos fetichistas da rede social *Facebook*, cujas publicações acompanhei ao longo desta pesquisa. Contudo, como indica Zilli (2007), toda uma densa rede de blogs e sites sobre o tema podia ser visto no início dos anos 2000, boa parte deles trazendo material produzido em outros países, especialmente nos EUA.

Mais recentemente, as categorias *fetichista* e *kink* vêm sendo mobilizadas nessa mesma direção. Se Glauco Mattoso já falava bastante em *fetichismo* no livro “Manual do Podólatra Amador”, em diálogo crítico com os que chamou de *maníacos das taxonomias patológicas*, o termo reaparece no *meio* a partir das salas de bate-papo do portal Terra e de festas como a Fetiche do Rio de Janeiro<sup>29</sup> e a Luxúria, festa *fetichista* realizada na cidade de São Paulo.

A categoria *kink* se refere a sexualidades não-convencionais, incluindo desde as práticas mais tradicionais do BDSM até mesmo aquelas onde não ocorre intercâmbio de poder, aparecendo em oposição ao termo *straight*. Seu uso parece se difundir no *meio* BDSM paulistano a partir da adesão de praticantes a uma rede social internacional de *fetichistas*, o *FetLife*, desde o final dos anos 2000. Convém observar que a categoria *kink* passou, nos últimos anos, a ser incorporada à sigla BDSM na Espanha (ainda que não de maneira homogênea), resultando na categoria BDSMK (às vezes grafado como BDSMk).

---

<sup>29</sup> A festa Fetiche foi abordada na pesquisa de Marília L. Melo (2010).

Em 2015 surge em Madrid uma associação denominada “BDSMK”<sup>30</sup> que, a partir de um manifesto, inaugura suas atividades, que consistem em encontros, palestras e atividades de conscientização da população da cidade acerca de suas práticas.

Até onde pude observar, o primeiro registro *online* da categoria data de 2009 na página da associação sadomasoquista espanhola, “Golfxs con principios”, num post de um praticante que afirma que, da mesma maneira que se adicionou a letra Q (de *queer*) na sigla LGBT:

[Seria uma] boa ideia fazer o mesmo com BDSM: também usar às vezes essa sigla, BDSMK, para falar de festas, reuniões ou grupos mais amplos que os que tradicionalmente associamos ao BDSM. Grupos que incluam também (...) os que, sem usar nenhum papel hierárquico em suas relações, gostam de muitas práticas mais além das típicas e que raramente são vistas com bons olhos pela maioria.<sup>31</sup>

A diversidade classificatória na comunidade é muito grande e, com a popularização da internet e a diversificação dos espaços de sociabilidade *online* e *offline*, tem se modificado com uma velocidade difícil de ser acompanhada. Em meio a um sistema classificatório tão complexo, Facchini (2008) afirma que, por vezes, é difícil inclusive nomear o objeto de uma pesquisa a fim de poder dizer algo a seu respeito. Ao finalizar um período de pesquisa junto a grupos de praticantes, a pesquisadora optou pelo uso da categoria BDSM, ou de sua variante na ideia de *BDSM erótico*, para falar das redes de praticantes que conhecera a partir das atividades do SoMos, do Dominna e de listas de discussão, sites e redes sociais na internet.

Nesta dissertação faço uso de três destas categorias, sendo a noção de *sadomasoquismo erótico* utilizada em seu sentido êmico, e BDSM/SM como categorias que acabaram sendo popularizadas e, ainda que também êmicas, são de uso mais corrente fora do *meio*.

## 5. BDSM e mudanças em convenções sociais

<sup>30</sup> Sobre a associação espanhola “BDSMK”, ver o trabalho de Noelia Teijeiro Cal (2016). A página da associação é: <http://bdsmk.org/>. Acessada em 06.Jan.2017.

<sup>31</sup> O post encontra-se na página: <http://www.golfxsconprincipios.com/lamoscacojonera/bdsmk/>. Acesso em: 09.Jan.2017. Tradução livre.

Nesse contexto de tamanha diversidade, Facchini (2008) afirma que o BDSM com que teve contato em São Paulo toma por base a experiência de grupos BDSM estadunidenses e europeus, e invoca o confronto político em relação à patologização, à estigmatização social e a possíveis constrangimentos legais à fruição erótica ligada ao BDSM. O vocabulário, as práticas e os instrumentos usados no *meio* e nas cenas também são bastante influenciados não só pela literatura erótica, como pelos manuais de BDSM (muitos deles traduzidos) em sites de internet.

Assim como no movimento LGBT, as viagens e os contatos internacionais dos primeiros integrantes da *comunidade* parecem ter sido cruciais para o desenvolvimento do *meio* BDSM no Brasil. Aqui, no entanto, a organização em *comunidade* e a divulgação do SSC (são, seguro e consensual), como base para o exercício de práticas, não se dão num contexto de embates políticos, tais como os descritos por Gayle Rubin (Rubin, 1984; Rubin; Butler, 2003), tomando o contexto estadunidense das *sex wars*, entre a segunda metade dos anos 1970 e os 1980. As chamadas “guerras sexuais” foram uma série de batalhas políticas e culturais no âmbito público acerca de temas relacionados à sexualidade, como a regulação da pornografia, o escopo de proteção legal para a população LGBT, o conteúdo sexual dos currículos escolares, o abuso infantil, o financiamento de arte considerada “obscena”, dentre outras (Duggan, 2006).

Embora guarde muitos pontos de conexão com as *sex wars* norte-americanas, o atual conservadorismo político brasileiro tem se expressado através de um “fundamentalismo religioso” muito mais preocupado com questões como “direitos dos homossexuais” (Fry; Carrara, 2016), “cura gay”, pesquisas com células de embriões, aborto e, mais recentemente, com a chamada “ideologia de gênero” (Mascarenhas Neto; Zanoli, 2016).

Facchini (2008) observa que, no Brasil, o BDSM não está inserido na agenda política dos “direitos sexuais”, muito menos conta com legislação ou jurisprudência formada, a partir de casos que tenham ganhado maior visibilidade social. Embora naquele momento a autora afirmasse que o sadomasoquismo não estava no campo de interesses do movimento feminista brasileiro, é possível observar já há algum tempo que o sadomasoquismo passou a entrar lentamente no escopo do discurso de vertentes auto classificadas como *feministas radicais* ou *radfems* do Brasil, algo que parece ocorrer em

consonância com um retorno/aumento desse discurso em outros países<sup>32</sup>. Ao mesmo tempo, observa-se a emergência de grupos e comunidades nacionais em redes sociais<sup>33</sup> que visam discutir as relações entre BDSM e feminismo a partir de uma perspectiva que visa “ocupar com feminismo e feministas” o BDSM, assim como outros espaços em que mulheres podem ser oprimidas.

Gayle Rubin (2011 [1984]) chama a atenção para as relações intrínsecas existentes no contexto de sua escrita entre uma “ideologia feminista anti-pornografia” e uma posição “anti-SM”, sendo o sadomasoquismo frequentemente atacado e acusado por essa vertente feminista de ser o fim para o qual tenderia todo o tipo de pornografia e que, conseqüentemente, sua veiculação levaria a um aumento de crimes sexuais: “A literatura anti-pornografia toma como bode expiatório uma minoria sexual pouco popular e seus materiais de leitura por causa de problemas sociais que eles não criam” (Rubin, 2011 [1984]: 169, tradução livre). A autora aponta ainda para uma tendência “afitiva” da retórica feminista *anti-porn*, que seria a de reaparecer em contextos reacionários, o que nos faz refletir acerca das similaridades existentes entre esse tipo de discurso sobre o sadomasoquismo e outros discursos contendo os mesmos elementos, porém advindos de outras fontes marcadamente reacionárias.

Em entrevista a Judith Butler, Gayle Rubin falava sobre sua insatisfação com o pressuposto geral de que a psicanálise era o campo privilegiado para a interpretação de diferenças de conduta sexual e sobre como as abordagens psicanalíticas da variação sexual, também chamada de perversão, que lhe pareciam reducionistas e simplificadoras, chegavam ao feminismo sem praticamente sofrer nenhuma crítica. Sobre a abordagem que considerava mais adequada para captar a complexidade das “topografias e as economias políticas da significação erótica”, Rubin declarava o modo como Mary McIntosh, Jeffrey Weeks, Kenneth Plummer, Foucault e outros construcionistas sociais influenciavam seu olhar:

---

<sup>32</sup> Uma amostra disso parece ser o texto “Why I'm Against BDSM - Radical Feminist Perspective”, publicado em 2014, em: <http://liberalfeministtropes.blogspot.com.br/2014/03/why-im-against-bdsm-radical-feminist.html>. Acesso em: 24.Jan.2017. Esse mesmo texto foi traduzido para o português em 2016 e amplamente compartilhado em grupos feministas na rede social *Facebook*.

<sup>33</sup> O grupo “Feminismo, Fetichismo e BDSM” é mencionado na seguinte matéria: <http://www.revistaforum.com.br/semanal/o-fetichismo-e-o-bdsm-sob-uma-otica-feminista/>, publicada em 15 de Novembro de 2015. Acesso em: 25.Jan.2017.

Não vejo como se possa falar de fetichismo, ou sadomasoquismo, sem pensar sobre a produção de borracha, nas técnicas e acessórios usados para o manejo de cavalos, no brilho dos calçados militares, na história das meias de seda, no caráter frio e oficial dos instrumentos médicos ou no fascínio das motocicletas e a liberdade enganosa de sair da cidade para pegar a estrada. A propósito, como podemos pensar sobre o fetichismo sem considerar o impacto das cidades, de certas ruas e parques, de zonas de prostituição e “diversão barata”, ou da sedução das prateleiras das lojas de departamentos, com suas pilhas de mercadorias desejáveis e glamourosas (Judith Walkowitz, Kathy Peiss, Jann Matlock)? Para mim, o fetichismo suscita toda uma série de questões relacionadas à mudança na produção de objetos, às especificidades históricas e sociais de controle e etiqueta social, ou intrusões no corpo e hierarquias milimetricamente graduadas (Rubin; Butler, 2003: 179).

Para finalizar este capítulo, proponho tomar essa inspiração de Rubin em dois sentidos: um primeiro diz respeito ao modo como a circulação de informação, as NTIC e as mudanças no mercado de bens eróticos influenciam a constituição das *comunidades*. O segundo toma os adeptos, os livros e os próprios pesquisadores construcionistas como parte de processos sociais que têm sido recentemente objeto de análise antropológica.

Nesse sentido, podemos pensar em uma periodização em três momentos pelos quais o SM passou ao longo dos últimos anos em contexto brasileiro. Tomo como base o que pode ser observado em São Paulo, ciente da diversidade que marca o BDSM no país, mas exatamente pelo fato de que é apenas em São Paulo que contamos com algumas pesquisas realizadas em diferentes períodos nas últimas décadas. Trata-se mais de um exercício para pensar elementos que podem estar relacionados a processos de mudança do que de imaginar um modelo que se encaixe à diversidade dos modos pelos quais praticantes se organizam ou se encontram em outros locais do país. Contudo, é possível que alguns elementos presentes no caso paulista também estejam presentes em outras localidades.

O primeiro momento, nos anos 1980, se refere ao período de publicação dos primeiros livros com temática SM, no formato de contos e relatos autobiográficos eróticos. A comunicação entre os praticantes ocorria majoritariamente através da troca de cartas e dos anúncios publicados em revistas eróticas, quando os encontros ocorriam na esfera do privado. Nesse período, observamos diversas tentativas de criação de grupos voltados para a prática do SM, que não frutificaram, tendo em vista as particularidades referentes à comunicação naquele contexto, que refletiam em uma difícil articulação entre os praticantes, sendo esta feita inclusive através do uso de espaços não específicos para este fim, como revistas eróticas que não costumavam publicar textos sobre SM. A

coprodução de conhecimento no país já ocorre a partir do acesso a materiais advindos de outros países, através de pessoas que viajavam para o exterior.

O segundo momento tem a ver com a segmentação de mercado e a efetiva criação de espaços para encontro entre praticantes, como bares e clubes e, no caso da cidade de São Paulo, vai do início dos anos 1990 até o fim dos anos 2000. Esses espaços e as reuniões neles organizadas ocorrem inicialmente com uma quantidade pequena de pessoas que se conheciam entre si e vai ganhando maior adesão com o surgimento da Internet e a criação de blogs e, posteriormente, de salas de bate-papo e listas de discussão. Esse é o momento em que passam a ser realizadas práticas comunitárias, que poderiam ser chamadas de “práticas de clube”, nas quais a existência de uma *comunidade* ou *confraria* é muito valorizada – o que se expressa por meio de práticas como *play parties*, cerimônias públicas de encoleiramento e investimento no espaço dos *dungeons* –, há uma preocupação com o SSC e com uma distinção entre *play* e realidade que demandava um investimento *litúrgico*. Ocorre uma valorização da necessidade de se “aprender a praticar”, observado especialmente através da prática da *mentoria*, da oferta de workshops e da publicação de livros no formato “manual”, forma que possibilitava levar a “pedagogia” dos workshops para além dos encontros presenciais. Também há uma valorização dos adeptos mais velhos/experientes e das práticas coletivas que permitiam um controle comunitário e uma gestão coletiva do “risco sexual” (Facchini, 2008).

No início dos anos 2000 surge a rede social *Orkut*, mais precisamente em 2004, onde são criadas algumas comunidades de praticantes que tinham como foco principal a sociabilidade entre os mesmos e a troca de informações, que poderiam, e acabavam muitas vezes levando, a encontros presenciais coletivos. Esse ainda é um momento em que, embora tenha ocorrido um intenso crescimento da rede, as pessoas ainda se conheciam pelos *nicknames*, se não presencialmente.

O terceiro momento se refere à passagem dos anos 2000 para os anos 2010. Nele, as redes sociais se multiplicam e se tornam mais específicas, como o *FetLife*, e a quantidade de pessoas envolvidas no *meio* cresce de maneira significativa. A web 2.0 traz a multiplicação exponencial da quantidade de pessoas que criam e compartilham conteúdo no *online* acerca do tema do SM, bem como uma popularização do *Facebook* e de outras redes sociais. Os principais espaços de compartilhamento deixam de ser os blogs e passam a ser os grupos criados em redes sociais. Em São Paulo, alguns desses grupos

organizam seus próprios encontros presenciais para que as pessoas possam se conhecer, mas já não há necessariamente uma mediação e nem um espaço físico, como o que havia nos clubes, para que as cenas sejam realizadas em público. Nessas redes sociais se divulgam também as chamadas festas *fetichistas*, algumas das quais surgiram ainda nos anos 2000, nas quais não há a necessidade de um *dungeon* ou de um espaço formalmente delimitado para as práticas e na qual as práticas BDSM são apenas parte das atividades realizadas, dado que há grande investimento no bar, na pista de dança, no *dress code* e, em alguns casos, boas doses de irreverência e iconoclastia que chegam a contrastar com o ambiente coletivo altamente hierarquizado e ritualizado descrito por Facchini (2008) em relação ao Valhala e ao Dominna.

Com o aumento da quantidade de pessoas que circula pelo *meio* e a diversificação das opções de redes sociais, festas e atividades no interior das próprias festas, não é difícil imaginar que há diferentes graus de envolvimento com o BDSM, várias formas de pensar como se deve praticá-lo e a possibilidade de conviver com outras pessoas interessadas em *fetiche* ou *kinky* que não tenha nenhuma afinidade com algumas ou com o conjunto das práticas caras aos diversos grupos agregados sob o acrônimo BDSM. Um debate recente em um grupo do *FetLife*, por exemplo, chamava atenção para a necessidade de não considerar que todo *fetichista* seja praticante de BDSM ou tenha afinidades com um *estilo de vida BDSM*. Outras pessoas se queixavam da excessiva abertura da rede social que, após o lançamento da trilogia de livros dos 50 tons, que se deu no Brasil em 2012 alcançando estrondosa popularidade, teria sido *invadida* por curiosos.

Além disso, mesmo dentro de grupos que se identificam como *BDSMistas* ou *BDSMers* é bem fácil imaginar o potencial de acirramento de conflitos geracionais que a distância entre a experiência das *confrarias* e as festas *fetichistas* anunciadas em redes sociais, inclusive nas não específicas, nas quais convivem *BDSMers*, *fetichistas* e pessoas que muitas vezes não sabem do que se trata nada disso. Some-se a isso o fato de que nem sempre pessoas mais velhas têm domínio da tecnologia, no que se refere ao pleno uso dos recursos disponíveis em dadas plataformas, ou da linguagem que permite efetiva comunicação. Talvez isso tudo tenha bastante a ver com a utilização da categoria *dino*, ou *dinossauro*, em relação a praticantes mais velhos e aos conflitos envolvendo várias

categorias, entre elas especialmente a *liturgia*, que é a que toca mais diretamente as hierarquias comunitárias.

Embora a internet seja fundamental para a constituição do *meio* BDSM desde meados dos anos 1990, as transformações pelas quais passa o SM nacional nesse terceiro momento sofrem forte influência das mudanças relacionadas ao âmbito da tecnologia, que podem ser pensadas a partir da noção de autocomunicação de massas proposta por Castells (2014):

Nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência do que chamei de autocomunicação— o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital. É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada. A comunicação de massa baseia-se em redes horizontais de comunicação interativa que, geralmente, são difíceis de controlar por parte de governos ou empresas. Além disso, a comunicação digital é multimodal e permite a referência constante a um hipertexto global de informações cujos componentes podem ser remixados pelo ator comunicativo segundo projetos de comunicação específicos (Castells, 2014: 15).

Embora considere que tais aspectos mereçam uma observação mais adensada do que foi possível empreender no escopo desta dissertação, o fato de que se amplifique a possibilidade de conexão de pessoas com variados graus de interesse em determinada temática e que, ao mesmo tempo se crie uma arena de debates, ainda que separada em grupos, em que a comunicação se dê “de muitos para muitos” representa uma mudança radical em relação a outros momentos. Basta contrastar com o momento em que Cosam Atsidas e Wilma se encontram e, para explicar o que é sadomasoquismo, ele abre sua maleta e saca revistas impressas, trazidas por ele mesmo ou por alguém que teve oportunidade de viajar para a Europa ou Estados Unidos<sup>34</sup>. Ou então, no conjunto de características de quem era entendido como alguém que poderia ser visto como “de dentro” ou das dicas oferecidas por praticantes mais experientes a iniciantes no contexto dos clubes Valhala e do Dominna:

---

<sup>34</sup> Wilma Azevedo conta o episódio na palestra que proferiu por ocasião de evento do Dominna – Comemoração do Dia Internacional do BDSM em 2010.

As recomendações acima se dividem entre identificar alguém que possua os traços morais de “quem pode praticar” – sério, respeitoso e dedicado o bastante para acumular conhecimento - e se apoiar nos controles comunitários. A ênfase nesses controles é tão forte que a “capacidade de acatar regras” foi a principal característica citada, em entrevista com Mistress Bárbara Reine, para delimitar os considerados de dentro ou de fora: ‘Para alguém ser aceito como sendo alguém de dentro do grupo, tem que provar que é humilde o suficiente pra acatar ordem, pra acatar regra’ (Facchini, 2008: 166).

Se podemos notar mudanças no que diz respeito ao domínio da comunicação, no uso da internet pelos praticantes, elas também são bastante visíveis no aspecto mais palpável da *comunidade*. Do *dungeon* existente na primeira sede do Dominna – espaço enfatizado por Facchini<sup>35</sup> como bastante amplo, que se localizava no porão e ocupava a extensão da casa toda, de modo que várias cenas, de diferentes tipos, poderiam acontecer simultaneamente durante as *play parties* – foi, com o passar dos anos, ficando cada vez menor, até que as cenas passam a ocorrer num palco, quando o clube deixa de ter um espaço próprio. Facchini (2008) descreve com detalhes a maneira como o *dungeon* do clube era mobiliado no período em que realizou sua pesquisa:

O grau de adaptação, feita para que um dado espaço pudesse receber um *dungeon*, variava de acordo com o que podia ser investido no momento, da simples fixação e alocação de mobília e objetos, até a completa reforma do espaço, revestindo paredes e piso com pedras, dispendo luminárias nas paredes e criando ambientes específicos como celas com grades de diferentes proporções. O mobiliário envolvia a cruz de Santo André; o *pelourinho*, que remete ao contexto da escravidão no Brasil; suportes nas paredes e no teto (das quais pendiam correntes ou algemas em couro); suportes com roldanas e correntes utilizados para a prática de *suspensão*; cavaletes com algemas e instrumentos de tortura e imobilização que prendiam as mãos e cabeças em vãos, lembrando instrumentos europeus característicos do século XVIII (*cangas*); pequenas jaulas; bancos muito pequenos cravejados com pregos; além de toda sorte de objetos utilizados na prática de *spanking*, velas, entre outros já citados (Facchini, 2008: 182).

De modo concomitante às mudanças observadas no próprio tamanho do *dungeon* há a alteração do mobiliário utilizado para as práticas, de onde vão desaparecendo as grandes estruturas para *bondage* e *suspensão* ou *spanking*, que dão lugar ao uso de estruturas menores e móveis: do suporte fixo de maior porte com roldanas e correntes para suspensão na primeira sede do clube, por exemplo, passa-se a estruturas de bambu nas sedes com *dungeons* menores e, posteriormente, a uma pequena

---

<sup>35</sup> Facchini em comunicação pessoal.

circunferência metálica suspensa por ganchos que se instala no palco para a realização da cena.

Com a redução do tamanho dos *dungeons*, menos integrantes da comunidade passam a realizar práticas/cenas em público nos eventos. Leve-se em consideração ainda que, em meados dos anos 2000 havia um espaço com portas abertas e programação em pelo menos três dias por semana, o que vai se alterando de modo que essa oferta semanal de atividades não é obtida sequer pela soma dos eventos divulgados atualmente numa rede social como o *FetLife*. Alguns praticantes passam a se encontrar em eventos como o chamado “HH”, *happy hour* promovido por um dos grupos do *FetLife*, no qual o objetivo era que as pessoas se encontrassem para conversar em bares, tecer laços, realizando as práticas posteriormente, se fosse o caso, no âmbito do privado. O próprio Dominna, nas festas esporádicas que passa a realizar, conta cada vez menos com cenas que não sejam de praticantes que se proponham a produzir uma cena pública classificável como *performances*.

Sábado,  
23:30

Café Concerto Uranus, Santa Cecília, bairro central de São Paulo. Já conhecia o lugar há algum tempo. Uma combinação de bar, mesas espalhadas por um amplo salão, e, ao fundo, um palco com todos os seus elementos: o chão de madeira, as colunas laterais, o conjunto de cortinas, e os aparatos de luz. Naquela noite, o convite era para a festa de Halloween. Não estava lotado, e parte das pessoas ali não era mais estranha a mim. Elas estavam com seus pequenos grupos, sentadas ou em pé, bebendo, conversando e rindo. [...] Depois da meia-noite, um casal sobe ao palco. O homem, com terno preto e chapéu aos moldes de um dançarino de tango dos anos 50, trazia uma mala e nela, cordas e chicotes variados. Ele é o Mister Bondage, tem perto de 60 anos, branco e estava acompanhado por Lua Nova, sua esposa e submissa, com quem realizou o play de bondage, suspensão e spanking, performance livre, segundo os termos presentes no convite da festa (Gregori, 2016b: e164716).

O relato acima é baseado no diário de campo de Gregori, a partir de uma festa esporádica realizada pelo Dominna em outubro 2013. Neste mesmo ano, poucos meses antes, fui a campo num evento público BDSM pela primeira vez. Tratava-se de um evento realizado pelo Dominna em comemoração ao Dia Internacional do BDSM, na mesma casa noturna descrita por Gregori. Nessas ocasiões, as chamadas *performances livres* constituíam a quase totalidade das cenas que acompanhei em campo em 2013 e 2014. Elas diferiam em quantidade e no fato de serem declaradamente *performances* – e portanto praticadas por *performers* e não mais por qualquer praticante – em contraste com as *play*

*parties* e as *cenar* públicas de praticantes mencionadas por Facchini (2008) nos eventos regulares do Dominna por ela acompanhados nos anos 2000. Não se trata aqui de qualquer juízo de valor ou qualquer tipo de questionamento relativo à autenticidade, mas à identificação da importância e mesmo de centralidade que o praticante que elabora e se dispõe a realizar uma performance tem nessas atividades. E também do papel de mediação que as mesmas cumprem num contexto em que a ampliação do *meio* é tamanha que faz parecer inócua a proposta de criar *play parties* separadas para praticantes *experientes* e para *iniciantes*, aventada no Dominna cerca de uma década atrás (Facchini, 2008).

Voltando ao diálogo com Rubin (2003), parece seguro afirmar que as mudanças ocorridas no mercado de bens eróticos, pensadas aqui como as mudanças no tipo e no modo de circulação de publicações, de realização de festas e nas transformações das tecnologias de comunicação e informação, têm impactos importantes sobre como a comunidade tem se constituído ao longo desses mais de 30 anos.

Contudo, no decorrer desta dissertação, Gayle Rubin, pesquisadores – cientistas sociais ou de outras áreas – construcionistas, os praticantes brasileiros e os de fora do país são visto como atores que estão inseridos em processos sociais mais amplos que têm sido descritos como o de transformações no dispositivo da sexualidade (Carrara, 2015), com uma redefinição dos “limites da sexualidade (isto é, a zona fronteira onde habitam norma e transgressão, consentimento e abuso, prazer e dor)” e a emergência de um “erotismo politicamente correto” (Gregori, 2016b).

Sérgio Carrara (2015), ao pensar no “processo histórico de transformação por que passa contemporaneamente a sexualidade”, traz reflexões importantes a respeito da produção de novas estratégias de regulação da sexualidade. Segundo o autor, a emergência da noção de “direitos sexuais”, bem como a substituição da linguagem biomédica pela linguagem socio-jurídica, que “passa a organizar o próprio discurso médico-psiquiátrico”, aparecem como parte da transformação mais ampla pela qual passa o dispositivo da sexualidade, que seria acompanhado por um estilo de regulação moral específico. Nesse “novo regime” da sexualidade, “desde que sejam consentidas e que não coloquem a si próprio ou a terceiros em risco, quaisquer manifestações da sexualidade (e também das expressões de gênero) podem idealmente pleitear o direito de cidadania, articulando suas demandas na linguagem dos direitos humanos” (Carrara, 2015: 332).

Essas transformações políticas mais amplas e no campo científico ajudam a

delinear o contexto de emergência do sadomasoquismo no Brasil. Passado o período da *liberação sexual*, vivenciado por Glauco e Wilma no momento da escrita de suas primeiras obras, observamos um movimento progressivo de “cidadanização da homossexualidade” (Carrara, 2015) e da concomitante emergência da noção de direitos sexuais. É num contexto em que a sexualidade e o prazer são vistos como direitos e como um exercício necessário ao bem-estar e à saúde que tanto a legitimação das práticas BDSM quanto propostas de práticas mais seguras podem ser mobilizadas. A visibilidade ocorre, em grande parte, pela emergência de um “erotismo politicamente correto” e pelas alterações pelas quais passou o dispositivo da sexualidade (Carrara, 2015), que possibilitaram o crescimento e maior divulgação de produções (de livros, de produtos midiáticos) e veiculação de notícias relacionadas às práticas sadomasoquistas. Uma mudança significativa ocorre na forma de traçar os limites da sexualidade (Gregori, 2008; 2016a, 2016b) e de delimitar o bom e o mau sexo (Rubin, 1984; Vance, 1989), desde os anos 1980, que possibilitou progressivamente a ampliação do alcance do mercado erótico ao qual tem se vinculado o sadomasoquismo. Essa mudança foi o que permitiu, por exemplo, que Wilma Azevedo, bem como outras pessoas do *meio*, tenham passado a ser chamadas para diversas entrevistas veiculadas em rede televisiva aberta no início dos anos 2000. Também possibilitou ao Dominna se vincular à Erotika Fair a partir de um *stand* montado no evento, que consiste em uma feira nacional anual do mercado erótico, criada em 1995 (Facchini, 2008, Gregori, 2016a).

Contudo não se trata de um contexto que se impõe aos atores sociais, ao contrário. Sexólogos da “segunda onda”, ativistas feministas, do movimento LGBT, adeptos do BDSM assim como outros atores envolvidos nos embates acerca da regulação da sexualidade têm produzido mudanças profundas nas convenções sociais.

É possível afirmar que consentimento e vulnerabilidade constituem hoje os termos centrais em torno dos quais são acionados os direitos e práticas sexuais. Se em um momento anterior e no marco das contribuições feministas *pro-sex*, prazer e perigo formavam uma convenção com significativa rentabilidade analítica, atualmente é preciso reconhecer o deslocamento para as problematizações que dizem respeito ao consentimento e à vulnerabilidade (Gregori, 2016b: e164716).

Gregori (2016b) colabora para pensar acerca das convenções que têm sido transformadas a partir da ação de uma série de agentes. Se hoje, como indica Gregori (2016b) passamos de prazer e perigo como termos centrais em torno dos quais se acionam direitos e

práticas sexuais para a díade consentimento e vulnerabilidade, a coprodução de conhecimento sobre o tema do SM por parte de pesquisadores e praticantes não somente colabora no sentido de dar visibilidade a estas questões, mas também os coloca num lugar de centralidade nessas transformações. Isso se dá a partir de uma rede de pessoas e objetos, conformada por autores de literatura erótica, livros de diversos períodos, ativistas, artistas e discursos médico-científicos que operam numa cada vez mais intrincada arena de disputas acerca da regulação da sexualidade.

A partir de um acirramento de discursos conservadores no âmbito político e das transformações referentes ao que delineeii como um terceiro momento da *comunidade SM* no Brasil, nos anos 2010, há um aparente recolhimento dos praticantes em relação a uma arena pública. Nos últimos anos, com o apoio de tecnologias como o uso de grupos no *Whatsapp*, a interação entre praticantes aparentemente tem se deslocado para o âmbito do privado e de iniciativas situadas mais propriamente no âmbito do mercado. Se tive a oportunidade de acompanhar duas das comemorações anuais do Dia Internacional do BDSM em 2013 e 2014, organizadas pelo Clube Dominna, no fim desta pesquisa estes eventos já não são realizados.

## **II. Redes, atores sociais e literatura produzida por adeptos do sadomasoquismo no Brasil (1980-2000)**

Os livros de Glauco Mattoso, Wilma Azevedo e Edgeh fazem parte de uma rede bastante extensa, que inclui a produção de conhecimento médico-científico, acadêmico, de praticantes e divulgadores do SM, bem como de ativistas e pessoas ligadas ao campo das Letras e Artes no período pesquisado. Os contextos e processos de mudança sobre os quais me debruço no primeiro capítulo, trazem importantes reflexões que colaboram para pensar as redes e atores que permeiam as obras analisadas, sendo o contexto, inclusive, coproduzido em relação à estas.

Conhecer as redes e os atores sociais envolvidos nos processos de mudança social aos quais me refiro anteriormente se configura como um dos objetivos deste capítulo. Nesse sentido, o mapeamento das redes e atores presentes nos livros, bem como a análise de mudanças nos formatos e conteúdo de tal produção textual auxiliará, posteriormente, a pensar na circulação de categorias e na coprodução de conhecimento pelos praticantes, a partir dos discursos médicos e científicos.

Dessa maneira, realizei uma análise do livro “Manual do Podólatra Amador – Aventuras & leituras de um tarado por pés”, de Glauco Mattoso, em suas duas edições: a primeira edição – publicada em 1986 – e a reedição, publicada em 2006, agora “revista e ampliada”<sup>36</sup>. Também fiz uso dos livros “A Vênus de Cetim” (1986), “Tormentos Deliciosos” (s/d) e “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998), de Wilma Azevedo e do livro “Sem Mistério: Uma abordagem (na) prática de Bondage, Dominação, Sadismo e Masoquismo”, de Edgeh. Para além da produção textual mencionada, analisei um documentário sobre Glauco Mattoso intitulado “Filme para Poeta Cego”, dirigido por Gustavo Vinagre, algumas entrevistas divulgadas e outros materiais coletados durante minha pesquisa de mestrado.

Uma análise mais detalhada foi feita a partir dos discursos dos autores, dedicando maior ou menor peso a partir dos diferentes tipos de materiais aos quais tive

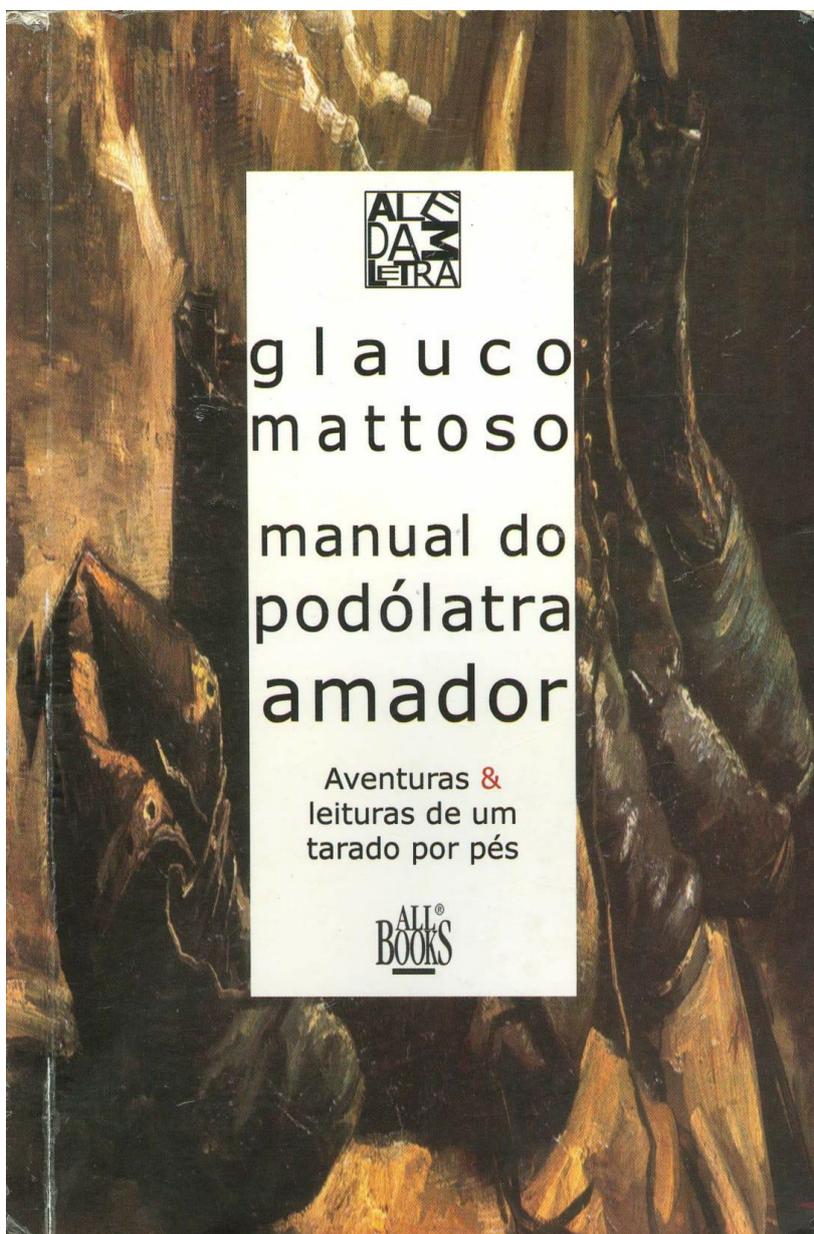
---

<sup>36</sup> A mudança da grafia da palavra “pedólatra”, no título da primeira edição (1986), para “podólatra”, na edição de 2006, parece acompanhar uma mudança mais ampla, a qual se observa na literatura mais recente sobre o tema. Na segunda edição do livro, Glauco Mattoso explica que a mudança na grafia da palavra teria ocorrido devido ao pânico gerado por uma “onda mundial de campanhas contra a prostituição infantil (...)” (Mattoso, 2006: 16), que teria provocado confusão entre os termos “pedófilos” e “pedólatras”. Os últimos, para evitar tal confusão, optaram pelo termo “podolatria” para nomearem suas práticas.

acesso, pensando nos atores que emergem dessas narrativas a partir da metodologia proposta pela teoria do ator-rede. Aponto ainda algumas reflexões feitas a partir dos escritos de Glauco Mattoso, Wilma Azevedo e Edgeh, no que tange a composição das redes e os atores por eles citados, além de indicar as formas pelas quais as redes parecem informar a circulação de atores e de categorias entre os diferentes campos presentes nas obras.

Sendo assim, o presente capítulo tem como foco mapear a composição das redes que permeiam os livros, a trajetória dos autores e das relações dos mesmos com outros atores sociais, como ativistas, escritores, médicos, sexólogos, psicólogos, artistas e obras literárias. Para tal, tomo como base da análise aqui realizada a teoria do ator-rede, tendo como referência os textos de Bruno Latour (2012) e Marilyn Strathern (2014), chegando até as críticas que Tim Ingold (2011) tece a essa teoria, além da proposta metodológica que o autor cria a partir do conceito de *meshwork*. Estas referências teóricas parecem ser rentáveis analiticamente na medida em que auxiliam a pensar nas relações informadas pelos diversos atores sociais, considerando as obras e outros documentos analisados como agentes que também seriam parte da rede, sem pressupor hierarquias.

## 1. Glauco Mattoso



**Figura 4.** Capa da reedição do livro “Manual do Podólatra Amador”, de Glauco Mattoso (2006)

O “Manual do Podólatra Amador” produz uma narrativa de cunho autobiográfico. Trata-se, segundo o autor, de uma *autobiografia sexual*. De acordo com essa narrativa, Glauco Mattoso<sup>37</sup> teria nascido na Lapa, zona oeste da cidade de São

---

<sup>37</sup> O pseudônimo “Glauco Mattoso” faz referência ao glaucoma, doença causada pela lesão do nervo óptico, relacionada ao aumento da pressão ocular. A doença, congênita no caso do autor, o acompanha desde a infância e provocou a perda progressiva de sua visão, até a cegueira total.

Paulo, sido criado na Vila Mariana, zona sul da cidade, depois na Mooca e por fim num subúrbio da Zona Leste. Suas primeiras experiências sexuais teriam se dado por volta dos seis anos, passando aos doze anos por uma espécie de “ritual de iniciação sadomasô”, como ele mesmo definiu, durante brincadeiras com um amigo de infância e situações vividas com colegas de escola. Nessa época – final dos anos 50 e começo dos anos 60 – os arredores da Avenida Sapopemba eram, segundo ele, “o que se pode chamar de cafundó”, onde a “molecada” era “esperta” e sempre rolavam os “troca-trocas” (Mattoso, 2006: 38). O autor teria se mantido afastado de tais brincadeiras, dado que a “fama” que a mesma pode proporcionar provavelmente chegaria aos ouvidos de seus pais.

Oportunidade, pois, não faltou. No entanto, o Glauquinho nunca cedeu à tentação. (...) Pros outros, o troca-troca era só uma aventurinha imediatista e inconsequente. No máximo, um ou outro podia virar freguês e ficar visado, ganhar fama de viadinho. Isso porque, até segundo aviso, ninguém se reconhecia como *bicha*. Comigo a coisa era bem outra. Eu me conhecia bastante, embora me fosse um mistério como a *bichice* funcionava na cuca dos outros (Mattoso, 2006: 38, itálicos meus).

A partir da leitura de Peter Fry (1982b), podemos compreender melhor a que tipo de “bichice” Glauco se refere ao falar sobre sua infância. A noção do estereótipo da *bicha*, citado pelo autor, remete a uma tentativa de fuga do estigma relacionado não só à homossexualidade, mas também de uma posição quase sempre considerada inferior no modelo hierárquico da homossexualidade masculina. Glauco descreve no livro suas primeiras experiências com a podolatria durante a infância:

Com os pés, então, foi uma festa. Descobri que a mesma parte do corpo, que ele usava pra me chutar a canela quando brigávamos, podia servir pra eu pôr a boca; a mesma parte que ele apoiava no carrinho de rolemã, no patinete, no pedal do velocípede ou da bicicleta, servia também pra apoiar na minha cara; a parte que ele passava no pano de chão antes de entrar na sala encerada, servia pra passar na minha língua. Aquilo era fabuloso, porque parecia tão absurdo ... e ao mesmo tempo não exigia tanto sacrifício. Na verdade, só seria "feio" se alguém visse. Por isso ficava tão gostoso de fazer. Era a liberdade de experimentar aquilo que ninguém aprovaria (Mattoso, 2006: 24).

Por volta dos 9 para 10 anos, Glauco descreve-se como *uma vítima potencial*: com dificuldades para enxergar, após a primeira cirurgia de glaucoma, era visado na escola por ser estudioso e se isolar dos colegas. Um dia, ao voltar para casa depois da escola, Glauco teria sido cercado por alguns garotos mais velhos, que lhe roubaram um doce, jogaram no chão e depois o obrigaram a pegar com a boca o doce que havia grudado

no pé de um deles (: 40). A narrativa aponta para a repetição dessas humilhações, sempre envolvendo os “pés tirânicos de seus algozes”. Contudo, aquela primeira vez teria ficado registrada na mente de Glauco: esse evento é citado por ele tantas outras vezes no decorrer do livro, no documentário “Filme para Poeta Cego” e em entrevistas, o que indica a centralidade de tal acontecimento em sua vida. O autor apresenta o episódio que teria ocorrido na infância como o momento a partir do qual teria sido despertado seu interesse por pés, ficando *refém* de uma “perspectiva perversa” que envolveria “a humilhação de um lado e o gozo do outro” (2006: 248).

A referência a algo “perverso” remete a um diálogo com categorias das “ciências psi”, que explorarei adiante. Contudo, antes disso, é relevante indicar a leitura que o próprio autor num dado momento faz dessa obra. Em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, em janeiro de 1987, Glauco afirma que ao tematizar a humilhação, a sujeira e o gozo, lado a lado, numa obra de caráter literário estaria não somente perseguindo um ideal antiestético, mas tensionando os próprios limites que separam literatura e sublitteratura. Diferentemente dos outros autores cujas redes analiso neste capítulo, Glauco se considerava e foi reconhecido como um artista, e como artista fazia política, não apenas no campo da *liberação sexual*, como no interior do campo literário.

Ao contar sobre esses episódios de humilhação e tortura de sua infância, como o caso da curra dos “moleques” da Vila Invernada, acima citado, Glauco faz referência a uma infinidade de autores que tematizaram o cárcere e a tortura em seus escritos, obras essas que também continham elementos de humilhação e podolatria, como John Swain, Robert Musil, Álvaro Caldas, Frei Betto, Jean Genet e o livro “O que é isso companheiro?” (1979), obra de Fernando Gabeira considerada um clássico sobre a ditadura militar brasileira. Sobre a ditadura e as torturas infligidas no período pelos militares, menciona também Gregório Bezerra, autor de “Memórias: segunda parte” (1980).

A literatura de cárcere, “do depoimento forense à autobiografia maneirinha, passando pela reportagem romanceada” (: 31), foi lida com afincamento por Glauco, que buscava encontrar detalhes sadomasoquistas nos textos escritos “sob o tom de denúncia ou confidência”. Segundo ele, alguns desses autores não souberam aproveitar o *potencial erótico* do material que tinham em mãos, cabendo a ele usar em suas obras os elementos eróticos que encontrava nesse tipo de produção textual.

A menção e inserção de trechos que descrevem com detalhes situações de humilhação, violência e tortura, durante a ditadura militar brasileira, a *slavery* estadunidense ou o cárcere político, chamam a atenção para os elementos eróticos que são lidos em suas entrelinhas por Glauco Mattoso. O autor deixa claro que o que lhe fascina em todas essas narrativas não é o desejo de “ter a cara chutada ou ser morto a pontapés pra poder gozar (...), porque tortura de verdade, na própria pele, nem morta!” (: 53). Glauco nos estaria sugerindo, segundo Perlongher (1986), que os mecanismos sociais de poder, opressão e de repressão são caminhos que o gozo percorre para realizar-se. A menção às cenas de tortura e humilhação seriam, então, uma certa forma de “reapropriação desejosa desse vínculo convencionalmente opressivo” (: 174). Como aponta McClintock:

A parafernália do S/M (botas, chicotes, correntes, uniformes) é a parafernália do poder do Estado, a punição pública convertida em prazer privado. (...) O S/M é alto teatro: “belamente adaptado ao simbolismo”. Como teatro, o S/M toma emprestada a decoração, os objetos e vestimentas (algemas, correntes, cordas, vendas) e suas cenas (quartos de dormir, cozinhas, masmorras, conventos, prisões, império) das culturas cotidianas do poder. Ao mesmo tempo, com sua ênfase exagerada nas vestimentas, roteiro e cena, o S/M revela que a ordem social não é natural, é roteirizada e inventada (McClintock, 2010: 216).

As referências literárias também são feitas a autores que documentaram em livros não-ficcionais as humilhações e torturas realizadas no período da escravidão nos EUA, como o livro “Parte de Minha Alma” (s/d), de Winnie Mandela, “Confissões verídicas de um terrorista albino” (1983), de Breyten Breytenbach e “O Batalhão Maldito” (1973), de Sven Hassel. Alguns autores que escreveram sobre o Brasil escravocrata também são mencionados junto às citações de suas obras, como é o caso de José Alípio Goulart, que escreveu “Da palmatória ao patíbulo: castigos de escravos no Brasil” (1971). A Bíblia é mencionada, tanto o Velho quanto o Novo Testamento, e tomada como “paradigmática, dada a quantidade de alusões podólatras”, bem como são mencionadas obras com referências “mulçumanas” que colocam o pé como símbolo de dominação ou submissão, “de carícia ou de castigo”, como é o caso das “Mil e uma noites”, obra na qual os felás e beduínos sofrem um tipo de tortura que consiste no uso de palmatórias nas solas dos pés, enquanto os xeiques são massageados.

Além destas, foram mencionadas obras literárias consideradas clássicas, tanto brasileiras quanto estrangeiras, que possuíam referências ao fetiche por pés, perseguindo assim os “rastros que a podolatria deixou ao longo da história literária” (: 81). Essas obras que tinham a podolatria como um elemento menor no texto – na maioria das vezes, tematizando o fetiche de homens por pés femininos – têm como exemplos os casos do livro “Um copo de cólera”, de Raduan Nassar e as obras de “podólatras confessos”, como Luís Delfino, sonetista e Henfil, cartunista, jornalista e escritor brasileiro.

O livro “A pata da gazela” (1870), de José de Alencar, aparece para Glauco Mattoso como “o grande monumento ao pé” da literatura nacional. José de Alencar, escritor, romancista e político brasileiro, mais conhecido por seus romances de temática nacional como “Iracema” (1865) e “O Guarani” (1857), teria construído “(...) um romance inteiro girando em torno do pé e de sua mística” (: 81). Glauco acaba por realizar uma releitura da obra de Alencar, publicando em 2005 o pastiche “A Planta da Donzela”.

O autor cita diversos estudos que foram empreendidos acerca de sua obra, mencionando autores dos EUA, como Steven Butterman e David William Foster, e do Brasil, como Néstor Perlongher, que analisaram de alguma forma sua produção literária. David William Foster, professor na Universidade do Arizona (EUA), teria equiparado o trabalho de Glauco à “ficção cubana de Reinaldo Arenas” e definido o “Manual do Podólatra Amador” como “a notable example of marginal narrative, a postmodern novel passing as the author's first-person erotic biography passing, in turn, as a sex manual”<sup>38</sup> (: 243). Importante notar que um dos prefácios do livro de Glauco Mattoso, “À guisa de apresentação”, é assinada pelo pesquisador, sendo composta por fragmentos adaptados do livro “Cultural diversity in Latin American literature” e do verbete sobre Mattoso na enciclopédia “Latina American writers on gay and lesbian themes: a bio-critical sourcebook”, ambos escritos por Foster. Steve Butterman, por sua vez, publicou uma tese de doutorado intitulada “Brazilian literature of transgression and postmodern anti-aesthetics in Glauco Mattoso”, na qual analisa a obra de Glauco, “desde o *Dobrabil* até os sonetos podólatras do livro *Centopéia*” (: 244), além de ter realizado uma entrevista com o autor.

---

<sup>3838</sup> "Um exemplo notável de narrativa marginal, um romance pós-moderno que passa então a biografia erótica em primeira pessoa do autor, passando, por sua vez, a um manual sexual" (MATTOSO, 2006: 243, tradução livre).

Ainda no que tange as redes que perpassam o campo acadêmico, Glauco menciona a relação de amizade “de longa data”, mas também profissional, que existia entre ele e Jorge Schwartz, professor de literatura hispânica da USP que teria apoiado sua “carreira poética desde o início”. A partir de um convite do professor, Glauco Mattoso integrou o grupo de tradutores da obra completa de Jorge Luis Borges, tendo trabalhado especialmente no livro “Fervor de Buenos Aires”, publicado pela Editora Globo. O prêmio Jabuti, recebido em 1999 pela tradução da obra, aparece no livro como um marco em sua carreira, ainda que com certo deboche: “Melhor que ornamento ou currículo, o prêmio me abriu portas perante a nova geração da mídia e do público, a qual nunca ouvira falar do meu nome, e me estimulou a revisitar a poesia, de novo como criador” (: 227). Para além do apoio oferecido na fase em que Glauco perdeu totalmente a visão e dos trabalhos colaborativos que realizaram, Schwartz teria convidado Glauco a palestrar na PUC-Campinas, tendo também escrito artigos sobre a publicação do periódico “Dobrabil”.

As passagens nas quais aparecem os excertos de obras literárias sobre podolatria estão lado a lado com as narrativas sobre a vida pessoal e profissional de Glauco. Segundo Perlongher, “quando Glauco interrompe a narração de suas aventuras para inserir trechos bibliográficos ou “teóricos”, está dando conta de outro aspecto da maquinaria. A leitura é também uma ocasião de deriva, uma instância na atualização (eclosão demorada, degustada e afinal quase diluída) do gozo. Não apenas é o corpo que **faz**, mas também se “faz” a cabeça” (Perlongher, 1986: 172, negrito do autor).

Essas passagens, que estão inseridas no texto em meio à sua história de vida, parecem demonstrar uma intenção de não só legitimar suas práticas sadomasoquistas e podólatras, mas também de legitimar sua obra e sua inserção num campo muito específico da literatura brasileira, campo este permeado pelo “*gênero jornalístico-underground*”, pelo gênero das “*confissões íntimas*” publicadas em magazines dirigidas ao público *guei* (segundo ele, sua autobiografia estaria nessa *linha confessional*), a “*subliteratura*”, o gênero S&M, sua participação em veículos de comunicação da *imprensa nanica* do período da abertura política e os sonetos *libertinos* que escreveu.

A importância da literatura em sua vida pode parecer óbvia para quem conhece um pouco de sua trajetória, mas é construída no livro a cada página, não só a partir de excertos de outros autores e do seu envolvimento com a produção de jornais e

revistas da *imprensa nanica* na época da ditadura e no período pós-redemocratização, mas também a partir de algumas falas, nas quais o autor afirma que a literatura foi sua válvula de escape para não “enlouquecer” após a perda completa da visão, em decorrência do avanço do glaucoma:

Você entende? Quer dizer, cada pessoa encara a sua própria existência de uma maneira, e se eu encaro assim, é porque era pra encarar assim. E a minha compensação é o que eu estou fazendo na Literatura, é o outro prato na balança. Eu podia me drogar, podia me suicidar, podia enlouquecer, podia estar num manicômio hoje (...) Acontece que a Literatura foi o meu vício (Transcrição da palestra de Glauco Mattoso na celebração do Dia Internacional do BDSM no Clube Dominna, em São Paulo, 2010. Arquivo pessoal).

A deficiência visual é central nas impressões de Glauco Mattoso e a importância dos limites e oportunidades gerados pelo glaucoma caracteriza as escolhas que Glauco Mattoso realizou durante a vida (Silva, 1998). O glaucoma fez com que ele adotasse o pseudônimo de Glauco Mattoso em referência à sua condição e a cegueira surge a todo momento em referências explícitas na construção de sua história de vida.

Os acontecimentos pessoais da vida de Glauco vão delineando os percursos a partir dos quais foram se constituindo as redes que emergem na análise de seu livro. Após concluir o “Clássico” (uma das opções de curso do Ensino Médio da época), Glauco prestou um concurso para trabalhar no Banco do Brasil, além do vestibular para estudar Biblioteconomia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, curso este que estaria “mais pra TFP que pra UNE”<sup>39</sup>, fazendo alusão ao caráter supostamente conservador do curso e de seus colegas. Ao ser aprovado nos dois, o autor “vislumbrou” uma nova fase em sua vida.

Glauco se muda para o Rio de Janeiro em 1975 com o objetivo de sair da casa dos pais e poder viver o *estilo de vida* pelo qual havia optado com maior “liberdade”. Vai então trabalhar na biblioteca do banco no Rio de Janeiro, unindo a sua formação em Biblioteconomia e o trabalho no Banco do Brasil. Segundo ele, essa mudança foi motivada principalmente por sua passagem por um grupo de teatro amador de São Paulo, no qual teria conhecido alguns *cucas-frescas* e montado peças de Ionesco, Brecht e

---

<sup>39</sup> TFP é a sigla para *Tradição, Família e Propriedade*, registrada no Brasil em 1960 como *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade*. É uma organização civil de inspiração católica tradicionalista que se pauta, de um modo geral, no combate aos ideais maçônicos, socialistas e comunistas. UNE é a sigla para *União Nacional dos Estudantes*, considerada a principal entidade estudantil brasileira. Foi fundada em 1938 e tem como função representar os estudantes do ensino superior no Brasil.

Beckett, sendo este o início de seu “desbunde”. Assim que chegou ao Rio de Janeiro, teria ido morar numa pensão em Santa Teresa, “no maior baixo-astral”, onde pensava:

Tá certo, não conheço ninguém aqui, este hotel parece um asilo no exílio... mas também quase não tive de quem me despedir naquela merda de metrópole cheia de gente! Merda por merda, esta é bem mais colorida, mais quente e mais cheirosa. E se não conheço ninguém, em compensação ninguém me conhece. Posso ser eu mesmo, me conhecer melhor e ter plena liberdade tanto pra me matar sem testemunha como pra viver na presença de alguém que valha a pena... (Mattoso, 2006: 97).

Ao observar essa passagem do texto notamos que Glauco vê na mudança para o Rio de Janeiro – para ele, o grande “salto qualitativo” em sua vida – a possibilidade de constituir uma vida longe da família, já que os laços com a mesma nunca haviam sido “muito fortes”. O bairro de Santa Teresa, totalmente urbanizado, se contrapunha, em sua narrativa, aos outros morros do Rio que, na época, estavam “cobertos por mato ou por favelas”. Lá conheceu o jornalista, escritor e memorialista Antônio Carlos Villaça, segundo o autor, seu primeiro contato pessoal com alguém ligado às Letras.

Ainda no Rio de Janeiro, em 1977, Glauco iniciou-se no movimento homossexual através da participação em um pequeno grupo de estudos sobre homossexualidade na casa de Leila Mícollis e Marcelo Liberalli. Leila, considerada por Glauco como “a mais forte e combativa figura feminina da poesia” (: 134) de sua geração, foi apresentada a ele pelo *poeta guei* Paulo Augusto, que circulava por Santa Teresa “vendendo seu livro de mão em mão”, como conta o autor. Glauco Mattoso teria conhecido Paulo Augusto quando este apareceu em sua residência junto com uma “patota lítero-etílico-psicodélica”. Naquela época, Glauco estava em contato com os chamados poetas “marginais” ou “independentes”, “pra trocar ideias ou trabalhos na linha epigramático-fescenina” (: 134), onde “incursionava nas horas vagas”. Com Leila Mícollis, desenvolveu “todas as afinidades possíveis”, nas palavras dele: “desde a confidência sexual até a fofoca venenosa” sobre suas amigas e inimigas “nos bastidores da vida artística”. Em Marcelo, Glauco encontrou “um cara intelectualizado & ativista”, um dos primeiros comprometidos em questionar a condição do homossexual, “pouco compreendido no contexto das ‘minorias’”.

Entre 1977 e 1981, Glauco produziu um panfleto chamado *Jornal Dobrabil* (uma brincadeira com *Do Brasil* e “dóbrável”), que era datilografado em folhas avulsas,

xerocopiadas, dobradas e enviadas como carta. Se no início o panfleto era tido como mais uma produção da chamada “imprensa marginal”, em determinado momento, quando Glauco passou a enviá-lo para destinatários *badalados*, como Millôr e Caetano Veloso, seu trabalho “repercutiu”, embora continuasse de certa maneira, segundo ele, ignorado pelo grande público.

Sua entrada no jornal “Lampião” e no grupo Somos, ocorrida após o retorno a São Paulo em 1978, aconteceu especialmente a partir da relação entre Marcelo Liberalli e João Silvério Trevisan, escritor, dramaturgo, cineasta e ativista do movimento homossexual. O jornal Lampião e o grupo Somos são, respectivamente, o primeiro periódico vendido em bancas e o primeiro coletivo exposto em público a levantar a bandeira da causa homossexual, o que era feito segundo o autor, até então, “sem a seriedade necessária” para sustentá-la “fora dos guetos”.

Trevisan regressara ao Brasil depois de ter corrido mundo e morado algum tempo em San Francisco, onde tomara contato com o movimento guei americano. (...) Na galeria Metr pole abraçamos Trevisan pela primeira vez. A primeira impressão que se tem dele é justamente o abraço afetuoso, apertado e terno ao mesmo tempo (Mattoso, 2006: 147).

A Galeria Metr pole teve sua inauguração na década de 60 e foi construída como um projeto urbanístico. Mas como relata Clóvis, entrevistado de Perlongher em sua obra acerca da prostituição viril em São Paulo, “quando estava em obra as bichas já falavam ‘vamos invadir esse espaço, vai ser nosso, vai ser uma bicharada toda nessa galeria’” (Perlongher, 1987: 99). Tornou-se então o *ponto quente* da vida gay paulistana, repleta de bares, boates, fliperamas e livrarias. A galeria unia não só o “mundo gay”, como também os intelectuais, artistas, poetas, prostitutas e gigolôs. Apesar da ditadura, a galeria teve seu auge nos anos de 1966 e 1967, passando a ser espaço de blitz somente em 1969, quando suas três portas foram fechadas e todos os que estavam lá foram levados presos. Com a diminuição da frequência, a Galeria Metr pole entrou em declínio, assim como a chamada “paquera caminhante”, que acontecia nos arredores da Galeria. Com o tempo, as boates e os circuitos se deslocaram para outros lugares, como a Nestor Pestana, a Augusta e os Jardins (Facchini, 2008; França, 2012; Puccinelli, 2013).

Pouco depois de conhecer Trevisan, Glauco conheceu no Rio de Janeiro o jornalista Antônio Chrysóstomo, integrante do Lampião da Esquina, sendo então convidado para colaborar no jornal, cujo número zero sairia em abril de 1978. Duas semanas depois,

Glauco teria voltado para São Paulo e sido apresentado aos outros membros do jornal: Darcy Penteado, artista plástico e autor teatral, o cineasta Jean-Claude Bernardet, o antropólogo Peter Fry e o escritor Aguinaldo Silva. Segundo Glauco Mattoso, Aguinaldo Silva foi o membro que mais “renegou” sua experiência no *Lampião*, depois de entrar para a Rede Globo.

No mesmo dia em que foi publicado o número zero do *Lampião*, Trevisan convidou Glauco para uma reunião na casa de amigos, para “um papo informal”. Assim surgiu o Grupo Somos, o primeiro grupo de luta pelos direitos homossexuais organizado do país. Juntamente com os outros participantes, Glauco Mattoso sustentava “a grande tese da época”: segundo ele, “a conscientização do homossexual passaria necessariamente pelo repúdio anarquista de toda estrutura de poder, incluindo a família, o casamento hetero, a divisão de papéis ativo & passivo, a monogamia, a fidelidade, o ciúme, o mero compromisso” (Mattoso, 2006: 148). Para o autor, o Grupo Somos e todos aqueles formados nos moldes do mesmo tiveram o mérito de abrir um espaço fundamental para os homossexuais que, ao lado de outras minorias, “bagunçavam o coreto dos esquemas simplistas” de oposição entre esquerda e direita, oposição e situação, que faziam parte do discurso dos “intelectuais engajados” da época (: 149).

Com o fim do *Lampião da Esquina* em 1981, Glauco Mattoso só voltou a colaborar na imprensa alternativa brasileira quando o *Pasquim* abriu em 1982 duas páginas para os humoristas de São Paulo, dentre os quais estão os cartunistas Angeli, Laerte e seu xará Glauco. Passou a publicar textos que eram, segundo ele, “uma mistura de escatologia e *porralouquice*”, até ser expulso em 1983. No *Pasquim* seu interesse pela temática da tortura aumentou e, ao encontrar apenas textos sobre memórias de vítimas da repressão que censuravam as cenas de tortura, Glauco percebeu que teria que escrever sobre o assunto se quisesse algo que fugisse disso. Foi a partir disso que ele teve a ideia de dois projetos literários: o da “Enciclopédia da tortura” e da “História do trote estudantil”. Sobre o trote estudantil, elaborou o livro intitulado “O calvário dos carecas” (1985). A Enciclopédia da Tortura nunca chegou a ser publicada, mas Glauco publicou, em 1984, um livro intitulado *O que é tortura?* na coleção “Primeiros Passos” da editora Brasiliense.

Após a conclusão do livro sobre a história do trote estudantil, Glauco percebeu que se quisesse continuar “explorando o filão sadomasô, teria de ficar criando literatura (repetindo clichês da ficção S&M) ou reproduzindo fatos verídicos já documentados (os

raros detalhes garimpados dos depoimentos alheios)” (: 162). Uma opção rentável parecia ser, para o autor, a de colocar a si mesmo no “papel de fonte”: “bastava ficar em torno daquilo que eu havia lido & feito com os pés”.

Após o lançamento do “Manual do Pedólatra Amador”, Glauco foi entrevistado pelo jornal Estado de São Paulo, em janeiro de 1987, em matéria intitulada “Glauco fez Crac com a Literatura”. A entrevista, realizada por Ademir Assunção e publicada no Caderno 2 do jornal, apresenta informações que nos ajudam a compreender as motivações do autor para inserir temas como a podolatria masculina num contexto literário e, nas palavras do entrevistador, “a pensar nisso como um livro”:

Existe uma intenção clara, deliberada. Estou em cima de um muro muito conflitante. Estou tentando furar, embora debilmente, uma barreira que existe entre a chamada literatura e a chamada subliteratura. Existe um conceito, em termos acadêmicos, críticos, de que a subliteratura não chega a ser literatura. Por que isso? A meu ver é um problema de temática. Não é o meio, não é o recurso, não é a forma. É a temática. Sexo, principalmente o sexo sujo, transgressivo, o sexo que foge aos padrões familiares, ditos normais, continua sendo considerado de mau gosto. Por consequência, a temática, por mais bem elaborada, por mais eficaz que seja em termos mercadológicos, continua reprimida e rebaixada para um plano inferior em termos de conceitos críticos. Em termos de público, não (*O Estado de S. Paulo*, 16 jan. 1987).

### 1.1. As redes de Glauco Mattoso

Tendo em vista a multiplicidade de atores citados por Glauco Mattoso, elaborei um banco de dados no Excel, de forma a facilitar o mapeamento e a análise dos atores humanos e não-humanos que emergem da narrativa presente em “Manual do Podólatra Amador”<sup>40</sup>. Foram registradas 277 entradas no banco de dados, incluindo: 1. “Personagens” (referente aos personagens tidos como “fictícios”); 2. “Referências sobre o autor e o livro” (diz respeito aos atores que são citados por outras pessoas, como aqueles mencionados no prefácio, posfácio, contracapa, etc, ou seja, que não são evocados pelo discurso do próprio autor ou autora); 3. “Contatos pessoais” (referente aos atores sociais citados pelo autor do livro em questão como aqueles que faziam parte dos contatos mais próximos dos mesmos, ou seja, estavam mais próximos dos autores dentro da rede analisada); 4. “Letras & Artes” (referente aos atores citados pelo autor que fazem parte

---

<sup>40</sup> Importante mencionar que o banco de dados foi construído a partir da reedição do livro, publicada em 2006.

do campo artístico e/ou literário); 5. “Ciência” (referente aos atores do campo médico e científico); 6. “Autorreferência” (diz respeito às citações de trabalhos e escritos do próprio autor do livro, autocitação); 7. “Ativismo” (atores ligados ao ativismo no nível institucional, como instituições ou grupos); 8. “Contexto” (atores que auxiliam na compreensão do contexto da época).

A organização de tal banco de dados permitiu lançar um olhar panorâmico sobre a rede e os atores citados, bem como avaliar a rentabilidade do uso da teoria do ator-rede nesta pesquisa. O conceito de rede do qual parto possui como base a formulação de Strathern (2014), que compreende uma rede como uma imagem através da qual é possível realizar uma análise sem que haja uma pressuposição de hierarquias entre os atores, que podem ser de qualquer material ou forma. Dessa maneira, surge a possibilidade de articulação entre atores humanos e não-humanos neste trabalho, tendo como atores humanos os praticantes e divulgadores do *sadomasoquismo erótico/BDSM*, os médicos, psiquiatras, psicanalistas, artistas e ativistas, dentre outros, e como atores não-humanos os documentos analisados, como as obras da sexologia, a produção textual dos praticantes, as revistas eróticas do período, etc.

As redes ainda podem ser, segundo Strathern (2014), tão extensas ou reduzidas quanto forem as análises sobre o material e podem englobar outras redes, seguindo uma espécie de “lógica fractal”. Em seu livro “Reagregando o social: Uma introdução à teoria do ator-rede” (2012), Latour aborda algumas maneiras de usar a ANT (*Actor-Network Theory*, em português, Teoria do Ator-Rede) para reunir conexões sociais e tentar explicar o social a partir da investigação das redes, seguindo os próprios atores, a fim de devolver a eles a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social, ao invés de atribuir a eles um papel estático, passivo. Trata-se de dar agência aos atores sociais, compreendendo que é preferível mergulhar nessas associações do cotidiano, ao invés de buscar, dentro da pesquisa, “encaixar” os atores dentro de algum grupo pré-estabelecido. É necessário sair pelo mundo rastreando as pistas deixadas pelos atores na formação e desmoronamento dos grupos. Sendo assim, o banco de dados organizado não teve a intenção de criar classificações totalizantes, mas sim de auxiliar no reconhecimento dos fluxos e circuitos pelos quais os atores circulam.

Strathern chama a atenção para os elementos heterogêneos que constituem objetos, eventos ou séries de circunstâncias e que são evocados pela noção de rede. Esses

elementos, unidos pelas interações sociais, ajudariam a demonstrar a vantagem analítica do conceito de rede, a partir do “entrelaçamento das interpretações que conectam ‘numa cadeia contínua’ as representações, as políticas e o mundo da descoberta científica”, (Strathern, 2014: 302) criando dessa forma narrativas mistas, nas quais as próprias interpretações do pesquisador não são mais do que parte da rede, tanto quanto qualquer outro elemento.

Uma das características da teoria do ator-rede é a de que a rede pode ligar ou enumerar entidades díspares sem fazer suposições sobre níveis ou hierarquias, além de incluir no ordenamento da vida social não só humanos e não-humanos, como também o entendimento das sociedades modernas e das pré-modernas. Esse é um dos argumentos refutados por Tim Ingold (2011), para o qual a agência não estaria espalhada através da rede, muito menos seria uma característica presente da mesma forma em humanos e não-humanos. O problema para ele reside na noção de simetria proposta por Latour, que concede o mesmo tipo de agência a elementos muito diversos entre si, como um grão de areia, um documento ou um humano. É necessário, para Tim Ingold, pensar em um conceito de agência que leve em conta a complexidade de organismos vivos, em oposição à matéria inerte (Ingold, 2011: 94), bem como as diferenças e possibilidades de agência de cada um. O autor considera que o que qualifica a agência ou não de algo (ou alguém) é a capacidade de pensar sobre o movimento que se faz, não de uma forma filosófica, mas numa relação muito próxima entre movimento corporal e a percepção desse movimento. Ao utilizar a metáfora de uma aranha em uma teia para explicar sua teoria, Ingold (2011) afirma que a teia não é um objeto com o qual os atores interagem, mas a base sobre a qual a possibilidade é baseada. A teia (que se opõe ao conceito de rede) seria a condição da agência de um ator social, mas não ela própria um agente. A partir dessa noção de agência, creio ser relevante atentar para a importância que Ingold dá ao contexto, não como mais um elemento presente na rede, ou algo com o que se interage, mas sim como a condição necessária para a agência. Não é a relação entre dois atores que deve ser analisada, mas a relação entre os atores e o contexto no qual eles estão inseridos, considerando que estas relações só se estabelecem contextualmente e que são experienciadas através de uma espécie de campo de forças instituído através dos meios que circundam os atores. A ação

não é resultado de uma agência distribuída pela rede, mas sim o efeito recíproco de forças que são conduzidas ao longo das linhas da *meshwork*<sup>41</sup>.

Nesse sentido, a abordagem da teoria do ator-rede é incorporada a outros tipos de análise neste trabalho, não a fim de desconsiderá-la, mas de refletir sobre suas lacunas e ao mesmo tempo acionar novas abordagens para pensar as redes que emergem dos livros. Ao dividir os atores mapeados nas categorias acima citadas, constatei que a maior parte dos atores mencionados no livro de Glauco Mattoso não está estático, mas circula por entre os campos por mim delimitados, como aqueles que fazem parte do campo artístico, ativista e acadêmico, ou de pelo menos dois deles ao mesmo tempo, indicando uma forte relação entre o ativismo e o campo das letras & artes no período da abertura política no Brasil. Isso fica claro especialmente ao analisar os atores alocados na categoria “Contatos Pessoais”. Na intersecção entre o campo acadêmico e o campo ativista, tomada como exemplo, se encontram alguns nomes como Betinho (Herbert José de Sousa), sociólogo brasileiro e ativista pelos direitos humanos (além de irmão do cartunista Henfil), Néstor Perlongher e Edward MacRae, antropólogos politicamente influentes na liberação homossexual do período da abertura política brasileira, além dos cartunistas Angeli, Laerte e Glauco, já mencionados, com os quais Glauco Mattoso fez contato a partir de seu trabalho no Pasquim.

Néstor Perlongher foi um antropólogo argentino bastante reconhecido nos estudos de gênero e sexualidade por sua pesquisa de mestrado acerca da prostituição viril em São Paulo, intitulada “O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo”<sup>42</sup> defendida na Universidade Estadual de Campinas em 1986, onde também foi professor, e publicada pela primeira vez no ano seguinte. Perlongher escreveu o posfácio do “Manual do Pedólatra Amador”, primeira edição do livro de Glauco Mattoso, publicada em 1986 pela Editora Expressão. O posfácio, que consiste em um denso ensaio intitulado “O desejo do pé” (1986), foi traduzido na Argentina “e nos States, onde chamou a atenção de hispanistas e brazilianistas” (Mattoso, 2006: 243). A versão traduzida para o espanhol

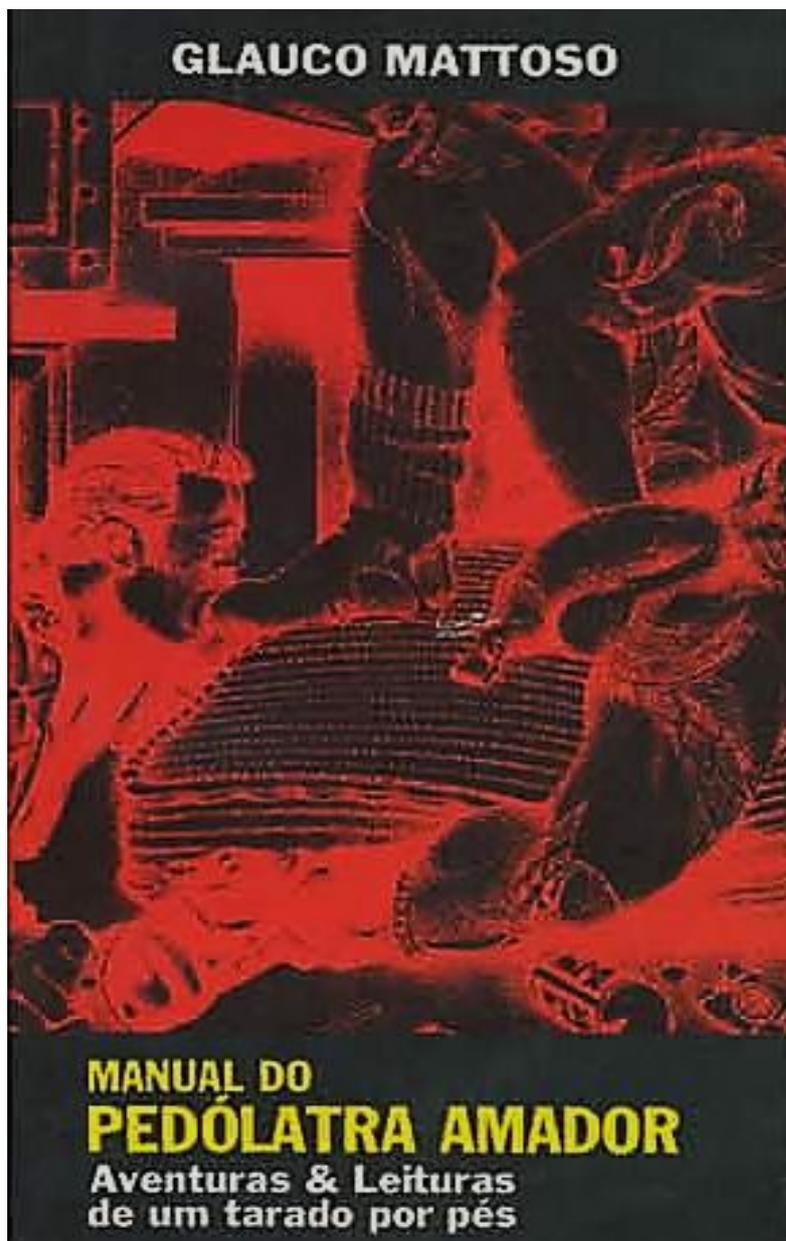
---

<sup>41</sup> O conceito de *meshwork* (malha, em inglês) é utilizado por Ingold (2007) - inspirado no uso que Lefebvre (1991) faz do termo - para contrapor sua teoria à teoria do ator-rede de Latour, afirmando que um emaranhado de coisas (em oposição à noção de objetos que aparece em Latour) não é formado por uma rede de conexões, mas sim por uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento.

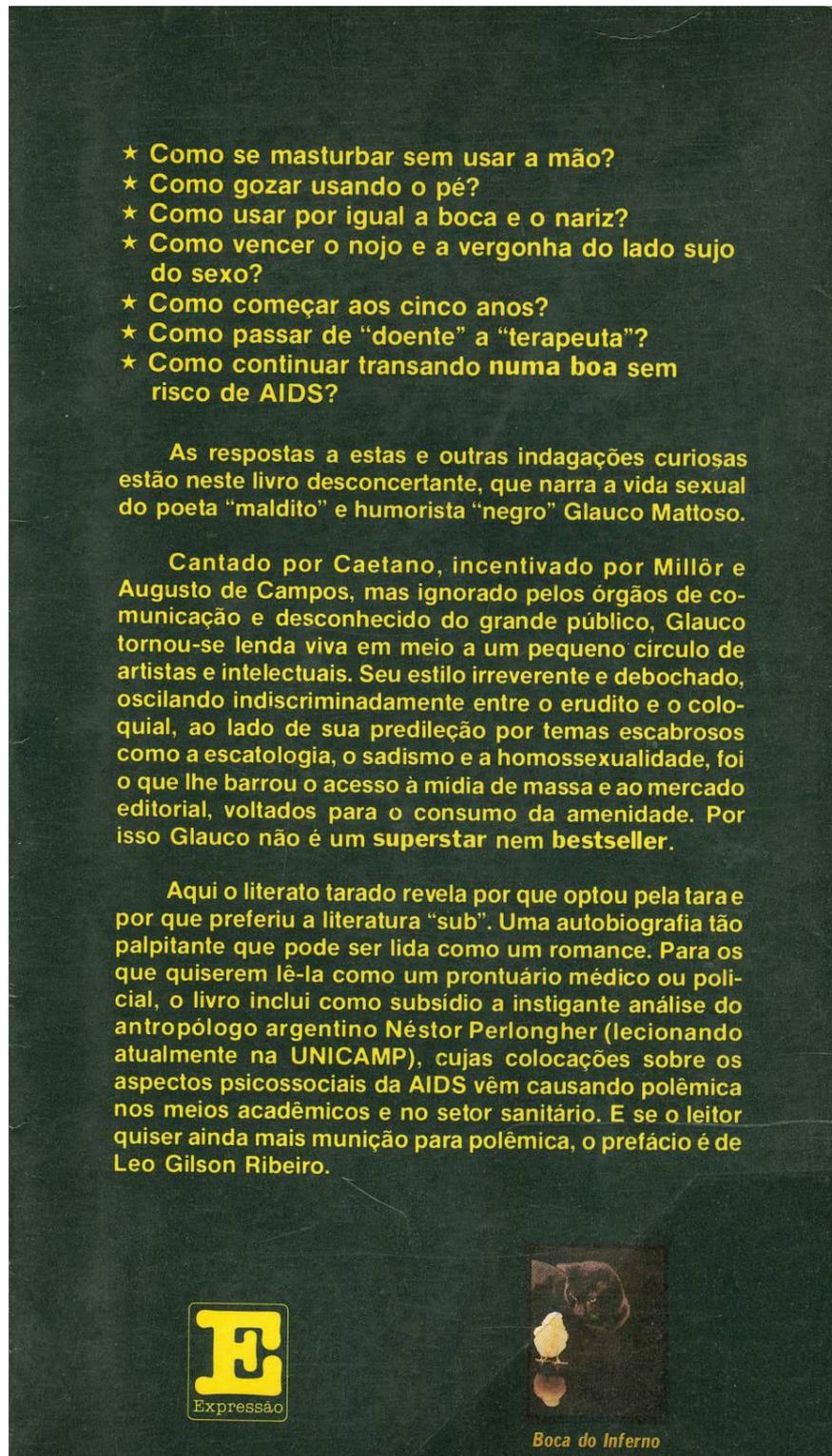
<sup>42</sup> Simões (2008) retoma sua trajetória: “Perlongher já tinha uma carreira em construção na Argentina, como promissor poeta, além de pesquisador e ativista político, antes de migrar para o Brasil, na virada dos anos 1980, e se refugiar, como ele dizia, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp” (: 536).

(“El deseo de pie”) aparece na lista de obras de Perlongher, mas curiosamente não consta na edição “revista e ampliada” do livro de Glauco, publicada em 2006 pela Editora Casa do Psicólogo, sendo um de seus trechos citados na contracapa desta edição mais recente:

Estas memórias de um podólata se dispõem como uma “arqueologia desejan­te”. Seu objeto é vasculhar as origens, as circunvoluções e as escalas de um desejo, a “podolatria” (e ao neologismo não escapa uma associação, que lhe é bem grata, com a “idolatria”: podólata, caberia dizer, é aquele que idolatra os pés. - Néstor Perlongher, no posfácio da primeira edição (Mattoso, 2006, contracapa).



**Figura 5.** Capa da primeira edição do livro “Manual do Pedólata Amador”, de Glauco Mattoso (1986)



**Figura 6.** Contracapa da primeira edição do livro “Manual do Pedólatra Amador”, de Glauco Mattoso (1986)

O círculo de contatos de Glauco Mattoso incluía também muitos atores sociais pertencentes ao lugar que se poderia chamar de intersecção entre o campo artístico e o campo ativista, sendo alguns deles: João Silvério Trevisan, ativista e escritor, Aguinaldo Silva, editor d'O Lampião da Esquina, dramaturgo e jornalista, Darcy Pentead, cenógrafo, militante do movimento homossexual, artista plástico, Jean-Claude Bernardet, cineasta e militante do movimento homossexual, Paulette, dzi-croquette<sup>43</sup> e Henfil, cartunista e militante em diversos movimentos sociais, além de forte opositor da ditadura militar. Podemos observar que o jornal O Lampião da Esquina, O Pasquim, o grupo militante Somos e o Jornal Dobrabil<sup>44</sup> são pontos que condensam esses atores de maneira mais clara, indicando os momentos da trajetória de Glauco Mattoso em que ele possivelmente teve maior contato com esses atores, advindos do campo ativista e das letras e artes. Indica também uma imbricação profunda do campo artístico-literário e do campo político (Bourdieu, 1996) que parecem se entrelaçar e muitas vezes se confundir no contexto analisado.

As citações de fora do círculo de contatos pessoais de Glauco Mattoso fazem referência a uma infinidade de atores sociais, das mais diversas áreas. São citados autores acadêmicos, como Câmara Cascudo e Gilles Deleuze; escritores que fazem parte de uma literatura mais canônica (nacional e estrangeira), como Álvares de Azevedo, Manuel Bandeira, José de Alencar e Oscar Wilde; autores clássicos da literatura erótica, como Bocage, Aretino, Sade, Apollinaire e Sacher-Masoch; autores que escreviam literatura de cárcere, sobre violência e/ou tortura, como Fernando Gabeira, Winnie Mandela, Jean Genet e Frei Betto, já mencionados.

Para além da infinidade de atores do campo literário, impossíveis de serem contemplados em sua totalidade, foram citados atores do circuito musical, do teatro, TV, rádio, cinema, internet, cartunistas e atores relacionados à imprensa (especialmente documentos), como jornais da época, desde aqueles de maior circulação, como o Jornal

---

<sup>43</sup> Os dzi-croquettes eram os atores de um grupo de teatro *independente* carioca cujas peças possuíam, nas palavras de Lobert (1979: 2), “uma proposta contestadora das categorias sociais vigentes fantasiada de purpurina, flores e paetês”. O grupo, que veio a se tornar símbolo da contracultura brasileira, iniciou suas apresentações em 1972, no Rio de Janeiro, apresentando-se posteriormente em São Paulo e em diversos países da Europa.

<sup>44</sup> Jornal idealizado e produzido por Glauco Mattoso, era datilografado e distribuído na forma de cartas e circulou no período de 1977-1981.

da Tarde (São Paulo, 1966-2012) e o Notícias Populares (São Paulo, 1963-2001), até aqueles da *imprensa nanica*/alternativa, como o Pasquim.

Glauco cedeu entrevistas, colaborou e participou ativamente da produção de parte das publicações citadas em seu livro, escrevendo artigos avulsos para algumas revistas e jornais ou publicando em colunas periódicas. Também menciona diversas revistas nacionais com temática erótica e/ou fetichista, como a SP Só Para Maiores (no qual colaborou junto a Wilma Azevedo), a Revista Status, para a qual escreveu artigos e ensaios e a Revista Private, um dos veículos para o qual teria dado “entrevistas polêmicas”, com o objetivo de divulgar o “Manual do Podólatra Amador”.

Mas não foi somente a partir de veículos da imprensa alternativa e revistas de conteúdo erótico que se deu a divulgação do autor e de sua obra publicada em 1986. Glauco foi entrevistado no período pelo jornal Estado de São Paulo, na já citada matéria de janeiro de 1987. Trechos de outras entrevistas do período aparecem inseridos na orelha e na contracapa da edição do livro publicada em 2006, em meio a matérias mais recentes. Na orelha do livro, a matéria publicada na Folha de São Paulo em 24 de janeiro de 1986 (o dia seguinte ao lançamento do livro no “lendário Madame Satã – templo do rock paulistano”) é encontrada na íntegra. Na contracapa, por sua vez, se encontra um trecho de uma matéria da revista gaúcha Cobra, publicada em março/abril de 1987, outro de matéria publicada no Jornal do Brasil e outro de matéria do jornal O Globo, as duas de 2005.

A coleção **ALÉM DA LETRA**, dedicada inteiramente à literatura, representa uma ampliação do leque editorial da **Casa do Psicólogo**.

Dirigida pelo psicanalista e escritor **Sérgio Telles**, nela serão publicados escritores brasileiros consagrados e estreados, além de traduções de bons autores estrangeiros.

#### SOBRE GLAUCO MATTOSO E SUA OBRA

Este *Manual do podólatra amador*, com o subtítulo de *Aventuras & leituras de um tarado por pés*, costura grande parte da autobiografia de Glauco Mattoso com trechos de obras célebres da "littérature cochonne" de vários autores. (Leo Gilson Ribeiro, no prefácio da primeira edição)

Estas memórias de um podólatra se dispõem como uma "arqueologia desejanter". Seu objeto é vasculhar as origens, as circunvoluções e as escalas de um desejo, a "podolatria" (e ao neologismo não escapa uma associação, que lhe é bem grata, com a "idolatria": podólatra, caberia dizer, é aquele que idolatra os pés). (Néstor Perlongher, no posfácio da primeira edição)

O "Manual do podólatra amador" é uma supervalorização erótica dos pés. Além de narrar experiências próprias desde sua infância, movidas por desejos homossexuais sadomasoquistas (o que vai nos enchendo de tesão, nos deixando de Pé Duro), o autor cita outros autores em confessas adorações a pés. (Elton Scartazzini, na revista gaúcha *Cobra*, março/abril de 1987)

Poeta, contista, romancista, colunista, ensaísta, letrista, tradutor e outras coisitas mais, já ostenta vasta obra que reconhece como herdeira, na sátira política e na crítica de costumes, de Gregório de Matos. Sempre explorou temas transgressivos e politicamente incorretos, alimentando a fama de autor maldito. Assumindo o fetiche pessoal por pés (e por pés masculinos), publica em 1986 uma "pseudoautobiografia lítero-erótica", como a chamou um crítico, intitulada "Manual do podólatra amador: aventuras e leituras de um tarado por pés". (Gustavo Bernardo, no *Jornal do Brasil*, 19/11/2005)

Seu repertório inclui poesia, ensaios, ficção. Após a cegueira, a melodia das palavras redimensionou sua obra, que ficou menos visual e "concretista". Seus sonetos valorizam cada vez mais os sons e a métrica.

E seu temperamento bruxo não inclui apenas a tradição, há várias alquimias ligando-o à contracultura. Rebeldia lida em "Jornal Dobrabil" e "Manual do podólatra amador", exemplos que põem o autor no pedestal de libertino e libertário. Nestas duas obras, Mattoso trabalhou com colagem e enxerto de textos. (Cristina Zarur, no jornal *O Globo*, 10/12/2005)

**Figura 7.** Texto da contracapa da reedição do livro "Manual do Podólatra Amador", de Glauco Mattoso (2006)



Glauco Mattoso é um canceriano paulistano de 1951. Poeta, prosador e letrista, militou em vários movimentos contraculturais, desde a “geração mimeógrafo” dos poetas marginais setentistas até o punk rock oitentista e os primeiros grupos gays organizados no Brasil pós-ditatorial. Portador de glaucoma congênito, perdeu a visão nos anos noventa, mas retomou a carreira literária e publicou diversos volumes de sonetos. Sua vida sexual e artística está documentada no romance autobiográfico *Manual do podólatra amador*, publicado em 1986, que provocou polêmica e reaparece agora, passadas duas décadas, atualizado com novos e picantes episódios de “perversão fetichista”. A primeira edição foi lançada no lendário Madame Satã, templo do rock paulistano, na noite de 23 de janeiro. No dia seguinte, Miguel de Almeida escreveu o seguinte texto na *Folha de S. Paulo*.

“O poeta Glauco Mattoso, 34, é uma espécie de abalo sísmico dentro da poesia paulistana: seu novo livro, *Manual do podólatra amador*, lançado ontem na Estação Madame Satã (rua Conselheiro Ramalho, 873, Bela Vista, zona central de São Paulo) é um resumo de sua vida sexual e também uma declaração de amor ao seu maior fetiche, que é o pé de homem.

À semelhança de um poeta satírico, Glauco Mattoso bombardeou, a partir de 1977, escritores, jornalistas e outras personalidades com o seu *Jornal Dobrabil*, uma folha mimeografada com outra obsessão do poeta: a escatologia. Em 81, reuniu as 53 folhas disparadas contra os mais variados temas e transformou o material em um livro, *Jornal Dobrabil*, com edição esgotada desde o lançamento.

Algumas dessas sátiras pousaram nas mãos do compositor baiano Caetano Veloso, que homenageou o poeta na canção ‘Língua’, do LP *Velô*.

*Manual do podólatra amador* narra essa aventura poética de Glauco Mattoso pelas profundezas da poesia paulistana, a partir dos anos 70. Na verdade, o livro é uma espécie de tratado autobiográfico com um cunho psicológico. ‘Conto a minha história sexual desde os cinco anos e as razões por que gosto de transar de maneira não convencional. Conto ainda como trouxe isso da infância para a idade adulta, algo que não costuma acontecer com as pessoas, que preferem se libertar dessas coisas. Eu não quis me libertar’, afirma.

A descoberta do sexo e da sujeira, para o poeta Mattoso, aconteceu quando ele tinha cinco anos. Estava com um amigo, da mesma idade, que começou a lamber os seus pés. Desse início nada ingênuo, brotou o que mais tarde seria a estética poética de Mattoso: o fetichismo, a escatologia.

No livro, Mattoso explica ainda como descobriu seu alter ego, o célebre Pedro, o Podre. Com esse heterônimo, ele investiu em suas taras e obsessões. ‘Pedro, o Podre, é o meu lado sujo, a coisa meio punk. Porque eu tenho tendência a ser meio careta. Quando escrevo como Pedro, o Podre, assumo toda essa sujeira, o fetiche’.

Mattoso intercala no *Manual do podólatra amador* a sua história com um inventário de autores que dedicaram célebres páginas ao pé. Segundo sua interpretação, lá está José de Alencar fissurado pelo pé no livro *A pata da gazela*; ou Raduan Nassar na novela *Um copo de cólera*, além de outros escritores. Porém, o poeta acha que avançou mais que seus colegas: ‘Eu declaro o meu amor pelo pé do homem, que é uma coisa feia, não é delicada e é muito grande’, afirma.”

**Figura 8.** Orelhas da reedição do livro “Manual do Podólatra Amador”, de Glauco Mattoso (2006)

O material relacionado à imprensa internacional (artigos, jornais, contos, magazines) aparece no livro como fonte de pesquisa, interesse pessoal de Glauco Mattoso ou dado histórico, neste caso quando o autor aponta o pioneirismo de determinadas obras,

como, por exemplo, o jornal *Gay Sunshine*, a revista *podólatra* de Chicago, *Foot Buddies*, o Fanzine publicado pela *Foot Fraternity*, associação de *podólatras* dos EUA, além do jornal nova-iorquino *Straight To Hell*, segundo o autor “o magazine com maior repertório de confissões *podólatras* (...) [tendo mudado] de nome várias vezes: *The Manhattan Review of Unnatural Acts*, *U.S. Chronicle of Crimes Against Nature*, *The American Journal of Dick Licking*, *New York Review of Cocksucking*, etc” (Mattoso, 1986: 95). Vários dos contos publicados neste jornal foram organizados em antologias por Winston Leyland, editor do jornal *Gay Sunshine*. Embora Glauco não mencione, Silva (1998) aponta as relações existentes entre o editor, o jornal em questão e o início do *Lampião da Esquina*, na figura de João Antônio Mascarenhas. Sendo este também um dos primeiros articuladores do *Somos*, passou a assinar o jornal *Gay Sunshine* em 1972, a importar livros dos Estados Unidos e, a partir de contatos com Winston Leyland, a reunir intelectuais, escritores e jornalistas que viriam a conformar o *Lampião da Esquina*.

Um movimento em busca de referências internacionais, aliás, é recorrente na trajetória de Glauco Mattoso presente no livro, indicando que a circulação de informações passava por diversos pontos da rede que se encontravam para além das fronteiras do Brasil e, muitas vezes, para além do contexto e do recorte temporal da obra, tendo em vista que os atores citados não eram, necessariamente, contemporâneos do autor.

Glauco relata que, em visita a Ohio, conheceu a *Foot Fraternity* - uma “fraternidade de *podólatras*” - e pensou em criar um *Clube do Chulé* ou um *Podólatras Anônimos* no Brasil, mas nunca teve tempo ou estrutura para fazê-lo, devido a suas atividades intelectuais. O autor aponta para um momento em que a *podolatria* masculina, antes restrita a um tipo muito específico de literatura nos anos 80 e 90, conquista espaço como segmento de mercado e da mídia, colocando suas próprias contribuições no campo da literatura como precursoras dessa expansão e visibilidade:

Cheguei até a bolar estatutos & regulamentos, mas deixei a ideia de lado por falta de tempo, grana e infra. Minha parca visão tava canalizada pra diversas atividades intelectuais, entre elas a colaboração em suplementos literários e magazines musicais. Mesmo assim, dei o pontapé inicial pra muitos *podólatras* que acabaram criando páginas na Internet, entre as centenas que hoje se acham, procedentes dos quatro cantos do mundo, em sites como o asiático *Male Feet Links*, espécie de catálogo virtual da *podolatria* masculina (Mattoso, 2006: 218).

Ao analisar os atores e redes presentes na obra de Glauco Mattoso, é preciso atentar para o fato de que as categorias definidas de modo a facilitar a análise nesta pesquisa não pretendem definir lugares estanques para cada ator, mas tenta tornar os atores e redes mais palpáveis e visíveis, indicando a circulação dos atores por vários campos, épocas e áreas do conhecimento. Interessa pensar também que os lugares em que Glauco Mattoso situa os atores em seu discurso não condizem necessariamente com o lugar em que cada ator se posiciona. Em entrevista à Revista Ponto Urbe, Peter Fry fala um pouco sobre suas vivências no período:

O “Lampião” tinha sido processado por atacar a moral e os bons costumes e fomos todos identificados. Enfim, mantinha uma relação com as feministas, conhecia os ativistas gays por causa do jornal “Lampião” e, também, aproximei-me das lideranças negras. (...) Quer dizer, estava envolvido com tudo isto, mas de um ponto de vista acadêmico, não militante propriamente dito. Nos anos 1970 todos se conheciam no mundo acadêmico. Se você andava por estas franjas das minorias, acabava conhecendo todo mundo. Neste sentido, a experiência no jornal foi fundamental: reconhecíamos que havia problemas comuns (Entrevista com Peter Fry, *Ponto Urbe*, 31 dez 2011).

Sendo assim, todo cuidado é pouco na tarefa de identificar atores e posicioná-los na rede mais ampla analisada, sendo híbrido e múltiplo o próprio lugar em que Glauco se coloca a partir de seu discurso – poeta, ativista, gay, podólatra e sadomasoquista – e híbrido também o lugar em que se colocam os atores mencionados. O peso dedicado a cada tipo de ator em seu discurso é importante ferramenta de análise, sendo a teoria de Ingold (2011) fundamental nesse sentido.

## 2. Wilma Azevedo

Wilma Azevedo publicou seus escritos inicialmente em revistas eróticas e, depois, os compilou em livros que poderiam ser descritos como produções de baixo custo. A escritora, que contava pouco mais de 30 anos no momento de suas primeiras publicações, é pouco notada fora do *meio* BDSM e, diferente de Glauco Mattoso, suas obras não têm caráter literário reconhecido. Wilma é considerada precursora/difusora do chamado *sadomasoquismo erótico*, visto que, tendo tomado contato com praticantes que se comunicavam via classificados eróticos de jornais e revistas, passou a produzir escritos ficcionais que *davam voz* às fantasias e às práticas dos integrantes desse *meio*.

Os três livros da autora por mim analisados foram publicados no período dos anos 1980 aos 2000, sendo eles: “A Vênus de Cetim” (1986), “Tormentos Deliciosos” (s/d) e “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998). É importante notar que os livros foram produzidos não só em contextos sociopolíticos diferentes, mas em momentos diferentes da trajetória da autora, o que torna cada livro especial para a compreensão de sua produção.

Os escritos e as falas de Wilma Azevedo analisados nesta dissertação levam a crer que sua deriva entre a profissionalização como jornalista e as redes relacionadas a entretenimento sexual possam ser tomados como um produto bem acabado de um momento em que *autoconhecimento, valorização do prazer e liberação sexual* se querem também assuntos de mulher. Nesse contexto, seu projeto de profissionalização e seus interesses eróticos se encontram com um conjunto disperso de sujeitos com interesse em sadomasoquismo que se comunicam via classificados e contos publicados em revistas eróticas. Do lugar de jornalista e sob pseudônimo, Wilma decide dar voz em seus textos a relatos que recebia desses sujeitos, o que acaba resultando na articulação inicial de uma rede de praticantes. Para isso, foi apoiada por um praticante já falecido, Cosam Atsidas, que ao compartilhar seus contatos e conhecimentos do universo do *sadomasoquismo*, colaborou para que ela escrevesse a respeito.

Em palestra no evento anual pelo Dia Internacional do BDSM realizado pelo Clube Dominna em 2010, Wilma relatou que boa parte do que conta sobre si nesses livros seria ficcional, e que teria vindo de uma família de estratos médios do interior de São Paulo, origem que protegeu nos livros.

O desejo de obter independência e autonomia financeira parece ter sido a motivação principal que levou a autora a retomar seus estudos primários, inicialmente por correspondência. Concomitantemente, Wilma decidiu realizar um curso de datilografia no SESC<sup>45</sup> que havia em frente à sua casa, até ser “descoberta” por seu marido, que reprovava seus estudos. As dificuldades do estudo à distância e os empecilhos colocados por seu marido não foram suficientes para impedi-la de continuar estudando: entrou em uma escola para realizar o ginásio no início dos anos 1970, já aos 30 anos. Um ano depois,

---

<sup>45</sup> O SESC, Serviço Social do Comércio, é uma instituição privada, mantida pelos empresários do comércio, que atua na área de lazer, educação, dentre outras, através da promoção de cursos, oficinas, atividades físicas, shows musicais, workshops, etc. As atividades oferecidas são abertas ao público, sendo em sua maioria gratuitas ou a preços baixos.

seu marido, dez anos mais velho que ela, sofreu um derrame e passou anos acamado.

Nessa época, Wilma Azevedo já trabalhava como jornalista, tendo sido convidada para escrever para um jornal da cidade após vencer um concurso de contos da Revista Cláudia em 1968. Pouco tempo depois da doença do marido, a escritora foi demitida e, não conseguindo outro trabalho em sua cidade natal, partiu em busca de novas oportunidades no Rio de Janeiro. Wilma relata as dificuldades de uma colocação na imprensa carioca: “(...) eu não conhecia ninguém. Levei marido, filhos, cachorro, papagaio, todo mundo, mas não conhecia ninguém no mundo literário do Rio e isso foi muito difícil”<sup>46</sup>. Após alguns trabalhos temporários, foi a partir de redes relacionadas ao entretenimento sexual que Wilma obteve acesso mais estável ao mercado editorial, sendo convidada para trabalhar primeiramente como *freelancer* na Editora Bloch, hoje extinta. Dentro da editora, passou a escrever para algumas revistas, como a “Amiga”, tendo notado que “[no] campo erótico paga-se melhor”, sendo este “aberto para quem tivesse um pouco de cabeça”.

A partir do trabalho administrativo realizado num clube para encontros sexuais, Wilma constituiu uma rede de contatos, tendo em vista que, dentre suas muitas funções, era ela quem entrevistava os sócios do clube e escrevia anúncios nos jornais para divulgação do mesmo. Um dos associados era Cosam Atsidas, cuja ficha cadastral acabou se salvando de ser queimada em uma batida policial. A ficha, que havia sido guardada em um cofre a pedido de Wilma, foi a maneira pela qual a escritora teria entrado em contato com o praticante, o primeiro do clube a demonstrar interesse em práticas envolvendo sadomasoquismo:

(...) trabalhando lá no clube e no último dia, antes da polícia bater no clube, na última tarde eu estava lá atendendo o povo, entrou um homem todo desengonçado, (...) esquisito, com uma pastinha preta e a gente dava uma ficha para eles preencherem com os gostos sexuais deles. Quando ele preencheu, ele disse: “Só me interessa sadomasoquismo”. Sadomasoquismo... Lá eu falava que podia ter sexo... Homossexualismo não! Lesbianismo sim! (...) E sadomasoquismo, mas eu não sabia o que era sadomasoquismo, eu nunca tinha ouvido falar. E ele: “Só aceito se tiver sadomasoquismo.”

Eu achei interessante e o entrevistando ele abriu a pasta e tirou um monte de revista americana cheia de ilustrações e eu fiquei abobada com aquilo, mas alguma coisa lá no fundo despertou. Da infância, depois vocês vão ver no livro quais foram as cenas que mais me impressionaram. Ai eu falei para a secretária: “A gente está saindo, e ele era o último, você pega essa ficha e enfia dentro do

---

<sup>46</sup> Trecho da transcrição de palestra proferida por Wilma Azevedo por ocasião de evento do Dominna em comemoração ao Dia Internacional do BDSM, 2010.

cofre, pois amanhã eu quero mostrar para o dono do clube isso aqui”. E falei para ele depois me telefonar para eu saber a resposta. Aí saí junto com ele, fomos caminhando e o carro dele estava na Rua das Marrecas, fomos caminhando e quando chegou ao Amarelinho, e eu falei para ele: “Está tão interessante o papo, vamos tomar alguma coisa aí”. Sentei, pedi uma laranjada, ele pediu... E começamos a conversar e ele me contar a forma que ele escravizava as mulheres que se propunham a isso com ele e eu achei aquilo uma coisa fantástica, de outro mundo, escravizar uma pessoa (Trecho da transcrição de palestra proferida por Wilma Azevedo em evento do Dominna por ocasião do Dia Internacional do BDSM, 2010. Arquivo Pessoal).

Após o fechamento do clube pela polícia, Wilma se viu novamente desempregada, tendo cogitado trabalhar novamente para as revistas nas quais escrevia antes do clube. Neste momento, surge a oportunidade de trabalhar com anúncios em uma revista do campo erótico. Na primeira edição da revista, Wilma se depara com um anúncio de Cosam e entra em contato com o praticante, que havia conhecido no clube. O encontro que ocorreu entre os dois após este contato é narrado em detalhes no conto “As Lições de Cosam”, presente no livro “A Vênus de Cetim” (1986), nome este, inclusive, que tem origem no material das vestimentas utilizadas por Wilma na ocasião.

Cosam Atsidas pode ser pensado como uma espécie de mediador que, a partir do contato com a produção de conhecimento que vinha de fora do país, bem como de sua ampla rede de contatos dentro do SM nacional, influenciou diversas pessoas, como Wilma Azevedo. A relação que construiu com Cosam, bem como o trabalho realizado no clube e na revista de anúncios eróticos, acabaram por motivar a escritora a escrever sobre sexo pela primeira vez. Sendo assim, procurou o editor da revista *Ele&Ela*, magazine voltada para o público masculino publicada entre as décadas de 1970 e 1980, cuja mais famosa seção era a de cartas, intitulada Fórum. Em seus artigos e contos publicados na revista “revelava as delícias e as formas corretas de se fazer amor nos padrões de uma fantasia pouco explorada pelas mulheres” (Azevedo, 1986: 171). A autora, ao ter sua carreira alavancada com o sucesso obtido pela publicação de seus artigos, registrou então dois pseudônimos na Associação Brasileira de Imprensa:

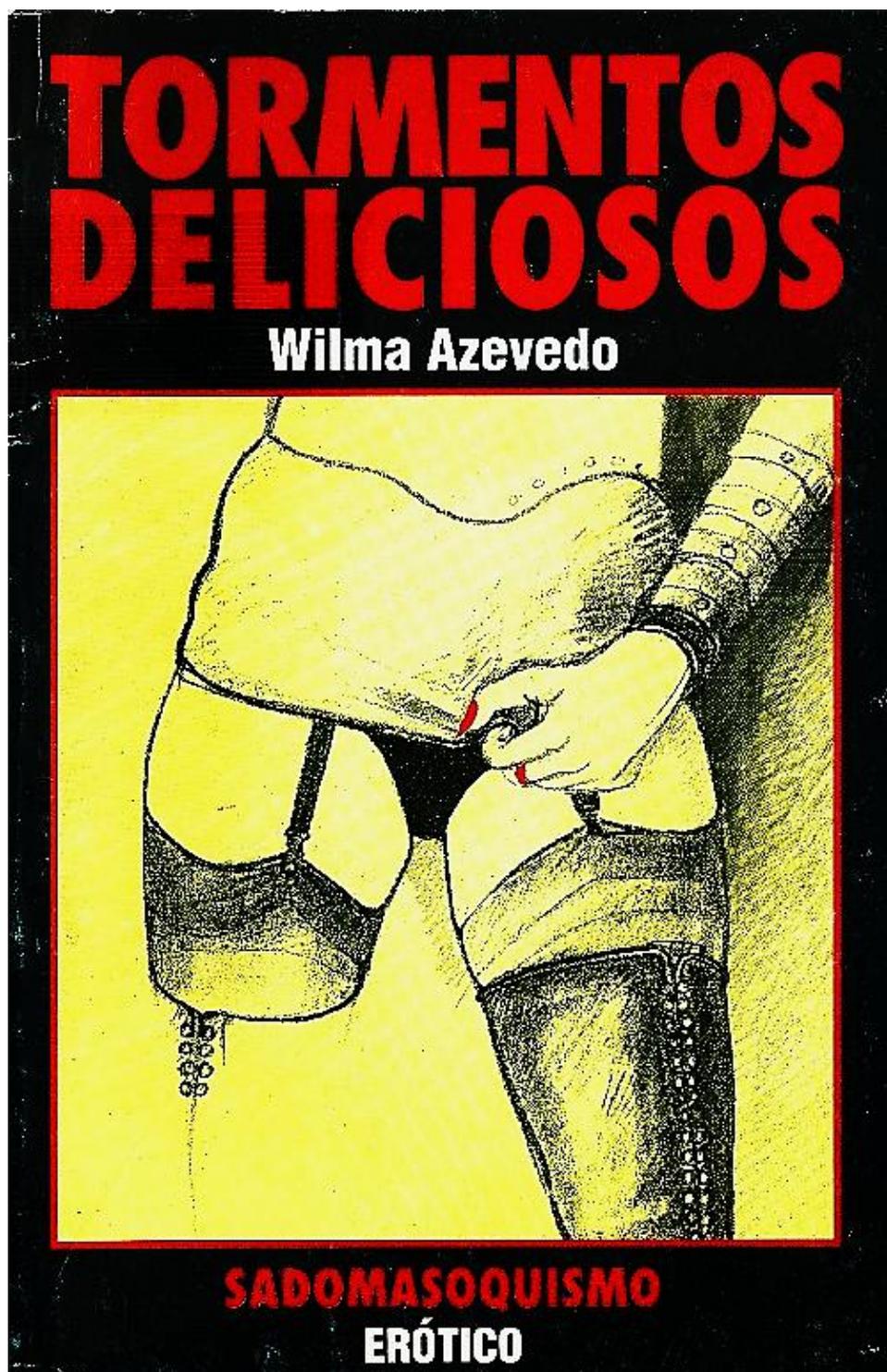
Wilma Azevedo e Edi Ribeiro; Edi Ribeiro para assuntos sérios e de Azevedo para o sadomasoquismo. Teve um jornal em que eu trabalhei aqui em São Paulo que tinha uma coluna séria com Edi Ribeiro e uma coluna de sadomasoquismo com Wilma Azevedo, mas a minha coluna séria (...) era para falar sobre as mulheres da noite, os travestis, a Vila Mimosa, já era pesado, mas estava ótimo, estava ganhando nas duas coisas (Trecho da transcrição de palestra proferida por Wilma Azevedo por ocasião de evento do Dominna – Comemoração do Dia Internacional do BDSM, 2010. Arquivo Pessoal).

Edi Ribeiro, segundo pseudônimo de Wilma Azevedo mencionado acima, aparece como autora do prefácio de seu livro “Tormentos Deliciosos” (s/d). A obra, publicada pela Editora Graphic Vision, tem em sua contracapa mensagens de dois escritores, sendo uma delas de Glauco Mattoso, que aparece aqui como “poeta e escritor” e de Carlos Moreno, “escritor”.

Para além do prefácio, o livro possui 23 capítulos, sendo cada um deles composto por um conto, “alguns já lançados e outros inéditos”. As temáticas das narrativas são as mais variadas, mas geralmente giram em torno de encontros entre Wilma e seus escravos, suas experiências de dominação, a publicação de cartas enviadas por seus leitores e leitoras, mas também há capítulos que perpassam o ensinamento de técnicas para determinadas práticas, além de informações sobre a trajetória da autora.

Um dos capítulos do livro, intitulado “Acalanto Para Despertar Meus Pés”, chama a atenção pelo complemento que recebe ao final do conto homônimo, no qual Wilma menciona ter realizado uma entrevista com o cartunista Henfil, após este entrar em contato com a redação do local onde Wilma trabalhava, admirado por um conto de sua autoria:

Ele lera meu conto “Canção Para Ninar Meus Pés”, e manifestando desejo em conhecer-me, aproveitei para marcar uma entrevista para a revista. Falamos sobre suas tendências de pedólatra e as minhas de dominadora. Deu-me seu livro. Na dedicatória, desenhou personagens. Escreveu: “Wilma, me pisa?”. Disfarcei, pois o admirava demais como artista e gênio literário (...) (Azevedo, s/d: 84).



**Figura 9.** Capa do livro “Tormentos Deliciosos”, de Wilma Azevedo (s/d)

"Minha afinidade é com quem consegue ser personagem de si mesmo e alimentar a própria lenda. Wilma Azevedo encarna bem esse perfil, pois se desdobra em duas faces: primeira é a da pioneira e rainha (que nunca perde a majestade) do sadomasoquismo literário, prima-irmã de corajosas figuras humanas como Cassandra Rios e Leila Micolis. A outra é a da própria amiga pessoal, cujos relatos de viva voz são tão ou mais autênticos e espontâneos do que transpira no texto. Para ambas as Wilmas há uma palavra igualmente ambígua e definidora: cativante. Wilma nos cativa como pessoas e nos mantém em cativeiro como escravos."

*Glauco Matoso, poeta e escritor.*

"Falar em SM é falar de Wilma Azevedo. Seus artigos acabaram com o preconceito que geravam aos que o rotulavam de anormal. Wilma quebrou tabus. De um modo bonito e claro, mostrou o que há por trás desse outro mundo. Quem julgava ser anomalia, teve que reconhecer que brincar de fazer a dor se transformar em prazer e erotismo é até saudável. Wilma conquistou a confiança dos adeptos e também orientou e serviu de âncora para esclarecer aos que tinham tendências mas se escondiam, com medo, achando que essas sensações eram procedentes de distúrbios mentais. Wilma revolucionou! Me orgulho de falar do seu trabalho, mesmo não sendo adepto."

*Carlos Moreno, escritor.*

**editora  
graphic vision**

**Figura 10.** Contracapa do livro “Tormentos Deliciosos”, de Wilma Azevedo (s/d)

Após a entrevista com Henfil, Wilma escreveu o conto “Acalanto Para Despertar Meus Pés”, inspirado em um episódio vivido pelos dois: “Foi publicado em

fevereiro de 1986. Ficamos amigos. Em janeiro do ano seguinte ele falecia, vítima de uma transfusão de sangue contaminado pela AIDS” (: 85).

O livro “A Vênus de Cetim” (1986), assim como “Tormentos Deliciosos” (s/d), se configura como uma compilação de contos eróticos, formato que, aliás, é bastante utilizado pelos adeptos ainda hoje em blogs e sites BDSM. Parte da produção desse material se deu a partir do contato da autora com praticantes que se comunicavam via classificados eróticos de jornais e revistas, bem como a partir das cartas que recebia, onde seus leitores relatavam suas experiências.

Ao colaborar tanto para a divulgação da prática quando da categoria, Wilma Azevedo é considerada precursora/difusora do chamado *sadomasoquismo erótico* no Brasil. Em “A Vênus de Cetim”, livro publicado em 1984, a escritora introduz o termo a partir de distinções como a que faz entre *sádico-erótico*, *sádico-patológico* e *sádico-maldoso* – “O Sádico-erótico só sente prazer se os limites dos outros e das próprias leis da natureza forem respeitados” – e também entre *masoquista-erótico*, *masoquista-alienado* e *masoquista-suicida* – “Os Masoquistas-eróticos são os que procuram, no prazer comedido, o máximo de excitação, sem que isso comprometa a sua integridade física” (Azevedo, 1986: 164).

“A Vênus de Cetim”, primeiro livro da autora, ainda que seja também um livro de contos, traz diversas narrativas acerca de sua relação com Cosam Atsidas, bem como de sua vida pessoal e trajetória profissional. O livro, que possui prefácio de Henfil, por vezes, dá a impressão de seguir uma ordem quase cronológica se observarmos a sequência de títulos que traz. O livro se inicia com um capítulo intitulado “O S&M no Brasil”, onde Wilma faz um breve histórico da divulgação da prática no país, é seguido por: “Infância”, “À Força Bruta”, “Canção Para Ninar Meus Pés”, “Estranha Transa a Três”, “Meninão Bobo”, “Ao Mestre Sem Carinho...Mas Com Tesão”, “Elegia a Karina”, “As Lições de Cosam”, “Normais...Apenas Exóticas!”, “Submissão”, “Anunciantes”, “A Vênus de Cetim”, “Meus Escravos Prediletos”. “Frustração Amorosa”, “Feliz Carnaval”, “Como Entendo o S&M”, “Desequilíbrio” e, por fim, “Fantasy Club”.

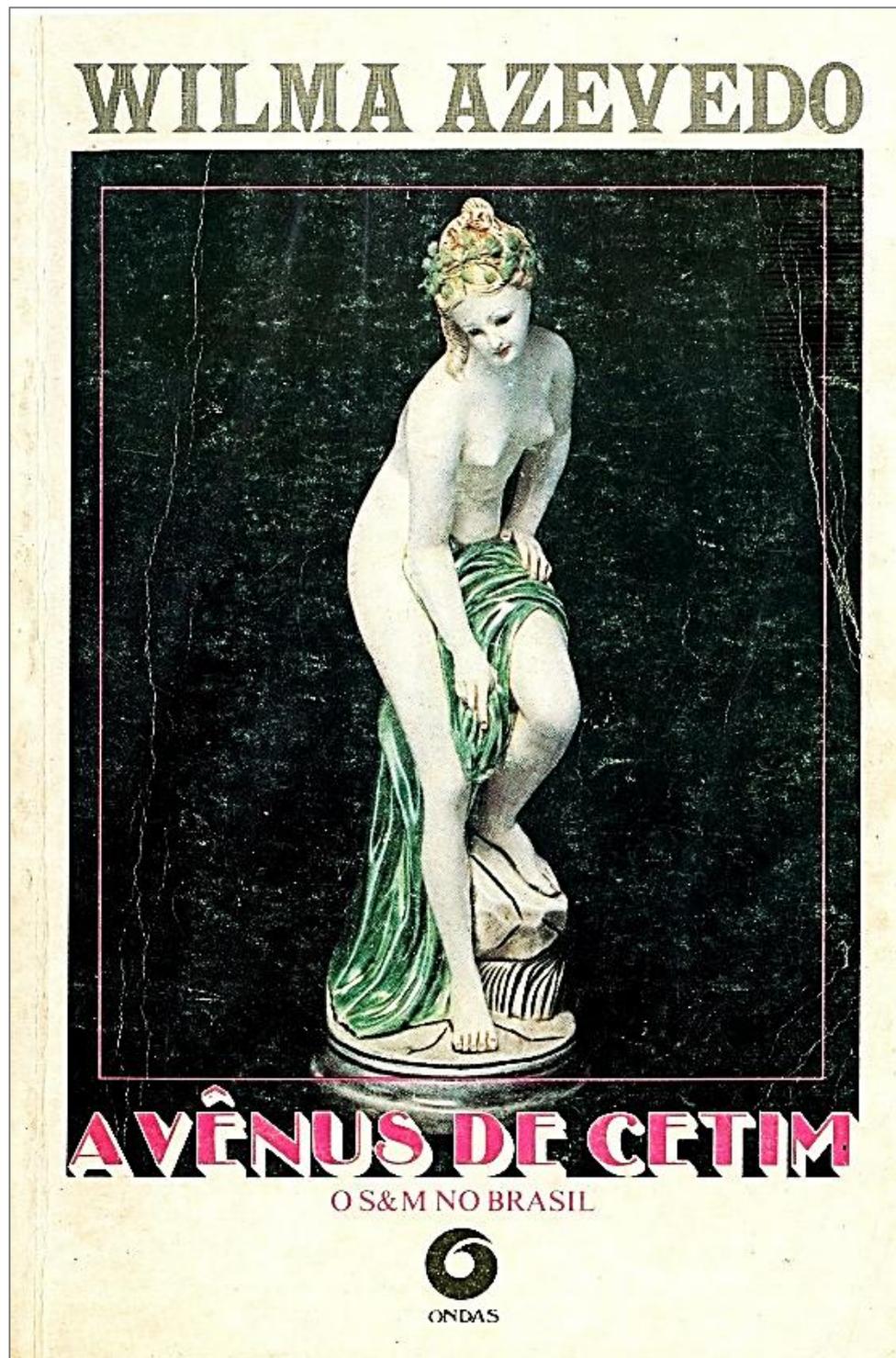


Figura 11. Capa do livro “A Vênus de Cetim”, de Wilma Azevedo (1986)



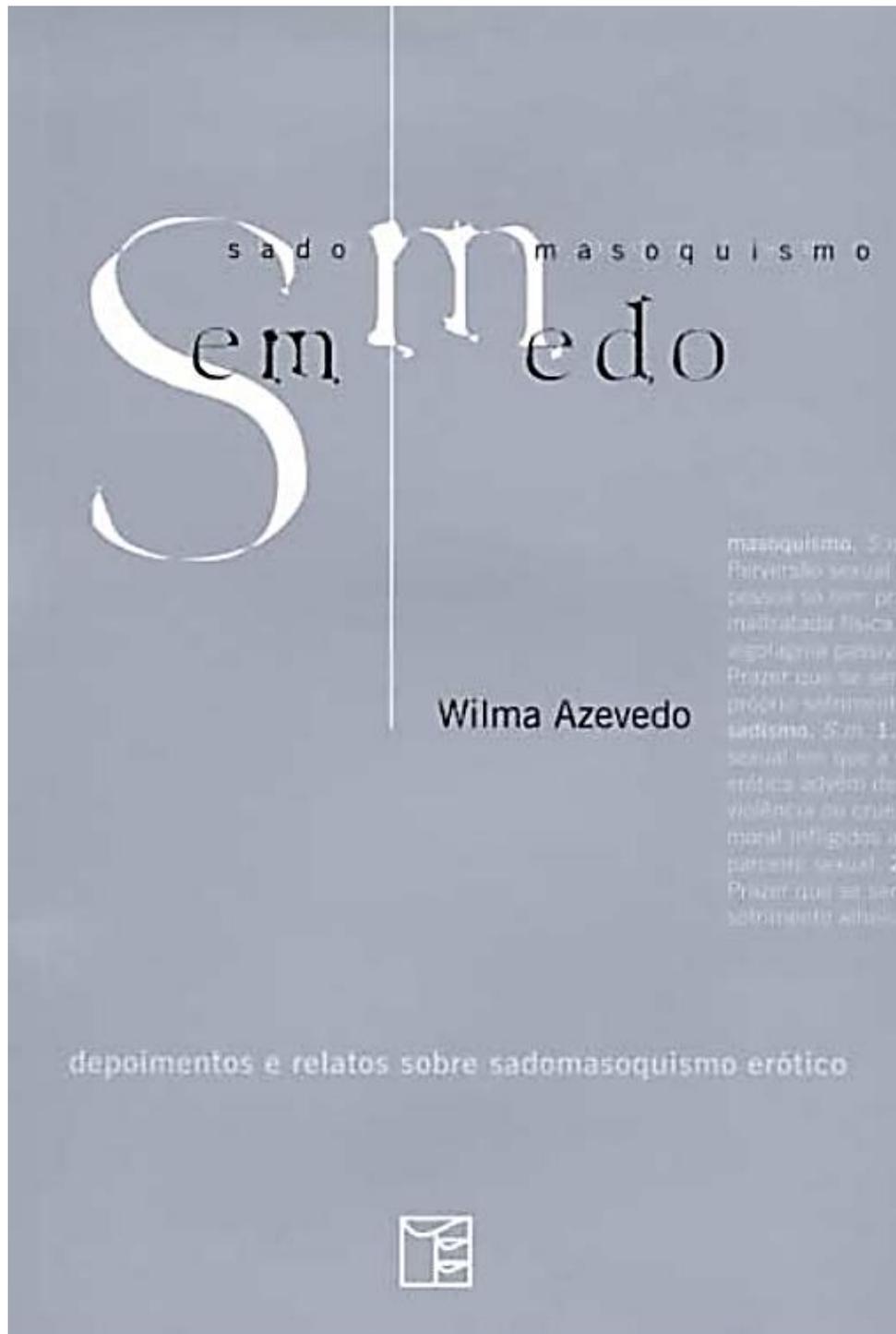
*Sem cair na tentação de caricaturizar o que acham de sadomasoquismo, Wilma pisou na cabeça da cobra-demônio e não deixou que Adão e Eva fossem expulsos do paraíso. Vejam pelos textos dela que o que move aqueles que gostam de brincar de submissos e dominantes não é a dor, é o prazer. Mas, a sensação final que eu tenho, lendo os depoimentos dos atores deste teatro do sexo da bruxa Wilma, é que este prazer é simplesmente o outro nome de Liberdade.*

*Henfil*

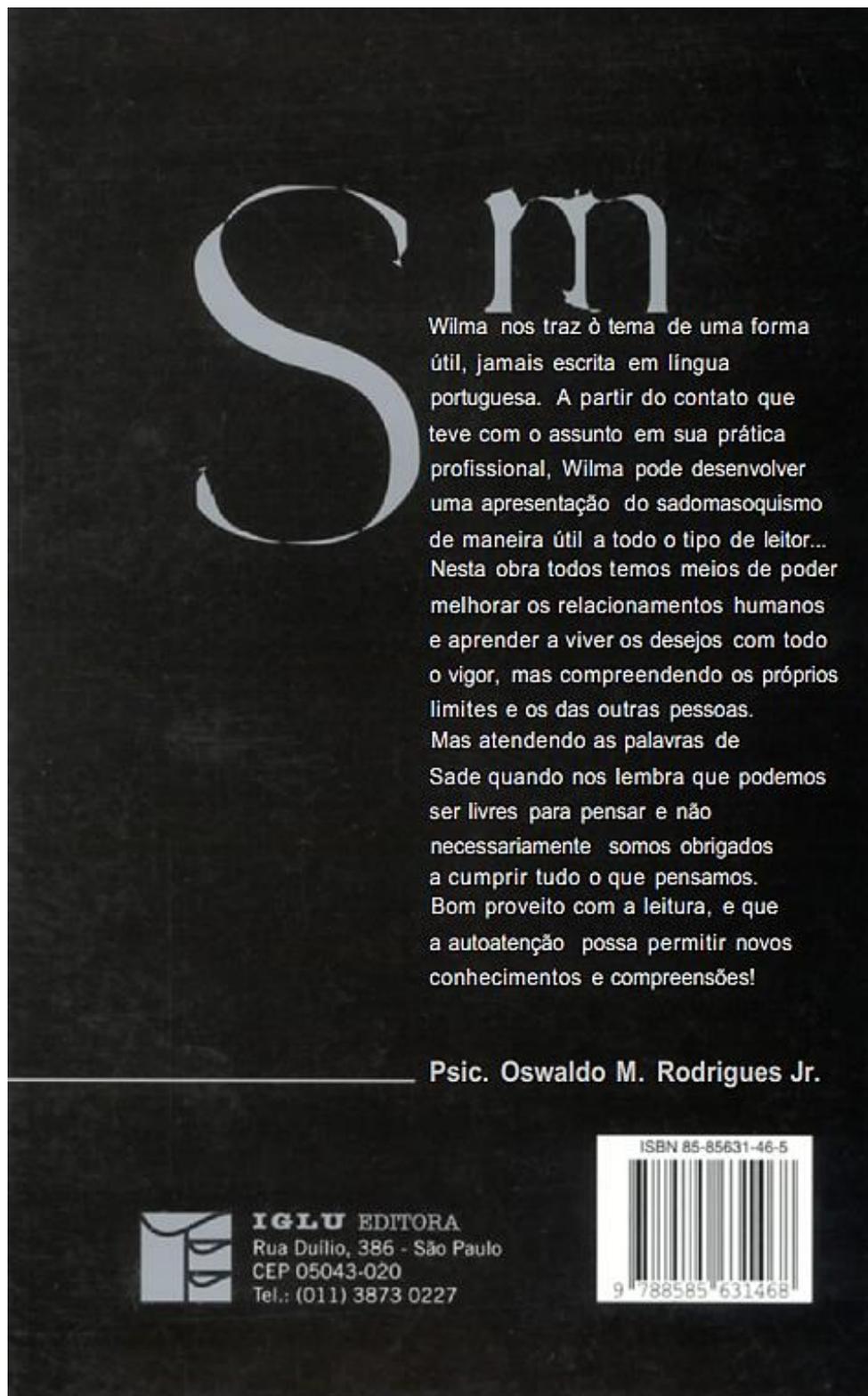


ONDAS

**Figura 12.** Contracapa do livro “A Vênus de Cetim”, de Wilma Azevedo (1986)



**Figura 13.** Capa do livro “Sadomasoquismo Sem Medo”, de Wilma Azevedo (1998)



**Figura 14.** Contracapa do livro “Sadomasoquismo Sem Medo”, de Wilma Azevedo (1998)

Nos anos 1990, com “Sadomasoquismo Sem Medo: depoimentos e relatos sobre sadomasoquismo erótico” (1998), Wilma envereda por um novo estilo, ainda mesclando definições e sugestões de conduta com *relatos eróticos*, mas mais próxima do formato dos manuais, lançando inclusive mão de listas de definições. Na apresentação desse livro, que conta com comentário de um psicólogo que viria a se tornar presidente da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH), a autora se refere à sua atuação no tema do sadomasoquismo nos 15 anos anteriores como um “trabalho de base”: além dos dois livros já mencionados, escrevera “mais de 200 contos eróticos, artigos, reportagens gerais” (Azevedo, 1998: 12) e possuía um arquivo de correspondência com quase 15 mil cartas de praticantes e interessados.

Sendo assim, podemos concluir que o último livro, publicado em 1998, possui um formato que difere dos livros anteriores (livros de contos eróticos) e está muito mais próximo ao modelo “manual”, identificado por Zilli (2007). O formato dos três livros difere também daquele encontrado no “Manual do Podólatra Amador”, obra que poderia ser compreendida como uma autobiografia com certa dose de ficção. As diferenças entre as obras, não somente em relação ao formato, mas também às especificidades do conteúdo – no livro publicado em 1998 há um diálogo muito mais intenso com o discurso médico-científico – implicaram em mudanças significativas na análise das obras de Wilma Azevedo e, conseqüentemente, nas reflexões realizadas a partir dela.

Em 2015, em publicação na rede social *Facebook*, Wilma Azevedo fala um pouco sobre a repercussão de “Sadomasoquismo Sem Medo”, além de mencionar as entrevistas que deu em rede televisiva e seu “retorno”:

Escrevi 3 livros sobre o tema, fui até perseguida pela polícia e o último editado o "Sadomasoquismo Sem Medo" que é quase científico, me levou a várias entrevistas como programa da Silvia Popovik, outros programas como 3X no Jô Soares. Quando estava no auge de minha carreira profissional, tive que abandonar tudo ficando 20 anos afastada. Diante de muitos aproveitadores de meu trabalho estarem usando e ganhando muito com isso, resolvi voltar à ativa, reeditando meus livros e editando o autobiográfico (trilogia) FARÂNDOLA I-II-III- A VERDADEIRA HISTÓRIA DE WILMA AZEVEDO, contando minha trajetória jornalística quando fiz um trabalho investigativo sobre o assunto.<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> A publicação foi realizada em 23 de maio de 2015 e pode ser acessada a partir do link: [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=829111280469881&id=673712392676438](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=829111280469881&id=673712392676438). Acesso em: 30.Jan.2017.

Em entrevista veiculada no programa televisivo “Vanguarda Comunidade” (afiliada da Rede Globo do Vale do Paraíba e Região), em 25 de Agosto de 2014, Wilma comenta acerca do relançamento de seus livros e da publicação de um novo livro “autobiográfico”, que contaria “toda a história da jornalista e escritora Wilma Azevedo”. Segundo a autora, após uma de suas entrevistas no “Programa do Jô” (também da Rede Globo), todos os seus livros teriam praticamente esgotado, tendo restado apenas alguns exemplares em posse da autora. Embora o post acima citado e a entrevista cedida por ela em 2014 deem a impressão de lançamentos próximos, até o término desta pesquisa isso ainda não havia ocorrido.

## **2.1. As redes de Wilma Azevedo**

Com a finalidade de mapear os atores que aparecem nos três livros de Wilma Azevedo analisados para esta pesquisa, foi elaborado, a priori, um banco de dados nos mesmos moldes daquele elaborado para a análise do livro de Glauco. Os bancos de dados para a análise foram construídos, primeiramente, a partir da inserção do nome dos atores, da mesma maneira que ocorreu com o livro de Glauco Mattoso. O número de entradas que o banco referente a cada obra possui varia de maneira expressiva: 53 no livro “A Vênus de Cetim” (1986), 25 no livro “Tormentos Deliciosos” (s/d) e 195 em “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998). O número de atores sociais mencionados por Wilma Azevedo variou de forma expressiva de um livro para outro, o que poderia ser parcialmente explicado pelo formato de cada um deles: os dois primeiros livros, de contos eróticos, possuíam, em sua maioria, personagens “fictícios” e o terceiro, no formato “manual”, uma profusão de atores sociais dos mais diferentes tipos. Por “fictícios” entendo personagens que parecem ter sido criados para as histórias a partir das experiências de Wilma, das histórias pessoais contadas por seus leitores e que não dão pistas sobre os circuitos nos quais a autora se inseria, não sendo qualificados, portanto, para o mapeamento das redes. Os personagens claramente baseados em pessoas que circulavam por essas redes foram incluídos na presente análise.

Os leitores de Wilma Azevedo, que inspiraram a maior parte de seus contos ao relatarem suas experiências pessoais através de cartas, conformam um campo com o qual a autora construiu relações significativas. A relação estabelecida com muitos deles

ultrapassava o “anonimato”, inicialmente permitido pelas cartas, para relações de amizade, encontros pessoais, de troca de conhecimento sobre SM e, em alguns casos, de relações mais duradouras, como foi o caso de Cosam Atsidas, praticante com o qual ela se relacionou por quase três anos. Sendo assim, os leitores de Wilma Azevedo, pontos espalhados ao longo da rede analisada, tiveram um papel fundamental na produção literária da autora, momento de elaboração e divulgação do conhecimento produzido a partir de seu contato com os praticantes.

Na análise empreendida acerca do livro de Glauco Mattoso a separação entre as categorias "Personagens" e "Contatos Pessoais" se deu de maneira específica, tendo em vista que foram considerados “Personagens” os colegas de infância, de trabalho, aqueles que não eram figuras públicas, muito menos tiveram relações mais profundas com o autor, de maneira que se tornaria difícil ou irrelevante posicioná-los na rede que emerge da narrativa de Glauco. Ao tentar aplicar o mesmo tipo de análise ao banco de dados elaborado a partir dos livros de Wilma Azevedo, as informações pareciam escapar das categorias já criadas. A rede de "contatos pessoais" é difícil de ser mapeada já que pouco sabemos, a partir dos livros da autora, a respeito dos praticantes de sadomasoquismo com os quais ela se relacionava. Isso parece ocorrer, em grande parte pela tentativa de manter o anonimato dos mesmos, fazendo uso de seus *nicknames* ou de nomes fictícios, como quando Wilma publica várias das cartas que recebeu em seus livros “A Vênus de Cetim”, “Tormentos Deliciosos” e “Sadomasoquismo Sem Medo”. Se Wilma Azevedo e seus leitores são pontos espalhados por uma rede que se distribui por diversos estados do Brasil e até mesmo por outros países, as cartas podem ser tomadas, por serem documentos que estabelecem relações entre esses pontos, como linhas através das quais as informações sobre sadomasoquismo circulam. Acerca do uso que faz das cartas em suas obras, ela explica:

Gosto de citar exemplos com trechos de cartas e depoimentos dos leitores, assim como minhas próprias experiências, para que os interessados possam **alcançar a profundidade da alma humana**, principalmente no que se refere ao erotismo incluído na arte da dor-erótica. Muitas narrações devem ser levadas em consideração no campo da criatividade, da brincadeira, do teatro, da satisfação sexual com variantes e alternativas, das mais inesperadas, mas não necessariamente ‘anormais’ (Azevedo, 1998: 25, negrito meu).

Ao observarmos a maneira como Wilma lidava com as cartas e depoimentos que recebia, ora utilizando-as como inspiração para seus contos, ora citando-os para

exemplificar alguma prática, não é difícil traçar algumas relações entre a maneira de coproduzir conhecimento da escritora e a do sexólogo alemão Krafft-Ebing (e, porque não, da própria sexologia de modo geral). Guardadas as devidas diferenças no que diz respeito aos interesses e motivações de cada um, as semelhanças entre eles parecem residir em uma valorização da subjetividade (Leite Júnior, 2006: 242), onde as *confissões* dos próprios *perversos* são tomadas como ponto de partida para as análises que empreendem acerca dos mesmos.

Além do próprio Krafft-Ebing, outros atores do campo social da ciência são mencionados com bastante frequência nos livros de Wilma Azevedo. Como veremos no próximo capítulo, a “ciência” aparece enquanto fonte de pesquisa na obra de Wilma Azevedo, sendo muitas vezes utilizada para embasar argumentos da autora. Ao seguirmos os atores pelas tramas que emergem de seus livros, notamos que o campo da ciência e o círculo de contatos de Wilma se intersectam em diversos momentos, especialmente no livro “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998). Nesta obra, muitos dos atores do campo científico não aparecem somente como fonte, mas sim como pessoas que fizeram parte do círculo de contatos pessoais e da trajetória de Wilma enquanto escritora e estudiosa do *sadomasoquismo erótico*, como é o caso dos psicólogos e sexólogos pertencentes à Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH).

Marquês de Sade e Sacher-Masoch são os principais autores em cujas obras as ciências médicas buscaram material para nomear as práticas SM como perversão, tendo seus nomes incorporados às classificações criadas. Diversas menções a eles são feitas por Wilma Azevedo tanto em seus livros, quanto nas entrevistas e palestras que analiso. Segundo Jorge Leite Júnior, “o mito de Sade como um precursor dos prazeres sadomasoquistas é nítido [...] nas publicações voltadas para este meio, sejam revistas ou sites, muitas vezes o nome do Marquês e algumas citações suas aparecem nestes textos” (Leite Júnior, 2000: 12). As obras de Sade seriam geralmente lembradas nessas ocasiões com um sentido positivo, pelos elementos associados a uma “sexualidade explícita” e diversa, e não “por seu sistema filosófico, pela maldade das personagens ou a não consensualidade característica” (: 12).

No caso de Wilma Azevedo, isso parece não se realizar totalmente. Embora a autora cite Sade de maneira positiva ao longo de sua obra, aparenta não desconhecer as

críticas feitas a esta outra “faceta” do Marquês de Sade, além de desejar marcar as diferenças entre elas, como no trecho a seguir:

Não quero discutir os valores humanos e literários de Sade e Masoch. De experiência em experiência, descobri as causas de muitas confusões quando se fala em sadomasoquismo. Essa palavra trouxe muita controvérsia aos não adeptos e aos praticantes. Começemos com a definição de várias tendências sexuais atualmente chamadas pelos sexólogos de PARAFILIAS, por serem “paralelas às que a maioria pratica”.

Pioneiros da psiquiatria haviam denominado as tendências sexuais que fugiam à prática da maioria como atos “anormais”, “pervertidos”, “depravados”, “desnaturados”. Qualquer variação era “tara”, “desequilíbrio mental”, “maluquice”. Médicos interessados em amenizar os termos pejorativos denominaram “desvio de personalidade” ou simplesmente “desvio”. Assim, foram englobadas todas as tendências estranhas como sendo “sadomasoquismo”, e isso complicou mais ainda. O Marquês de Sade, em seu túmulo, deve ter aplaudido, tanto Krafft-Ebing, como quem procurava intitular sua predileção com pejorações complicadas. Segundo historiadores, Masoch não gostou de terem unido suas fantasias aos hábitos de Sade. Não achou justo convencionarem denominar as formas exóticas com seu nome, só por tê-las mencionado em suas obras. Achava seus livros românticos, cheios de sentimento de amor e dedicação, o que já não era norma nas obras de Sade. Seus personagens não desrespeitavam nenhuma norma, não causavam mal, não afrontavam a sociedade ou suas regras, quer de natureza física ou mental (Azevedo, 1998: 13).

Os atores pertencentes ao que poderíamos chamar de “campo político” aparecem de maneira mais marcada na obra de Wilma Azevedo através de algumas referências que a autora faz à ditadura, como ao DOI-CODI e às atrizes da vanguarda artística que tiveram envolvimento no movimento de luta contra a ditadura, como Ruth Escobar e Cacilda Becker, citadas através de matérias de jornais. Wilma também se refere a duas figuras conhecidas da política nacional, a atual senadora Marta Suplicy e José de Castro Coimbra, ex-deputado estadual e federal. Para além do fato de que essas duas menções tenham sido as únicas referentes a figuras públicas do campo político nacional em meio às três obras da autora analisadas nesta pesquisa, é bastante curioso que estes atores apareçam no fim de seu livro “Sadomasoquismo Sem Medo”, no subcapítulo dedicado à homossexualidade. A autora coloca-os como defensores do casamento entre pessoas do mesmo sexo, além de lutarem para que bens e heranças fossem distribuídos entre os mesmos. A noção da política feita a partir do Estado aparece nessa passagem, e pode ser pensada em oposição à enorme quantidade de citações sobre o movimento homossexual nos escritos de Glauco Mattoso, o que parece estar relacionado não só aos

circuitos nos quais estavam inseridos, mas às próprias noções de política e participação política de cada um dos autores.

As referências sobre alguns atores sociais "canônicos" de diversas áreas, como escritores, poetas, figuras públicas de diversas épocas são acompanhadas, muitas vezes, por afirmações sobre supostas práticas sexuais das quais os mesmos seriam adeptos. O uso desse tipo de afirmação, na produção textual de Wilma Azevedo e de Glauco Mattoso, tem ora um tom de deboche, ora um tom de denúncia. Em outros momentos, a possibilidade desses atores sociais serem adeptos de alguma prática relacionada ao *sadomasoquismo erótico* aparece como uma tentativa de legitimar suas práticas como algo *normal* e comum na sociedade, já que personalidades famosas do meio "mainstream", da TV, do campo artístico e literário já teriam "assumido" suas *predileções*: "(...) no Brasil, assim como no mundo todo, talvez ao nosso lado, disfarçado e normal, está um ser que julgávamos real apenas nas literaturas proibidas" (Azevedo, 1986: 15).

Ao falar sobre os pedólatras famosos e "assumidos" que conhece, Wilma Azevedo cita Glauco Mattoso, "um exemplo do bom pedólatra", o poeta alemão Goethe, Dostoiévski, Toulouse Lautrec, F. Scott Fitzgerald, Victor Hugo, dentre outros, e questiona: "E quantos famosos não se declaram e nem deixam ninguém saber que são pedólatras?" (AZEVEDO, 1998: 149).

Os atores sociais relacionados ao campo das artes e literatura não aparecem apenas dessa forma nos textos de Wilma Azevedo. A autora menciona, por diversas vezes e em mais de um livro, publicações das quais participou enquanto jornalista e escritora, como jornais e revistas para os quais escreveu artigos, como as revistas *Ele&Ela*, *Clube dos Homens* e o jornal "O Palavrão" – jornal que circulou entre 1994 e 1998 no Rio de Janeiro – no qual Wilma possuía uma coluna, além de jornais, revistas e programas de televisão, do Brasil e do exterior, que produziram matérias sobre sadomasoquismo durante os anos 1980 e 1990, como a revista *Manchete*, a revista da *Folha de São Paulo*, a revista *Nova*, a revista *Wonderful*, o *Semanário* e a revista *Isto É*.

Ao citar as revistas eróticas do período em que produziu seus escritos, Wilma ajuda a delinear a emergência do sadomasoquismo erótico na imprensa brasileira, ainda que *alternativa* e pertencente ao circuito erótico, especialmente quando menciona que "vibrou" quando apareceram nas revistas eróticas brasileiras, em 1980, vários anúncios

de adeptos do sadomasoquismo descrevendo suas fantasias e predileções. Isso se deu, segundo a autora, com o relaxamento da censura, momento em que essas revistas puderam lançar anúncios e artigos sobre temas até então inexplorados, como o SM.

As referências à imprensa *mainstream* são feitas, especialmente no livro “Sadomasoquismo Sem Medo”, no sentido de indicar que caminhos trilhavam as informações sobre sexualidade e *sadomasoquismo erótico* no Brasil da abertura. Ao citar inúmeras entrevistas que cedeu aos mais diversos veículos de comunicação, como revistas, jornais, matérias para TV, Wilma Azevedo se defende de más interpretações que poderiam ter ocorrido devido a alterações e cortes estratégicos em suas falas.

Em outros momentos, as notícias de jornais mencionadas, especialmente de jornais populares, trazem casos de assassinos, estupradores e necrófilos. É bem curioso o fato de que Wilma traz muitas referências sobre casos jurídicos em seus livros, citando a prisão de assassinos em série, *maníacos*, necrófilos e pedófilos, temas que geralmente são mantidos bem afastados por praticantes de sadomasoquismo que não desejam ter suas práticas eróticas confundidas com condutas criminosas, parecendo ser estratégico mencioná-las lado a lado.

Wilma Azevedo parece ter bastante consciência do estigma que, muitas vezes, envolve os praticantes de sadomasoquismo, como as referências que aproximam sadismo ou masoquismo e os crimes acima citados e, ao que me parece, faz uso desses casos, citando nomes e sobrenomes dos criminosos e as edições dos jornais nos quais os casos foram veiculados, na tentativa de ilustrar as diferenças entre as variantes eróticas do sadomasoquismo daquelas variantes relacionadas a crimes, violações e abusos, condenadas pela autora enquanto *doentias* e *psicopáticas*.

Os filmes estrangeiros e as novelas nacionais com alusões ao SM aparecem como referências importantes para Wilma, no sentido em que teriam colaborado para a *desmistificação* da prática no Brasil. A telenovela brasileira “Roque Santeiro” (1985-1986), ao trazer cenas que remetiam às práticas SM, teria dado um passo nessa direção, embora “o público despreparado” possa não ter compreendido a intenção dos autores, segundo a escritora. Os filmes estrangeiros que de alguma maneira abordavam o tema são apontados por Wilma como possíveis influenciadores das primeiras festas paulistanas que exibiam uma “onda *light*” em referência ao tema, já em 1993 (Azevedo, 1998: 26),

trazendo como exemplos os filmes *A Bela da Tarde*, *Império dos Sentidos*, *9 1/2 Semanas de Amor*, dentre outros. Wilma Azevedo comenta sobre o potencial destes filmes:

Com o SME [Sadomasoquismo Erótico] diretamente ligado à sétima arte, os filmes começaram um trabalho até inconsciente por parte dos produtores, desmistificando a temida maldição lançada aos seguidores de Sade e Masoch, pois a polêmica causada por essas obras fez os sexólogos enxergarem além do que era mostrado. O próprio público leigo, mas interessado e crítico, começou a compreender o quanto o erotismo benéfico estava ligado a cenas até então condenadas (Azevedo, 1998: 27).

As referências internacionais ou a materiais adquiridos no/do exterior, aparecem de maneira bastante similar, tanto na obra de Wilma Azevedo quanto na de Glauco Mattoso. Os autores mencionam as viagens ao exterior como a principal via de acesso a um conhecimento inexistente no Brasil em certa época, como um aprimoramento, no sentido de que possibilitariam o conhecimento de novas práticas e técnicas (no sentido de um *know-how* adquirido):

Viajei pela Europa em busca de estudos e conhecimentos específicos, conheci clubes em Nova York, com isso fui me aprofundando bem nas pesquisas, e hoje posso dizer que tudo me foi proveitoso. Levei anos dedicando-me de corpo e alma a tudo que pudesse me levar a novas conclusões sobre o assunto (Azevedo, 1998: 12).

(...) fui ver de perto, em 80, as grandes matrizes mundiais do way-of-life *guei*: Nova York e San Francisco. Lá constatei não haver especificidade que não tenha seu mercado de consumo & sua filosofia de vida; e de lá trouxe uma batelada de livros & revistas sobre S&M, podolatria inclusa (Mattoso, 2006: 151).

Se antes as viagens eram parte das linhas através das quais a produção de conhecimento no Brasil se ligava à produção estadunidense (e de outros países também), no período dos anos 1990 aos 2000 a influência da produção internacional sobre a produção nacional se altera, uma vez que não é mais necessário viajar para acessar o conhecimento do exterior. Este acesso é facilitado pela internet, pelo aumento do número de sites sobre o tema e pelo crescimento do mercado editorial de literatura erótica/pornográfica. Não só o acesso se torna mais fácil, mas as formas pelas quais o conhecimento produzido no exterior é assimilado também se transforma e pode ser notado em publicações mais recentes, como é o caso do livro “*Sem Mistério: Uma abordagem (na) prática de Bondage, Dominação, Sadismo e Masoquismo*” (2002), de Edgeh.

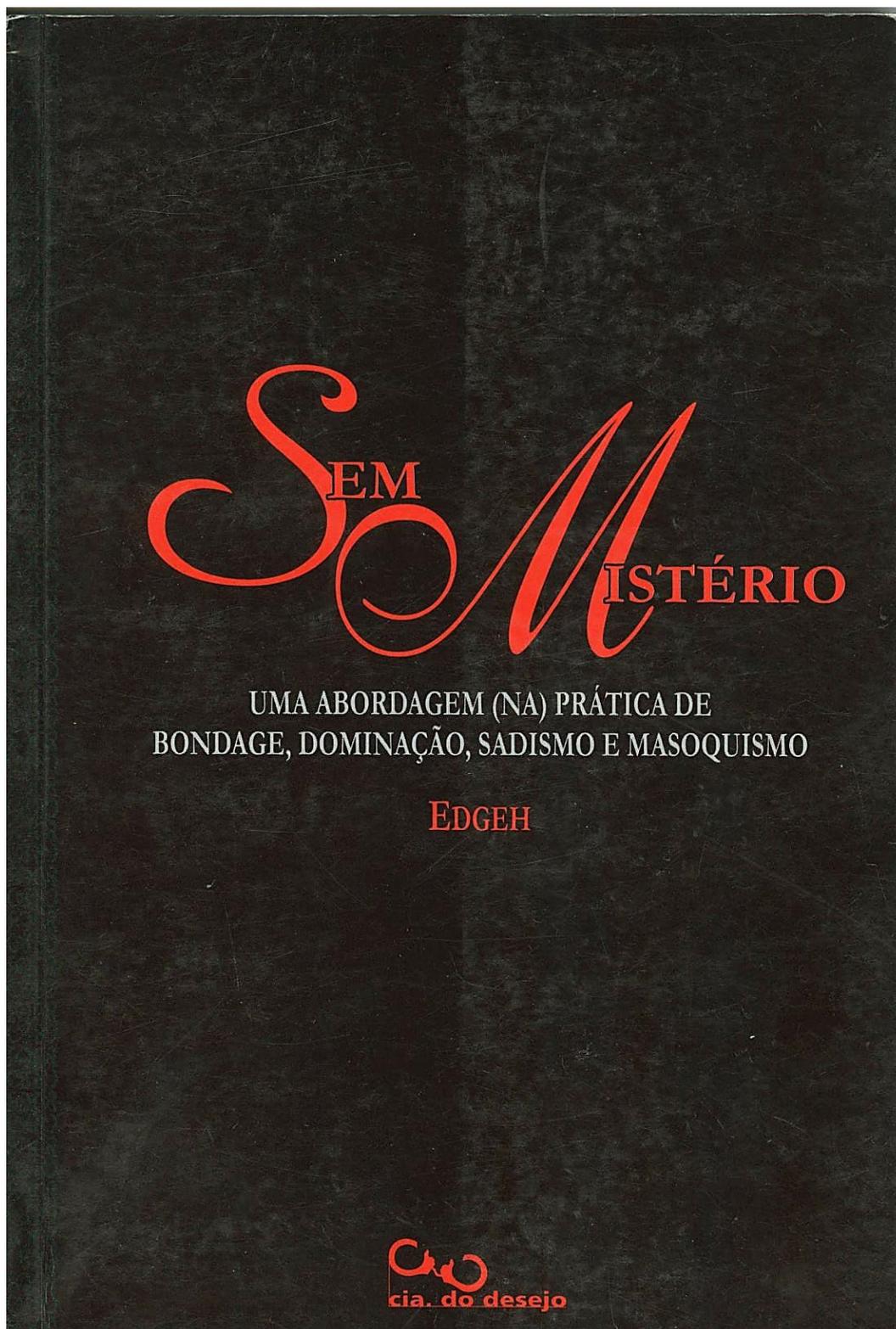
### 3. Edgeh

Edgeh, pseudônimo de um jornalista adepto do BDSM que publicou em 2002 o livro “Sem Mistério: Uma abordagem (na) prática de Bondage, Dominação, Sadismo e Masoquismo”, não aparece enquanto uma figura pública na cena BDSM nacional e não possui o mesmo reconhecimento como *pioneiro* que os outros autores aqui analisados. Apesar disso, o autor estabeleceu relações significativas com membros conhecidos na *cena* e tem como contracapa de seu livro uma mensagem publicada pelo praticante Dom Felix na extinta lista de discussão Desejo Secreto, o que demonstra de alguma maneira que os circuitos nos quais estava inserido diferiam em parte<sup>48</sup> dos de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo, uma vez que sequer havia internet no Brasil na época da escrita dos primeiros livros aqui mencionados e que, posteriormente, Glauco e Wilma fizeram usos muito distintos das ferramentas de comunicação públicas na internet.

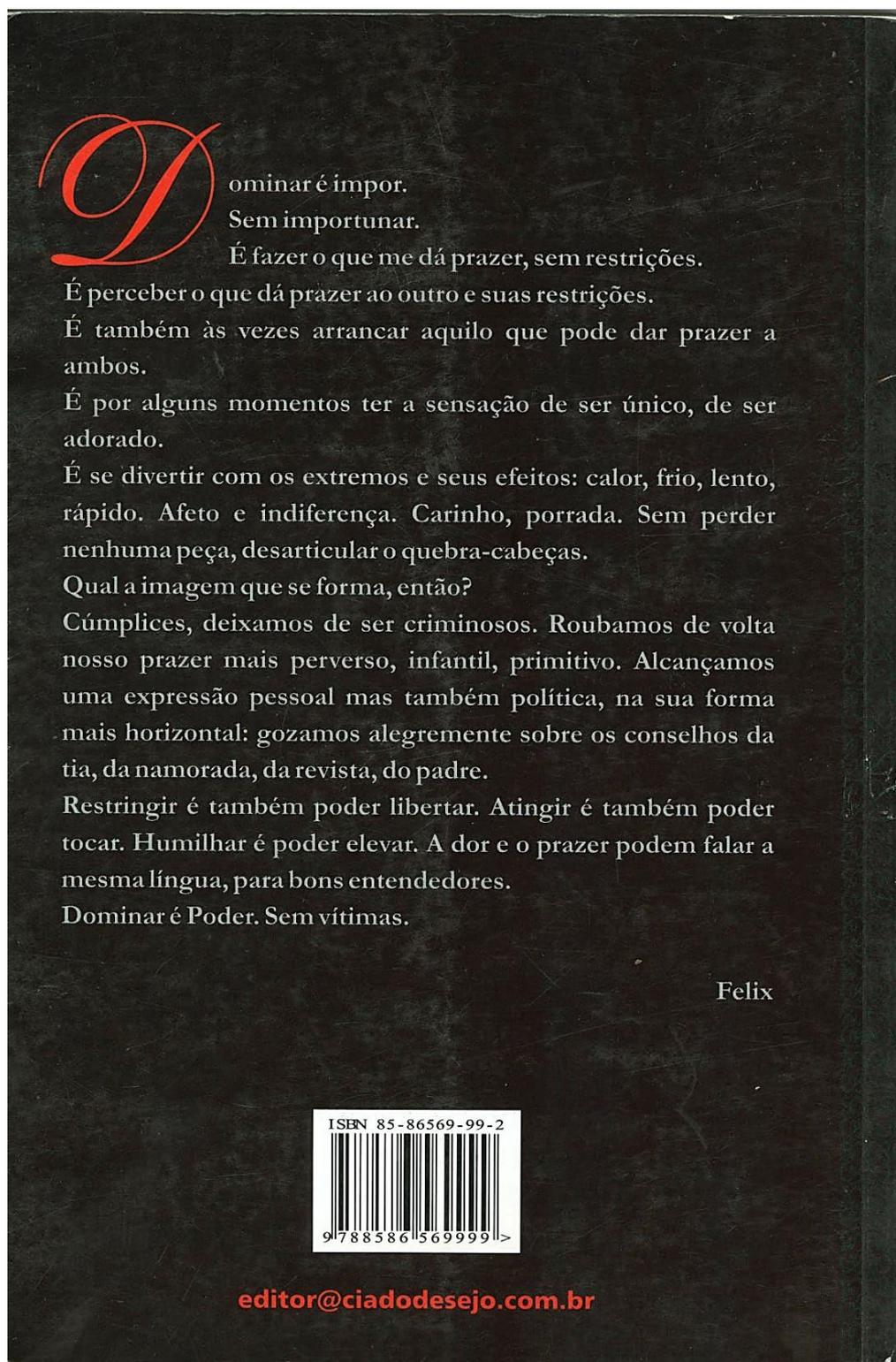
A lista de discussão e o site Desejo Secreto, objetos de estudo de Zilli (2007) em sua dissertação de mestrado, possibilitavam o acesso ao discurso dos praticantes numa plataforma na qual o mesmo era constantemente reelaborado e refinado, através da atualização constante que os conteúdos compartilhados na internet permitem, tanto em relação a seu conteúdo como em relação à captação de novos usuários, que sempre acrescentam novas informações em relação àquelas preexistentes nas listas.

---

<sup>48</sup> Mas não totalmente, como observado no capítulo I.



**Figura 15.** Capa do livro “Sem Mistério”, de Edgeh (2002)



**Figura 16.** Contracapa do livro “Sem Mistério”, de Edgeh (2002)

O livro de Edgeh, publicado em 2002 pela Editora Cia. do Desejo, em Campinas, não traz muitas informações a respeito do autor e de sua trajetória, como

acontece com os livros de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso analisados nesta pesquisa, mas colabora na medida em que permite apreender as redes pelas quais os discursos veiculados em obras cujo formato se aproxima do de “manual” são constituídos.

O fato do próprio nome “Edgeh” ser um *nickname*, diz algo a respeito do contexto de expansão do *meio* BDSM no Brasil, que passa a se articular também pela internet nos anos 1990, garantindo assim o anonimato frente à exposição que traz a comunicação através da internet. Mesmo antes do surgimento da internet, Wilma Azevedo adota seu pseudônimo para poder escrever em revistas eróticas, mantendo seu sobrenome. A escolha do nome “Wilma” é explicada pela autora em entrevista televisiva como a união de “Vil” e “Má”: “sendo ‘Vil’ e ‘Má’ eu podia escrever e estudar qualquer coisa”. Já Glauco Mattoso cria o seu em referência à doença congênita que desenvolveu ao longo da vida. Por sua vez, Cosam Atsidas é o anagrama de “Sadista Masoc”, fazendo referência ao fato do praticante participar de *cenar* tanto no papel de sádico, quanto de masoquista. A adoção de nomes em língua inglesa – no caso de Edgeh, fazendo referência à palavra *edge*, “precipício”, “limite”, dentre outros significados – diz algo também a respeito dos lugares de produção de conhecimento com os quais se relacionavam os praticantes desse contexto mais recente, como aponta Jorge Leite Júnior:

É importante que os membros [da comunidade] ou candidatos a tal, tenham um apelido. Isto é o que vai identificar a sua “persona S&M”, ao mesmo tempo em que resguarda a “verdadeira” identidade do sujeito. Mais do que proteger o nome socialmente reconhecido do adepto, o apelido procura passar uma idéia de suas tendências e posições dentro do BDSM. “Demon”, “Bode Louco”, “Dengosa” ou “Sapequinha” são alcunhas que já trazem embutidas em si, uma série de referências, ainda que implícitas ou subjetivas. Mesmo se a experiência real deixar a desejar em alguns casos, no campo das fantasias, ou seja, dentro do imaginário deste tipo de associação entre pessoas, é de se esperar comportamentos e experiências distintas entre o “Bode Louco” e a “Dengosa” (Leite Júnior, 2000: 24).

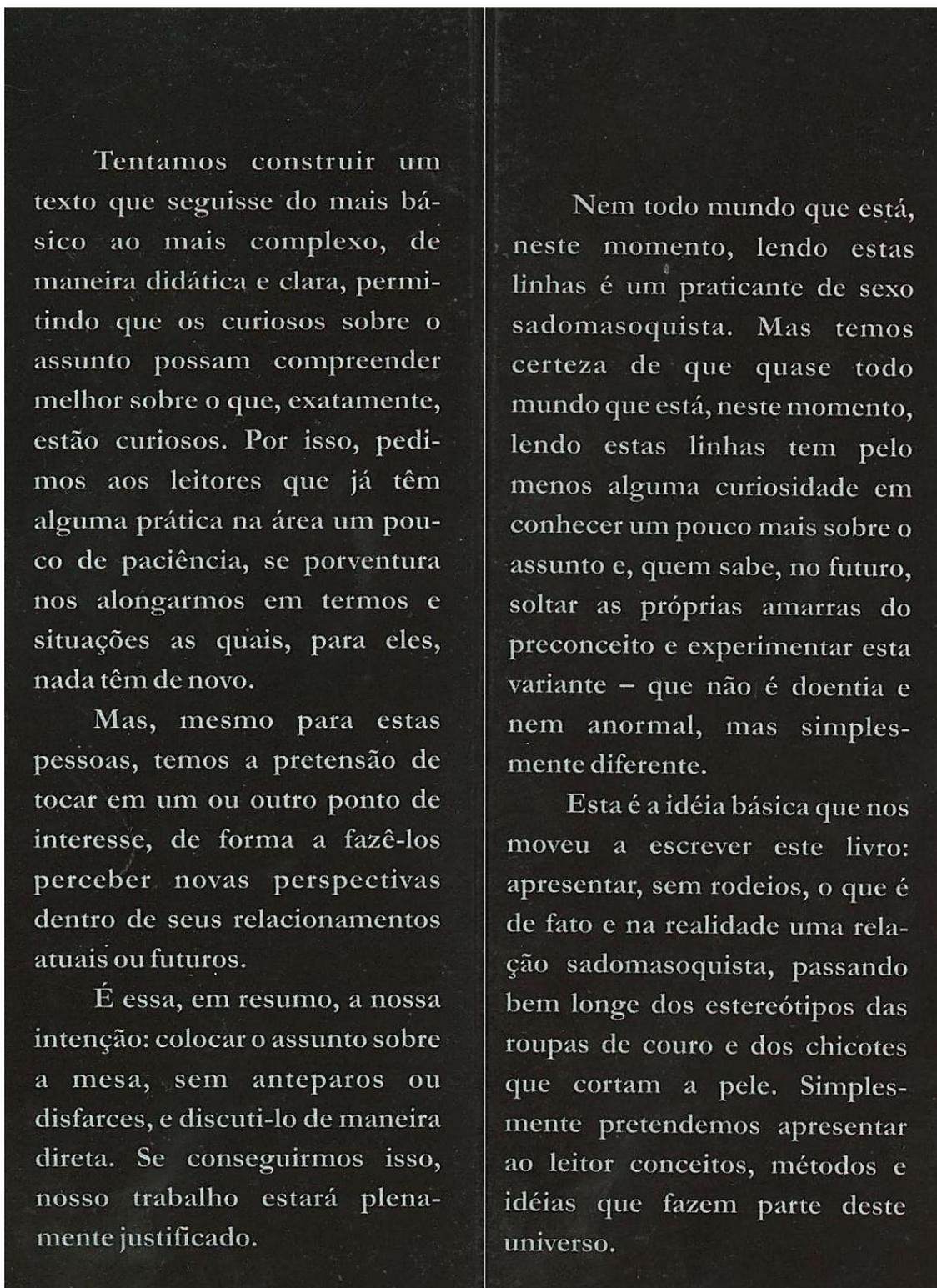
No prefácio de “Sem Mistério”, os editores indicam que o livro foi escrito com a intenção de proporcionar “uma noção clara e precisa sobre o assunto” (: 7). A ideia da *desmistificação* do BDSM é colocada como pretensão da obra, ao mesmo tempo em que a noção de “apologia do sadomasoquismo” é negada por eles:

Nossa real intenção é tentar, ainda que modestamente, preencher um vácuo editorial sobre o tema. Embora se encontrem publicações tratando de sadomasoquismo, elas geralmente resumem-se a contos ou histórias; não temos conhecimento de nenhum tipo de manual, como este livro pretende ser, de orientação e esclarecimento sobre o assunto (Edgeh, 2002: 8).

“Orientação” e “esclarecimento” aparecem aqui como características estritamente relacionadas a manuais, afastando-se do estilo do que Glauco e Wilma produziram nos anos 1980, como as autobiografias e os contos eróticos. É curioso que os dois autores, considerados os pioneiros do sadomasoquismo no Brasil, não são citados em nenhum momento no livro de Edgeh, sendo encontrados apenas nas entrelinhas do prefácio acima citado (e, sendo assim, somente por aqueles que conhecem suas obras).

O formato “manual” do livro de Edgeh, como mencionado na Introdução, se assemelha ao do livro mais recente de Wilma, “Sadomasoquismo Sem Medo”, publicado em 1998. O manual, como aponta Zilli (2007), é um modelo que organiza os discursos dos praticantes e ajuda na disseminação dos mesmos, no sentido em que é um tipo de material que circula mais facilmente entre as listas de discussão de praticantes do sadomasoquismo e é frequentemente publicado em páginas BDSM, especialmente por ser um formato de fácil leitura. Esse mesmo motivo faz com que os livros escritos no formato “manual” tenham uma espécie de papel de estar sempre à frente, como um dos primeiros contatos de curiosos com o BDSM. “Sem Mistério” é um livro de fácil leitura e possui linguagem que pode ser considerada bastante acessível. O autor inicia cada capítulo com uma epígrafe diferente, não necessariamente relacionada diretamente à temática sadomasoquista, epígrafes essas que se encontram agrupadas no fim do livro sob o capítulo intitulado “Citações”.

O livro de Edgeh inicia-se com uma lista de “Conceitos e Definições”, típica dos manuais encontrados em listas de discussão *online*, o que reforça a hipótese de que os manuais surgiram como uma extensão da pedagogia dos workshops realizados por clubes na década de 1990. Nesse capítulo, o autor traz uma explicação para as categorias de *sadismo* e *masoquismo* afirmando que, já que os dois termos guardam uma diferença muito grande, eles não deveriam ser usados em conjunto para se referir à uma pessoa como “sadomasoquista”, devendo o termo ser pensado como um conceito, como no caso de “mundo sadomasoquista”.



**Figura 17.** Orelhas do livro “Sem Mistério”, de Edgeh (2002)

O acrônimo BDSM é explicado no livro realizando a separação de seus pares de definições: “Bondage e Disciplina”, “Dominação e Submissão” e “Sadismo e

Masoquismo”, sendo cada um desses termos comentados em um tópico. A valorização da consensualidade aparece nesse mesmo capítulo, e é colocada pelo autor como “o único fator absoluto, que jamais pode ser ignorado, distorcido ou discutido” (: 16). As “regras de comportamento” que permeiam a *comunidade*, bem como a noção do SSC (São, Seguro e Consensual) e a necessidade de uma *safeword*, que aparecem nos clubes SM e grupos de praticantes brasileiros na década de 1990, estão no segundo capítulo do livro sob o título de “A Ética BDSM”.

Em um tópico criado em 2008 na comunidade “Desejo Secreto”, na rede social *Orkut*, Edgeh responde algumas questões acerca de seu livro, considerado, nas palavras da praticante Rainha Frágil, seu “cartão de visitas para tratar com leigos sobre o tema. Uma jóia preciosa mesmo”. Este tópico, intitulado “Roda Viva com Edgeh{RF}”, faz parte de uma série de tópicos nos quais os membros da comunidade podem realizar perguntas livres para o “entrevistado”. Nessa direção, Rainha Frágil o questiona sobre a possibilidade de uma segunda edição do livro, bem como sobre o retorno financeiro e a gratificação obtidos com a publicação:

Bom, retorno financeiro nunca foi mesmo o nosso objetivo. Quando eu e a Bia resolvemos tornar o projeto de um livro básico sobre BDSM realidade, já sabíamos das dificuldades que apareceriam. Nem tanto para bancar a edição, que não ficou assim taaaaaa cara, mas principalmente quanto à distribuição - não apenas não encontramos distribuidores interessados, como cheguei a ser boicotado por diversas livrarias, que tinham (e têm) medo do assunto. Agora, tenho a grande alegria de saber que o livro serviu para orientar, no básico, muita gente - de dentro e de fora do meio. As poucas críticas que recebi foram, sempre, bem fundamentadas e bastante construtivas - e isso foi o melhor sinal de que o projeto tinha dado certo. Até por isso, acho que não mudaria a proposta inicial: ser um livro sobre BDSM para quem não é do meio BDSM (ou que está começando nesse meio). Talvez eu ajustasse alguma coisinha aqui ou ali, mas no geral, manteria o que está nele (Mensagem de Edgeh em 2008, na Comunidade Desejo Secreto, na rede social *Orkut*).

Ao falar a respeito da publicação de seu livro, Edgeh menciona as dificuldades que teve no que diz respeito à distribuição do mesmo em 2002. Quando indagado sobre a possibilidade de lançar uma nova obra, ele afirma que não teria planos de fazê-lo antes de se aposentar de um de seus dois empregos, devido ao excesso de trabalho. Mas que, se escrevesse um novo livro sobre BDSM, seria no formato de ficção “(...) porque aí as distribuidoras e as livrarias não têm tanto medo de ferir a própria imagem. Ou seja, se for no faz-de-conta, pode fazer jorrar sangue e lágrimas, que pode...” (Mensagem de Edgeh em 2008, na Comunidade Desejo Secreto, na rede social *Orkut*).

### 3.1. As redes de Edgeh

O livro de Edgeh, se comparado com os demais livros analisados, possui poucas referências diretas a atores do campo científico e um grande espaço dedicado às instruções sobre as práticas. Isso parece ter a ver com o formato do livro, que prioriza um certo tipo de “ensinamento” mais acessível em detrimento de explicações “científicas”, como é o caso daquelas encontradas no capítulo 11 do livro. A maioria das referências é estrangeira e, embora o autor não se refira em nenhum momento a Glauco Mattoso ou a Wilma Azevedo, acaba por mencionar praticantes brasileiros conhecidos no *meio* BDSM nacional no período dos anos 1990 aos 2000, como é o caso dos praticantes Rainha Frágil, Mestre Jot@ SM e Senhora Helga Vany Freija.<sup>49</sup>

Aproximadamente um terço das referências no livro de Edgeh (31 de 97) correspondem a sites nacionais e estrangeiros com temática sadomasoquista (Anexo 2). Eles são indicados por Edgeh em duas seções do livro, respectivamente “Sites Brasileiros de Consulta” e “Sites estrangeiros”. Todos os sites brasileiros por ele mencionados, ao serem acessados no momento da pesquisa, estavam fora do ar, o que não ocorreu com os sites estrangeiros. Outros mudaram de endereço/plataforma, como o site da praticante Rainha Frágil. Esse fato parece indicar uma descontinuidade na forma de produzir e divulgar conhecimento por parte dos praticantes brasileiros que se utilizavam de blogs e sites como forma de divulgação no início dos anos 2000 e, possivelmente motivados pela criação de grupos sobre BDSM no *Orkut* – e posteriormente na rede social *Facebook* – e de redes sociais específicas para praticantes (como é o caso do *FetLife*, criado em 2008), passaram a interagir e compartilhar conhecimento sobre as práticas de outras maneiras na última década. Ou seja, as menções que Edgeh faz em seu livro e a análise que realizei a partir de observações do *online*, terminam por indicar uma outra mudança na forma de produzir conhecimento, uma vez que, se nos anos 1980 os praticantes brasileiros se comunicavam e intercambiavam conhecimento através de contos eróticos, autobiografias, cartas e anúncios em revistas e jornais, nos anos 1990 passam a comunicar-se por meio de fóruns *online*, blogs e sites e pela produção de livros no formato “manual”. Por fim, a partir da segunda metade dos anos 2000, passam a divulgar conhecimento especialmente

---

<sup>49</sup> Para mais informações acerca da divulgação das práticas BDSM no contexto *online* no Brasil, bem como sobre estes praticantes mencionados por Edgeh, ver as pesquisas de Fátima R. A. de Freitas (2012) e Marcelle Jacinto da Silva (2015).

por meio de redes sociais específicas para praticantes e grupos fechados em redes sociais mainstreams, como é o caso do grupo BDSM Brasil e de centenas de outros que podem ser encontrados no *Facebook*.

O livro de Edgeh explicita a porosidade entre literatura erótica, ativismo e ciência, suscitada inicialmente pelas obras de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo, ao citar diversas obras escritas no exterior em coautoria por psicólogos, sexólogos e praticantes<sup>50</sup>, como é o caso de *The Bottoming Book: How to Get Terrible Things Done to You by Wonderful People* (1995), livro escrito por Dossie Easton e Catherine Liszt e de *Different Loving*, da sexóloga Gloria Brame e do praticante e ativista Jon Jacobs. Muitos dos livros que ele sugere como leitura, embora possam ser enquadrados como literatura erótica, foram escritos por pessoas que poderiam ser/são consideradas no *meio* BDSM, nos dias de hoje, “ativistas SM”, que me parece ser um termo ainda bastante relacionado às comunidades BDSM de países europeus e dos EUA, onde a emergência de uma comunidade de praticantes se deu de maneira bastante diversa daquela ocorrida no Brasil.

O DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua 4ª versão) é citado na obra de Edgeh, bem como a Associação Americana de Psiquiatria (American Psychologist Association, em inglês), autora do manual e referida por Edgeh como “Sociedade Americana de Psiquiatria”. Ao lançar um olhar para o banco de dados correspondente ao livro de Edgeh podemos observar que, das 97 entradas, os atores relacionados diretamente ou indiretamente ao campo da ciência somam um total de 31 entradas, totalizando praticamente um terço do número de atores mencionados. Há atores do campo da psiquiatria, como o escritor e professor universitário Robert J. Stoller, da UCLA, da psiquiatria forense, como Park Elliot Dietz, segundo o autor “uma das principais autoridades mundiais sobre sexo e agressão” e do campo da literatura sobre sadomasoquismo advinda da psiquiatria, como é o caso do livro de Robert J. Stoller, *Pain and Passion: A Psychoanalyst Explores the World of S&M* (1991).

É interessante notar que os atores mobilizados nos livros mais atuais, como é o caso de “Sem Mistério” (2002) e “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998), pertencem em sua maioria a intersecções de campos diferentes e aparecem com frequências diferentes daqueles existentes nas outras obras analisadas. Os campos que se cruzam com mais frequência nessas obras dos anos 2000 são o campo médico-científico, incluindo os atores

---

<sup>50</sup> Essa porosidade já era bastante evidente nas obras de Glauco e Wilma.

da psicologia, sexologia e psiquiatria, e o campo do que poderia ser chamado de “ativismo SM”, além de maior menção a praticantes e figuras mais ou menos públicas da *cena* SM brasileira. É o caso, por exemplo, de alguns dos sexólogos citados por Edgeh que pertencem a grupos ativistas sadomasoquistas ao mesmo tempo em que produzem obras literárias, configurando uma intersecção entre os campos da literatura, da ciência e do ativismo.

Os atores do exterior são mais acionados, em relação aos livros da década de 1980, bem como há uma enorme quantidade de menções a sites e blogs sobre o tema. Sendo assim, nos últimos livros analisados (1990-2000) há muito mais referências do campo médico-científico e esse campo se cruza com outros que antes eram menos combinados, explicitando a ausência de uma polarização clara entre ativismo e ciência e entre ativismo e literatura. Isso parece ter a ver com um aumento da circulação dos atores por campos diferentes nos anos 1990 e 2000 e uma mudança na própria visão da comunidade SM sobre quem estaria colaborando para o fim do estigma, bem como para a realização das alterações nas classificações presentes nos manuais de diagnóstico, como o DSM. A militância pelos direitos sexuais parece deixar de ser exclusividade, na visão desses autores, de atores sociais relacionados exclusivamente ao campo do ativismo e passa a ser uma espécie de “tarefa compartilhada” entre atores de outros campos, como médicos, psicólogos, artistas e escritores. Edgeh cita algumas obras escritas por sexólogos que passaram a militar (ou a serem vistos como militantes pelos praticantes), por possuírem uma visão mais libertária da sexualidade e das próprias práticas sadomasoquistas. Wilma, como já vimos, ao longo do tempo também passa a citar mais especialistas, sexólogos e psicólogos, e a aproximar seu próprio discurso dos deles.

Vale notar que Edgeh parece enxergar sua obra como uma possibilidade de *desmistificação* do sadomasoquismo para um público mais geral e de ampliação do conhecimento para praticantes. Aparentemente não reconhece uma linearidade entre o trabalho de Wilma e Glauco e o seu próprio trabalho, uma vez que não menciona os dois autores em sua obra. Além disso, os editores afirmam que a obra possui a intenção de “preencher um vácuo editorial” sobre o tema no Brasil, tendo em vista que a produção nacional sobre sadomasoquismo até então teria se resumido “a contos ou histórias” (: 8), não contribuindo para o esclarecimento sobre o assunto.

### **III. Discursos médico-científicos, circulação de categorias e disputas de sentidos**

Os discursos da “ciência” ocupam um espaço importante na produção de conhecimento pelos praticantes de sadomasoquismo/BDSM. A ciência, na perspectiva coproducionista de Sheila Jasanoff (2004), não deve ser entendida nem como um mero reflexo da verdade acerca da natureza nem como um simples epifenômeno dos interesses sociais e políticos. A autora afirma que existe uma pluralidade de diferentes saberes, heterogêneos, hegemônicos e contra-hegemônicos e que todos eles seriam necessários para a constante renovação de conhecimento. Sendo assim, este capítulo tem por objetivo apontar a maneira pela qual “ciência e sociedade” e “conhecimento e sociedade” são coproduzidos a partir de diferentes redes, contextos sociopolíticos e trajetórias e como diversas categorias estão sendo criadas e disputadas pelos atores envolvidos nas redes que permeiam as obras analisadas, sempre em relação com um discurso médico-científico que não é homogêneo, muito menos constante ao longo do tempo.

#### **1. Entre médicos, psicólogos e praticantes: um diálogo com o campo científico**

Ao dividir os atores mapeados nas categorias mencionadas no capítulo anterior, observei que a maior parte dos atores mencionados no livro de Glauco Mattoso circula pelos campos que denominei “artístico”, “ativista” e “acadêmico”, ou ao menos por dois deles ao mesmo tempo. As referências aos atores do campo que foi por mim delimitado como “ciência” (campo este que inclui sexólogos, médicos, psicólogos, psiquiatras e obras da sexologia), são quase sempre feitas de maneira negativa, com deboche e ironia, típicos da estética de Glauco Mattoso, especialmente quando mencionados diretamente por seus nomes, o que ocorre pontualmente seis vezes no banco de dados produzido para esta análise.

O autor cita: 1) Shere Hite, sexóloga americana; 2) o Relatório Hite, livro da autora sobre a sexualidade da mulher, considerado um marco na história da Sexologia; 3) Flávio Gikovate, famoso psiquiatra e psicoterapeuta brasileiro, autor de diversos livros sobre sexo e relacionamentos; 4) Frank Caprio, analista estadunidense “caretíssimo”, segundo Glauco, que escreveu o livro “Aberrações do Comportamento Sexual”, com o qual o autor teria tido contato ainda jovem; 5) o livro Dicionário de Sexo, de Goldenson &

Anderson (livro que, na edição brasileira, registra o termo “pedolatria”); 6) William Rossi, médico podiatra.

As menções à sexologia e à psiquiatria não se resumem às citações diretas destes seis nomes, sendo necessário observar as entrelinhas em busca de referências indiretas ao discurso médico-científico, como é o caso do uso dos termos “pessoal de branco”, “maníacos das taxonomias patológicas” e “cucólogo”, bem como da história que conta Glauco Mattoso sobre um psicólogo que teria enviado uma carta a ele criticando suas práticas, que, ainda que seja uma história fictícia, diz algo das crenças e opiniões do autor.

Um dos meus primeiros contatos teóricos com o assunto sexo foi um livro ridículo, dum analista americano, caretíssimo, chamado Frank Caprio. Olha só o título: **Aberrações do comportamento sexual**. No original, menos mal: **Variations in sexual behaviour**. Isso foi aos quinze, dezesseis anos. Claro que, àquela altura, e dada a minha precocidade (e a licença do leitor), eu já estava um tanto, como direi, calejado, e não cairia na conversa terapêutica do cucólogo. O que me interessava tava na cara: a tara, as tais “aberrações”. Não o diabo do “tratamento” ou da “cura”. E não é que o filão era rico? Pra mim, o autor quis matar três coelhos, vendendo o peixe pros curandeiros, pros curáveis e pros incuráveis, quer dizer, pro pessoal do ramo “psi”, pros eventuais pacientes e praqueres que só estavam mesmo a fim de curtir pornografia – a maioria. A casuística era detalhada, sacanagem pura, embora mal contada. Pensei: “Legal! Se tem tanta gente doente assim, não vou ter lá tanta dificuldade em achar parceiro prumas morbidezas a dois... (Mattoso, 1986: 12, negritos do autor).

A trajetória de Glauco, no período da redemocratização, é marcada pelo uso dos classificados de revistas eróticas para a busca de parceiros, e é a partir desse tipo de comunicação que parecem se estabelecer os primeiros pontos de uma rede de pessoas com interesse em sadomasoquismo e em fetiches no Brasil. O autor, ao se colocar como um usuário de *correio sentimental*, indica a crise econômica e a epidemia do HIV/AIDS como fatores que colaboraram para o fim desse tipo de comunicação escrita, realizada geralmente para a busca de parceiros sexuais (Facchini; Machado, 2013).

A epidemia do HIV/AIDS aparece como ponto fundamental na trajetória de Glauco, “advento” que teria transformado sua vida não só em relação à homossexualidade, mas também em relação à pedolatria, que aparece como uma *solução*, um *tipo de transa* que não ofereceria risco de contágio. Glauco questiona o estigma que a *imprensa marrom* e o *pessoal de branco* trazem para os homossexuais, já que, segundo ele, “se não falar de peste *guei*, vai falar de bichas assassinas, drogadas, artistas ou políticas. *Guei* é assunto de qualquer jeito” (: 197, itálicos meus). A epidemia, enquanto importante dado de contexto,

auxilia também na compreensão da relação entre os discursos de Glauco Mattoso e o discurso médico-científico. A ideia do fetichismo como “saída” e possibilidade de se obter prazer naquele momento de tamanho pânico moral envolvendo a infecção pelo HIV/AIDS, aparece no texto de Glauco a partir do que seria a transcrição de uma conversa com uma amiga íntima. Como já apontado no Capítulo I, observo que a AIDS também aparece como dado de contexto nas obras de Wilma Azevedo, quando esta menciona ter perdido o amigo Henfil em decorrência da infecção, mas especialmente quando a autora indica que a abertura de casas onde mulheres prestavam serviços de dominação profissional teria sido uma alternativa para as trabalhadoras sexuais, tendo em vista a epidemia.

Depois de meu trabalho sobre SME, as “profissionais” viram que atender sadomasoquistas é uma boa. As que se especializam, sabem que ser a rainha é um ótimo negócio. Tanto em termos de segurança como em termos de grana. Normalmente não precisam nem tirar os trajes (geralmente de couro ou látex), pois não transam. O cliente se satisfaz apenas com o ritual e paga o dobro do preço. Em tempos de AIDS então, foi um achado para quem vive de “programa” (Azevedo, 1998: 95).

Nesse contexto, Glauco começa a distribuir folhetos oferecendo seus serviços de “massagem linguopedal”, um tratamento que teria o poder de curar os mais variados tipos de doenças, tratamento este que consistiria em uma massagem nos pés, feita com sua língua. O texto, que se utiliza inclusive de termos “clínicos” e uma explicação baseada em argumentos fisiológicos, chegou a ser publicado na íntegra na revista *Private*, em julho de 1985. Ao espalhar os folhetos por diversos cantos da cidade de São Paulo, Glauco afirma ter produzido involuntariamente uma “intervenção urbana”. Em sua autobiografia, conta como sua “peripécia empírica” o consagrou como “podólatra profissional”, narrando muitos dos casos em que teria atendido clientes interessados no *tratamento* proposto. O saldo mais *positivo*, em sua opinião, teria sido a descoberta de que o pé significa algo erótico para muita gente, para além da obtenção de “material” para a escrita do livro. Acerca desse *experimento*, Néstor Perlongher faz interessante análise no texto “O Desejo de Pé”, que foi publicado como posfácio da primeira edição do livro de Glauco:

É interessante como o rasteiro Glauco perverte o discurso médico – introduzindo uma sisuda fundamentação como preâmbulo a suas massagens. Esta **paródia da terminologia clínica** reside bastante firmemente ao embate terrorista da AIDS. Assim, na medida em que a pedolatria não envolve fluxos seminais, seria uma boa alternativa perante a síndrome. Fatura-se, portanto, à conta do vírus, para propagandear a perversão que se autonomiza – método

parecido ao dos gueis decentes que se aproveitaram da peste para defender o casal fechado (Perlongher, 1986: 175, **negrito meu**).

Ainda no que tange os discursos do campo médico-científico, algumas diferenças são notáveis entre os atores que aparecem no livro de Glauco Mattoso, “Manual do Podólatra Amador”, e aqueles que emergem da narrativa de Wilma Azevedo em “Sadomasoquismo Sem Medo”. A autora faz referências muito mais diretas e com sentido mais positivo em relação a esses atores do que as referências ao campo científico provenientes do livro de Glauco Mattoso. As narrativas criadas pelos autores tematizam a todo momento a legitimidade das práticas sadomasoquistas, especialmente a partir do uso da noção de *consensualidade*, traçando uma linha divisória entre a "normalidade" e a “patologia”, como no seguinte fragmento:

O Sadismo, nas suas formas mais brandas, menos torpe, menos violenta e agressiva [sic], se manifesta também em pessoas regidas por **personalidades normais**, apenas causando prazer e levando ao prazer, sem chegar a extremos quase **psicopáticos**. Assim, fica apenas no campo da fantasia, da brincadeirinha, onde a violência não chega a causar danos físicos (...). Essa forma de “brincar” de Sádico tem de levar em conta a satisfação sexual dentro dos limites rígidos em que a vontade do parceiro, seu prazer e seus desejos têm de ser considerados em primeiro plano (Azevedo, 1986: 9-10, **negritos meus**).

A literatura socioantropológica indica a circulação de categorias entre o universo dos praticantes e o campo científico relacionado com a sexologia e a psiquiatria, especialmente através de discursos contra o estigma associado à categoria de “perversão sexual”. A medicina contribuiu com sua interpretação do comportamento dos “perversos sexuais” para transformar a experiência dos mesmos, o que permitiu o desenvolvimento de uma concepção pública dessas identidades que refletem na concepção de si próprios e, conseqüentemente, nas narrativas de história de vida dos sujeitos. Desse modo, se estabelece não só um diagnóstico, mas também “uma nova maneira de ser pessoa” (Foucault, 1977; Zilli, 2007).

Lanteri-Laura (1994) demonstra a importância do papel dos “desvios” na produção do saber médico-científico e psicanalítico sobre a sexualidade, em referência à importância das sucessivas classificações científicas e de um vocabulário específico para tratar as “perversões” no século XIX. Algumas destas classificações, herdeiras das “monomanias”, “parestésias” e “perversões” do século XIX, todavia persistem hoje em dia nos manuais psiquiátricos como o DSM (do inglês, Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais), colocando os praticantes de BDSM lado a lado com

personagens que mobilizam os pânicos morais contemporâneos, como é o caso dos "pedófilos". Glauco parece se utilizar dessas classificações médicas para subverter e questionar os significados que possuem, como no trecho a seguir, onde traz uma definição para "Fetichismo":

*Fetichismo.* É um termo mais geral e mais generalizado que "podolatria". Mas não é menos espúrio. E seu significado não é tão preciso. A palavra foi exportada pra França, do português "feitiço". Lá virou "fetiche" e, aproveitada pelos **maníacos das taxonomias patológicas**, ganhou o "ismo" necessário a todo cientificismo, bem como a respectiva teoria, que acabamos importando de volta (...) (Mattoso, 2006: 61, negritos meus, itálico do autor).

Essa posição extremamente crítica aos discursos de patologização da sexualidade parece ter a ver, em grande medida, com as redes e circuitos intelectuais dos quais Glauco Mattoso fazia parte nos anos 1970 e 1980. Nesse sentido, acho importante a recuperação de um debate presente no livro "Sexo e Poder" (1979), intitulado "As ciências do sexo e os feiticeiros da repressão". Desta mesa-redonda, coordenada por Maria Rita Kehl, "psicóloga e jornalista" e Guido Mantega, "sociólogo" e editor do livro, teriam participado Antonio Carlos M. de Godoy, "psiquiatra e psicoterapeuta da linha bioenergética", Fábio Landa, psiquiatra e analista reichiano e Gregório Baremlitt, psiquiatra e psicanalista argentino.

O debate parte de uma crítica à psiquiatria, ao trazer a noção de que os profissionais deste campo seriam chamados nos EUA de "encolhedores de mentes" e que, junto de algumas correntes da psicologia, estariam desempenhando a função de "rotular, policiar, reprimir e reduzir a dimensão humana ao seu mínimo funcional" (: 185). A psicanálise e a psicoterapia reichiana aparecem no discurso dos participantes do debate, ainda que hajam críticas e ponderações sobre ela, como correntes que teriam mudado o enfoque que havia sobre as questões de saúde mental, bem como perspectivas que trabalhariam "em favor da liberação".

Estas noções de crítica e repúdio às vertentes das ciências psi que teriam como base técnicas rebuscadas de controle social estariam difusas nos círculos intelectuais e acadêmicos no momento de participação de Glauco Mattoso no ativismo homossexual, bem como da elaboração das experiências de vida do autor para a escrita do "Manual do Podólatra Amador", indicando que a presença desses elementos em seu texto possa ter se

dado por conta da circulação de categorias e teorias psicanalíticas no momento de sua produção textual.

“Sadomasoquismo Sem Medo” (1998), livro de Wilma Azevedo, tem seu prefácio escrito por um psicólogo pertencente à SBRASH (Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana), que afirma que a obra de Wilma oferece a todos “meios de poder melhorar os relacionamentos humanos e aprender a viver os desejos com todo o vigor, mas compreendendo os próprios limites e os das outras pessoas” (: 8) e ainda que percebia esta obra como um marco e um direcionamento, uma amostra das práticas sadomasoquistas no Brasil. Para além disso, se refere ao fato de que teria inserido os livros de Wilma Azevedo em suas aulas ministradas nos cursos de pós-graduação da SBRASH.

A SBRASH, associação importante no campo da sexologia (Russo et al., 2011), estabeleceu-se no Brasil como um ponto de articulação e produção dos saberes médico-científicos relacionados à sexualidade por psicólogos, psiquiatras e outros profissionais que atuam e estudam a sexualidade humana em diversas áreas do saber. Sua fundação ocorreu em 1986, e desde 1990 a SBRASH publica a Revista Brasileira de Sexualidade Humana (RBSH), que “permite a divulgação de novos conhecimentos e discussões que estudiosos e cientistas estão desenvolvendo, socializando o conhecimento, distribuindo-o com outros profissionais e estudantes interessados na sexualidade”.

O psicólogo Oswaldo Rodrigues Jr., que escreve o prefácio de “Sadomasoquismo Sem Medo”, além de pertencer à SBRASH, foi um dos fundadores do CEPCos – Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade. Ele afirma ter iniciado seus estudos sobre o sadomasoquismo e a sexualidade humana no Brasil 15 anos antes da publicação do livro de Wilma, ou seja, aproximadamente em 1983. Segundo ele, teria encontrado “grandes problemas e poucas fontes para compreendê-los”, lendo “avidamente” tudo o que lhe aparecia “técnico ou leigo, em português ou em inglês (...)” (Azevedo, 1998: 7). Nesse sentido, podemos observar mais claramente uma forte relação entre a produção de conhecimento científico e os discursos de legitimação do BDSM por parte de praticantes e divulgadores no Brasil a partir dos anos 1990. Isso ocorre uma vez que, além de haver incorporados livros de uma praticante/divulgadora em cursos de especialização em Sexologia nos anos 1990 no Brasil, o psicólogo também mostra que nos anos 1980, período de publicação da maioria dos livros analisados, já havia um

interesse por parte da comunidade médica brasileira no tema do sadomasoquismo. Wilma comenta com detalhes a maneira pela qual o conheceu:

Quando comecei meu trabalho em 80, recebi uma carta de um leitor que se dizia interessado no assunto que eu descrevia tão bem nas páginas da revista *Clube dos Homens*. **Dizia que pretendia estudar psicologia na área de sexologia**, por isso se interessava em conhecer-me pessoalmente, para conversarmos a respeito. (...) Convidou-me para visitá-lo quando estivesse em SP. Acostumada com leitores que usavam todo tipo de subterfúgio para conhecer-me e tentar um relacionamento, não dei atenção (...). Anos depois, li um livro chamado *Objetos do Desejo*, de autoria de um psicólogo paulistano que recomendava meus trabalhos aos interessados em conhecer e se aprofundar em sadomasoquismo. Telefonei para agradecer a referência. Pelo endereço de sua clínica, descobri ser ele o autor daquela carta nos primórdios dos anos 80! Fiquei satisfeita ao saber que tínhamos mais um divulgador do SME no Brasil, e que **com seu aval concedido pela formatura numa área da medicina**, poderia avançar nos estudos sobre o tema (Azevedo, 1998: 30, negritos meus, itálicos da autora).

O campo da Sexologia no Brasil, constituído e consolidado nos anos 1980 a partir de uma articulação entre a Ginecologia e a Psicologia, posteriormente teve a medicina, mais próxima da biomedicina, como tendência dominante no campo (Russo et al., 2009). Nos anos 1990, ocorreu o surgimento das primeiras instituições de formação em Sexologia ou atendimento clínico, de cursos de pós-graduação, como os que ministrava o psicólogo mencionado no livro de Wilma Azevedo, e de alguns grupos de investigação em universidades públicas. Sendo assim, é interessante notar que as chamadas “perversões” tiveram um espaço nos estudos sexológicos brasileiros, ainda que a Sexologia no Brasil tenha se constituído a partir da segunda onda sexológica, voltada à “sexualidade comum” e suas “disfunções”, chegando mais recentemente até a terceira onda, caracterizada pela medicamentação da sexualidade (Béjin, 1987; Russo et al., 2009).

A SBRASH, cujo surgimento se deu após o início da segunda onda da Sexologia no Brasil (Rohden; Russo, 2011), foi precedida pela criação do Instituto H. Ellis, ocorrida em 1984. O Instituto foi criado como um “centro de diagnóstico e tratamento dos distúrbios da sexualidade”<sup>51</sup> e é mencionado pelo psicólogo que escreveu o prefácio de “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998), quando este conta sobre os cursos que o grupo de psicólogos do Centro de Estudos da SBRASH promovia através do Instituto H. Ellis. Este Centro de Estudos passou a se chamar CEPCoS – Centro de

---

<sup>51</sup> Retirado da página: <http://www.hellis.com.br/>, consultado em 27.Set.2016.

Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade por volta de 1998, ano de publicação do livro de Wilma Azevedo.

Nas décadas de 1970 e 1980, as informações sobre o *sadomasoquismo erótico* circulavam principalmente através de redes ligadas ao entretenimento erótico, das quais faziam parte a literatura erótica, os artigos e anúncios publicados em revistas e as “cartas dos leitores”. A partir dos anos 1990, ocorre um deslocamento dessa produção textual dos adeptos para blogs e sites na internet e para a produção de livros nos quais o formato de “manual” é mais explícito e nos quais há um diálogo mais direto com o discurso científico oriundo, especialmente, da sexologia e da psiquiatria.

Nesse sentido os livros de Wilma Azevedo se mostram especialmente rentáveis para pensar algumas questões relacionadas à criação e circulação de categorias, sobretudo porque a autora, ao compartilhar suas representações sobre os praticantes, produz discursos de legitimação que renegociam as teorias que os tomam como “perversos”. A partir da criação de distinções como entre “Sádico-erótico”/“Sádico-maldoso” e entre “Masoquista-erótico”/“Masoquista-suicida”, Wilma Azevedo assinala, na introdução de seu livro “A Vênus de Cetim” (1986), algumas das categorias através das quais certas práticas são legitimadas e outras não, a partir da citação de diversos atores sociais, como sexólogos, psicólogos e psicanalistas.

E uma das separações necessárias são a do **Sádico-erótico** para o **Sádico-maldoso**; do **Masoquista-erótico** para o **Masoquista-suicida**. O Sádico-erótico só sente prazer se os limites dos outros e das próprias leis da natureza forem respeitados. Os Masoquistas-eróticos são os que procuram, no prazer comedido, o máximo de excitação, sem que isso comprometa a sua integridade física. Essa separação tem que ser feita, e quando se falar em “escravo” usar sempre o “erótico” logo após, porque o “escravo-erótico” tem que sê-lo de livre e espontânea vontade, de comum acordo entre as partes e nunca como uma imposição (Azevedo, 1986: 164-165, negritos meus).

Em “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998) a autora retoma essas classificações, afirmando que “os sádicos maldosos e todos que exercem autoritarismo perverso que vem de encontro à dignidade humana (...) devem ser punidos. Tanto pela lei de Deus quanto pela lei dos homens!” (: 108). Os *doentes psicopáticos* precisariam, segundo ela, ser tratados pela medicina, pois essas categorias (os *sádicos-maldosos* e o *sádicos-psicopáticos*) se diferenciariam da categoria dos *sadomasoquistas eróticos*, que respeitariam os limites uns dos outros. A “sociedade” aparece como reguladora, frente a alguns “desvios da natureza”, que podem fazer uma pessoa diferente das outras. Somente

se ela for “bem equilibrada socialmente” em todos os sentidos pode, segundo a autora, praticar o *sadomasoquismo erótico* sem maiores problemas.

A necessidade de uma intervenção da medicina ou da justiça nas situações em que determinadas pessoas não conseguiriam lidar com os seus “instintos”, no caso de práticas que não possuem o consentimento das pessoas envolvidas, aparece em mais de um livro da autora. A própria questão do “instinto” é associada a uma disputa em torno da categoria “natureza”, que aparece nos livros de Wilma Azevedo sempre a partir de um discurso que estabelece, baseado na questão hormonal, as diferenças entre os sexos e o prazer através da dor.

O *Masoquista-Compulsivo*, categoria mobilizada por Wilma Azevedo em “Sadomasoquismo Sem Medo”, é definido como aquele que “não consegue **dominar o impulso** de sofrer dores ou humilhações, tornando reais suas fantasias de sofrer e ser humilhado, às vezes se autocastigando” (Azevedo, 1998: 9, negrito meu). Já o *Sadomasoquismo-Psicopático* é definido pelas ações de “pessoas doentes, com personalidades deformadas, que praticam atos desumanos, desrespeitando direitos e regras da sociedade, chegando à criminalidade” (: 9). Essas noções, que articulam as ideias de “impulso” e “atos desumanos” remetem diretamente ao aprofundamento das “expectativas quanto ao controle de si” (Carrara, 2015: 335), engendradas pelas transformações pelas quais teria passado o dispositivo da sexualidade.

A sexualidade pode ser pensada no livro de Wilma a partir do “paradigma bioquímico de causa e efeito”, nos termos de Rohden (2012), que busca as causas últimas dos fenômenos e da “relação entre gênero e sexo físico-corporal, substancializado em órgãos e secreções internas”, ou seja, as diferenças entre os sexos estão sempre em relação com um discurso que as estabelece com base na questão hormonal (Rohden, 2012: 246).

Esse discurso, que pensa a sexualidade a partir de suas bases biológicas, tem muito em comum com os discursos de Havelock Ellis e outros autores vinculados ao chamado “Movimento de Reforma Sexual”, parte da primeira onda da Sexologia. Em seus estudos acerca da homossexualidade e do sadomasoquismo, Ellis partia do pressuposto de que a conduta humana é expressão de impulsos biológicos inerentes, mais que de processos sociais. Esse pressuposto, tomado hoje em dia como marca do pensamento reacionário, era o ponto de partida do radicalismo de Ellis (Weeks; Rowbothan, 1978). O descobrimento da importância dos hormônios na determinação dos

caracteres masculinos/femininos no início do século XX e a ideia de que as diferenças sexuais estariam baseadas “nas diferenças fisiológicas que emergiam de maneira mais ou menos espontânea” (: 187) foram centrais na teoria de Havelock Ellis.

Wilma Azevedo menciona em “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998) diversos estudos médico-científicos sobre os hormônios sexuais, associando os mesmos com a maior ou menor presença de agressividade entre homens e mulheres, colocando de certa maneira que as diferenças entre os dois decorreria, em boa medida, dessas distinções hormonais. Além disso, aponta que alguns hormônios, como a adrenalina e a endorfina, estariam associados à relação entre dor e prazer, pois agiriam como analgésico durante as práticas sadomasoquistas.

Uma certa “retórica da ajuda” (Rohden, 2012) permeia todo o livro de Wilma e fica evidente quando ela diz:

(...) Com o tempo fui tendo a certeza que meu trabalho estava ajudando muita gente. Devagar, fui descobrindo que meus leitores me confessavam o que muitas vezes não tinham coragem de dizer a seu melhor amigo, um irmão, um padre ou psicólogo. Confiavam por estarem certos que eu desenvolvia um trabalho honesto, sério, respeitando cada tendência, cada caso em particular, entendendo-os, sem recriminações, nem tampouco taxando-os de malucos, neuróticos, doentes, ou qualquer outra alcunha pejorativa (Azevedo, 1998: 11).

(...) parti em busca de meios para estudar melhor, e poder lutar contra os preconceitos, ajudar a liberar as pessoas reprimidas, temerosas pelo julgamento de que tudo é **anormal** e **doentio**, ajudando a libertar principalmente as mulheres da minha geração (Azevedo, 1998: 36, negritos da autora).

Diversos autores da Psicologia, Psiquiatria, Sexologia, Medicina e Ciências Sociais são citados no livro de Wilma Azevedo para embasar cientificamente seus argumentos e legitimar a validade (e especialmente a sanidade e segurança) das práticas SM. O uso de dados científicos e a menção a todas as especialidades, obras e pesquisadores citados como fontes, além da retórica do esclarecimento e da ajuda, são colocados por Rohden (2012) como recursos importantes com a intenção de atestar a legitimidade científica de uma obra.

É interessante notar que os livros de Wilma Azevedo possuem muito mais referências diretas e com um sentido mais positivo com respeito a esses atores que as referências ao campo médico-científico presentes na obra de Glauco Mattoso. Essa parece ser uma pista importante sobre o lugar muito específico em que Wilma Azevedo pretende se colocar e a partir de que saberes ela deseja se legitimar. Esse lugar de pertencimento,

que não é necessariamente fixo e estável, tendo em vista que é definido a partir de disputas de sentidos a todo momento, parece diferir significativamente do de Glauco Mattoso, já que ela mobiliza mais atores sociais do campo médico-científico que o autor.

Tomando os dados produzidos a partir da análise dos livros, nota-se que o número de vezes em que algum ator social do campo da ciência é mencionado nos livros de Wilma Azevedo é muito maior se comparado ao livro de Glauco Mattoso, no qual essas referências aparecem apenas 9 vezes. Em “A Vênus de Cetim” (1986) temos uma referência à sexologia, na figura do Dr. Fritz Kahn, médico alemão, de um psicanalista brasileiro, Dr. Eduardo Mascarenhas (que teria escrito um artigo sobre "desejos e prazeres estranhos" em uma coluna de jornal chamada “No divã do analista”) e do médico legista Dr. Hélio Gomes, autor do livro “I Volume da Medicina Legal”, livro este que tem um pequeno trecho de seu capítulo 23 citado por Wilma Azevedo. Referências indiretas ao campo da ciência são feitas a partir da menção a “médicos, cientistas e juriconsultos”, a “psicólogos, analistas e psiquiatras”, a “Psicanálise”, “Psiquiatria”, “Criminologia” e a “obras científicas” não especificadas pela autora.

Com o mergulho da ciência no mais profundo da psique, ficou provada a existência de anomalias do ego. A **Psicanálise** (combatida a princípio, negada por muitos e hostilizada fortemente) veio unir-se às demais ciências do espírito, sobretudo a **Psiquiatria**, a Pedagogia, a **Criminologia**, que deram contribuições importantes. (...) Muito espaço se dedicou ao homossexualismo, até se provar que não era imoral, apenas uma variante erótica. Assim também deveria ser quanto ao Sadomasoquismo equilibrado, que não deveria ser visto como um **crime** de uma personalidade deformada. Hoje em dia, castigar alguém só porque é diferente dos demais é contradizer tanto a **ciência** como a noção de liberdade do ser humano (Azevedo, 1986: 13, negritos meus).

O discurso científico aparece como fonte de pesquisa para Wilma Azevedo, sendo mobilizado ao longo de suas obras – muitas vezes para apoiar os argumentos da autora – especialmente a partir de certa autoridade da “ciência”, baseada em credibilidade e reconhecimento (Latour, 1997). O conhecimento mais técnico, obtido a partir de seus estudos formais que tinham como fonte o discurso médico-científico, aparece de forma mais explícita em “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998), pela própria organização do material publicado: a intenção de informar e comunicar um certo tipo de pedagogia referente às práticas, também presente nos outros livros da autora – embora difusa em meio aos contos eróticos – ganha nessa obra um caráter científico ao se utilizar de uma linguagem mais técnica e de autores advindos da sexologia, criminologia, psicologia e

psiquiatria. Nesse caso, a *autoridade científica* parece se transmitir à obra de Wilma pela menção de especialistas e obras científicas – a literatura erótica de outrora se transforma em um misto de autobiografia e manual técnico nesse livro mais recente.

No livro de Edgeh, cada capítulo se configura como uma parte do "guia de conduta" que o autor se propõe a escrever. O autor discute em seu livro "Sem Mistério" (2002) sobre o que considera como a melhor maneira de realizar cada variante do conjunto de práticas que o BDSM engloba e também aborda os princípios do que chama de "Ética BDSM", formada por três regras ou conceitos: sanidade, segurança e consensualidade. Edgeh nos recorda de seu objetivo a cada página de seu texto: fomentar a aprendizagem sobre o sadomasoquismo com o fim de desmistificar as práticas e diminuir o estigma.

Seu diálogo com o campo médico-científico fica explícito especialmente em uma sessão do capítulo "BDSM e Fetiches", intitulada "O que a Ciência Diz". Nela, o autor apresenta de forma rápida as "explicações científicas" sobre os fetiches – em particular aquelas advindas da Psicologia, Psiquiatria e Sexologia – afirmando que, segundo a Psicologia, um fetiche seria apenas "a fixação sexual por um objeto ou situação específicos que deseja se converter em prazer" (: 69-70) e que a Psiquiatria acabou por alocar todos os fetiches "no mesmo pacote", explicando-os a partir de uma experiência prazerosa que o feticheista teve em sua infância, que, de alguma maneira, se converteria depois em um fetiche específico.

A tarefa dos psiquiatras seria, segundo ele, a de descobrir qual foi este processo, a fim de **curar** o feticheista. Nesta parte do livro Edgeh dialoga, de maneira crítica, diretamente com as teorias da Psicologia e Sexologia que alegam que o sadismo, o masoquismo e o fetichismo podem originar-se a partir de eventos traumáticos da infância.

Glauco também critica teorias de conteúdo semelhante ao contar do episódio no qual sofreu humilhações dos garotos da Vila Invernada. O autor apresenta o acontecimento, que teria ocorrido da infância, não como um evento traumático que despertou seu desejo, como fariam os discursos que acionam essas teorias, mas como uma experiência em sua vida a partir da qual teria iniciado todo um processo de atribuição de sentidos relacionados a relações de poder que estão no social a determinados objetos e partes do corpo que passam a se relacionar com seu prazer.

Essas críticas se relacionam com aquelas feitas por ele à noção de “parcialismo”, implicada em conceitualizações psiquiátricas correntes acerca do fetichismo. Tal noção remeteria ao fato de se tomar uma parte do corpo como objeto de desejo, ignorando o restante. Perlongher afirma que as “paixões perversas” parecem se concentrar em sujeitos que passariam a percorrer uma espécie de “‘carreira perversa’ até assumirem uma ‘identidade’ (...) sem que por isso tais fluxos de conexão desejante deixassem de estar difusos no corpo social” (Perlongher, 1986: 170).

Glauco parece subverter a ideia de parcialismo a partir de uma crítica que levaria em conta a complexidade envolvida no processo que Perlongher chama de “distribuição das paixões perversas”:

Embora o fetichismo seja tido na conta de tendência mórbida por particularizar o interesse e ignorar o todo (isto é, o resto do corpo), na verdade o pé está sempre associado a noções abrangentes e compreensivas, tanto no plano individual como no coletivo. Transar o pé de alguém sugere a sujeição à cabeça dessa pessoa, moral e psicologicamente falando: o exercício de seu poder, a imposição de sua vontade, o domínio sobre o outro. Mas também sugere a sujeição ao seu corpo todo, no próprio sentido dos sentidos [...]. Além disso, o ato de transar o pé extrapola relações pessoais para sugerir sujeição a instituições mitificadas, como a autoridade militar, a hegemonia política, a ascendência social ou a superioridade racial (Mattoso, 2006: 62).

Enquanto as críticas de Glauco se voltam, em sua maioria, para as controvérsias encontradas nas definições e classificações advindas do campo da ciência médica, Edgeh realiza uma distinção entre o que seria o sadomasoquismo *são, seguro e consensual* e o que não o é, mencionando e condenando os casos que são classificados como “condutas criminais”, como é o caso da pedofilia, necrofilia e canibalismo. Uma descrição mais detalhada do que Edgeh considera legítimo como “explicação oficial”, ou seja, as explicações dos *experts* da ciência, são encontradas no capítulo 11 do livro, intitulado “As Opiniões ‘Oficiais’”. Neste capítulo se agrupa a maior parte dos nomes do campo médico-científico que são mencionados no livro. Cada teórico é mencionado junto a uma obra de sua autoria sobre o sadomasoquismo com o respectivo ano de publicação, seguido de uma pequena descrição e de fragmentos da obra.

Neste capítulo são mencionados: 1) Havelock Ellis, sexólogo da reforma sexual; 2) Iwan Bloch, considerado um dos fundadores da sexologia; 3) Theodor Reik, psicanalista e discípulo de Freud; 4) Bill Thompson, criminólogo; 5) Dolf Zillmann, psicólogo que realizou estudos sobre as relações entre sexo e agressão; 6) Park Elliot

Dietz, psicólogo forense; 7) Reinisch e Beasley, autoras do livro “The Kinsey Institute New Report on Sex: What You Must Know to be Sexually Literate”; e 8) Paul Gebhard, antropólogo e sexólogo que teria trabalhado pessoalmente com Alfred Kinsey no segundo volume dos famosos “Relatórios Kinsey”.

É interessante observar que dos nove atores do campo médico-científico mencionados nesse capítulo do livro, dois são parte da primeira onda da sexologia, um do campo da psicanálise freudiana, três do campo da criminologia/psicologia forense e três atores estão relacionados de alguma maneira ao Instituto Kinsey. Criado em 1947, o Instituto é referência internacional do campo da sexologia e ocupa um espaço central no que diz respeito às investigações médico-científicas acerca da sexualidade humana em âmbito mundial. Segundo Sena (2010: 167), os “Relatórios Kinsey” foram produzidos a partir de pesquisa realizada entre 1938 e 1963 por Alfred Kinsey e sua equipe, sendo a coleta de dados feita especialmente a partir da realização de entrevistas. Os dois volumes publicados são “Sexual Behavior in the Human Male”, de 1948 e “Sexual Behavior in the Human Female”, de 1953. Suas conclusões tiveram grande impacto nos estudos acerca de temas como homossexualidade, masturbação, orgasmo e o “comportamento sexual”, visibilizando questões controversas que até então eram pouco debatidas.

Segundo informações encontradas nos sites do Instituto Kinsey<sup>52</sup>, June Reinisch e Paul Gebhard, mencionados por Edgeh em seu livro, foram pessoas importantes no desenvolvimento do Instituto e, de maneira mais geral, do campo da sexologia estadunidense, uma vez que os dois foram diretores da instituição, ainda que em períodos distintos: Gebhard o fez entre 1956 e 1982, como sucessor direto de Alfred Kinsey e Reinisch ocupou o cargo de diretora executiva entre 1982 e 1993. Neste período, Reinisch foi responsável por duas coisas inéditas na história do Instituto: promoveu sua primeira exibição de arte, intitulada “Selections from the Collections of The Kinsey Institute” e publicou junto a Ruth Beasley o livro “The Kinsey Institute New Report on Sex: What You Must Know to be Sexually Literate” (1990).

Mencionado por Edgeh, o livro de Beasley e Reinisch teria sido, segundo a página da própria instituição “a primeira publicação do Instituto escrita para o público geral”. Junto à afirmação de uma ampliação do “impacto público” do Instituto nos anos

---

<sup>52</sup> Os sites consultados são: <https://www.kinseyinstitute.org/> e <http://kinseyconfidential.org/>. Acessados em: 25.Abr.2016.

de 1980 e 1990, estas informações indicam que a circulação de conhecimentos sobre o Instituto Kinsey possivelmente se intensificou depois da publicação deste livro voltado para o público leigo em 1990. Esta popularização da produção científica do Instituto, junto das contribuições de Kinsey para a despatologização da homossexualidade durante a chamada “Revolução Sexual”, parece ser uma das razões pelas quais o livro, o Instituto Kinsey e seus Relatórios sejam mencionados em “Sem Mistério” (2002), de Edgeh e em “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998), de Wilma Azevedo.

Edgeh menciona os critérios diagnósticos referentes ao sadomasoquismo presentes na quarta versão do DSM (do inglês, Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais), publicada pela Associação Americana de Psiquiatria, no subcapítulo “O Que a Psiquiatria Diz Sobre o Sadomasoquismo”:

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-IV), 4ª edição, o sadomasoquismo, em si mesmo, não é uma doença mental. Nos critérios diagnósticos, tanto de sadismo como de masoquismo, o DSM-IV estabelece que o sadomasoquismo somente se torna uma disfunção diagnosticável quando *as fantasias, urgências ou comportamentos sexuais levam a sofrimento ou prejuízo clinicamente significativos (por exemplo, tornam-se obrigatórios, acarretam disfunção sexual, exigem a participação de indivíduos sem o seu consentimento, trazem complicações legais ou interferem nos relacionamentos sociais).*

Além disso, o DSM-IV claramente distingue o comportamento sexual não-patológico, estabelecendo que *uma parafilia deve ser diferenciada do uso não-patológico de fantasias sexuais, comportamentos ou objetos como estímulo para a excitação sexual.*

Finalmente, os parâmetros para o diagnóstico de sadismo e masoquismo sexual são os seguintes:

- A) Quando, ao longo de um período mínimo de 6 meses, ocorrem fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo o ato (real, não simulado) de ser humilhado, espancado, atado ou de outra forma submetido a sofrimento;
- B) Quando as fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento clinicamente significativo, ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo; e
- C) Quando, ao longo de um período mínimo de 6 meses, ocorrem fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo atos (reais, não simulados) nos quais o sofrimento psicológico ou físico (incluindo humilhação) da vítima é sexualmente excitante para o indivíduo (Edgeh, 2002: 80-81, *itálicos do autor*).

A 4ª Edição do Manual, publicada em 1994, se insere num momento muito específico da história dos diagnósticos de “Sadismo” e “Masoquismo”. Ao longo das sucessivas edições, encontramos modificações significativas na categorização dos

termos. No DSM-I, de 1952, os “desvios sexuais” estavam incluídos na subcategoria “perturbações sociopáticas da personalidade” (onde figuravam homossexualidade, travestismo, pedofilia, fetichismo e sadismo sexual, incluindo estupros, ataques sexuais e mutilações). O DSM-II, de 1968, falava sobre “desvios sexuais” no âmbito dos “distúrbios da personalidade e outros distúrbios mentais não psicóticos” (sendo listadas nove categorias, incluindo ainda a homossexualidade). No DSM-III, de 1980, é introduzido o termo “parafilias” no grupo dos “transtornos psicosexuais”, incluindo 22 itens. O DSM-IV (1994) traz 27 transtornos sexuais sob a categoria “transtornos sexuais e de identidade de gênero”, subdivididos entre “disfunções sexuais”, “parafilias” e “transtornos de identidade de gênero” (Russo, 2004). É interessante notar que as categorias “Sadismo” e “Masoquismo” têm sido abordadas em separado na literatura psiquiátrica. O termo “Sadismo” foi incluído no DSM I em 1952, enquanto o termo “Masoquismo” aparece apenas a partir do DSM II, de 1968.

Richard Krueger, um dos membros do Grupo de Trabalho de Transtornos Sexuais e de Identidade de Gênero da 5ª edição do DSM, publicou dois artigos acerca das revisões de literatura (1900-2008) que realizou sobre o *Masoquismo Sexual* (2010) e o *Sadismo Sexual* (2009), incluindo as mudanças que as categorias sofreram ao longo da história do DSM. O sadomasoquismo segue presente na quinta versão do manual, publicada em 2013, mantido sob os argumentos de que, ainda que a prática ocorra com certa frequência na população e seja associado geralmente com um bom funcionamento psicológico e social, há um número muito pequeno de casos em que as fantasias e comportamentos masoquistas resultam em danos graves, chegando até a morte (Krueger, 2010: 8). Estes casos indicariam, segundo o autor, um padrão de interesse sexual que teria se convertido em patológico. Devido ao fato de que pouco se conheceria acerca deste *comportamento*, especialmente em populações forenses, sua permanência no DSM-V facilitaria novas investigações sobre o tema.

## **2. Coprodução de conhecimento e direitos sexuais: novos desdobramentos**

Grupos ativistas, especialmente nos Estados Unidos, reconhecem avanços no que diz respeito à saída progressiva das práticas sadomasoquistas do DSM, se considerarmos as mudanças ocorridas desde sua primeira menção na segunda versão do

manual (DSM-II) até a versão mais recente. O DSM-V traz no item correspondente ao “Transtorno do Sadismo Sexual” um “diagnóstico diferencial”, que afirma que “a maior parte dos indivíduos ativos em redes comunitárias que praticam comportamentos sádicos e masoquistas não expressa qualquer insatisfação com seus interesses sexuais, e seu comportamento não atende aos critérios do DSM-5 para transtorno do sadismo sexual” (2014: 697). Contudo, os ativistas seguem lutando para que o sadomasoquismo seja removido em sua totalidade do DSM, uma vez que a permanência do diagnóstico contribui com a estigmatização e o preconceito existente contra os praticantes e, de certa maneira, autoriza tratamentos e curas que podem ser oferecidos a estes sujeitos.

É importante observar que há um movimento recente de psicólogos e psicanalistas em torno de um discurso que afirma a necessidade de reexaminar as práticas sadomasoquistas dentro do campo médico-científico com vistas à despatologização<sup>53</sup>. É o caso do “Revise F65”, um comitê subsidiário da Associação Noruega LGBT, que consiste em um grupo de pessoas, dentre os quais se encontram fetichistas, praticantes de BDSM, lésbicas, bissexuais, homossexuais e heterossexuais, bem como profissionais das áreas da sexologia, psicologia e psiquiatria<sup>54</sup>.

A organização tem como objetivo, segundo seu site, “envolver grupos SM/*Leather*/Fetichistas e profissionais da saúde mental em todo o mundo, no trabalho e em prol da retirada do Fetichismo, Travestismo e Sadomasoquismo como diagnósticos psiquiátricos”<sup>55</sup> da Classificação Internacional de Doenças (CID), manual publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>56</sup>. O projeto, que conta com traduções para vários idiomas, como o alemão, polonês e inglês, foi parcialmente traduzido para o português pelo extinto site brasileiro sobre BDSM “Desejo Secreto”, analisado por Bruno Zilli (2007) em sua dissertação de mestrado e também mencionado na obra de Edgeh. Um dos artigos publicados no site “Revise F65”, escrito por uma psicoterapeuta estadunidense, propõe o que ela chama de “uma nova abordagem psicológica acerca do BDSM”. No texto, a autora assinala que:

---

<sup>53</sup> Esse movimento não é exclusivo em relação às práticas sadomasoquistas, mas também pode ser observado nos discursos acerca da transexualidade, assexualidade, dentre outros.

<sup>54</sup> Informação extraída da página: <http://www.revisef65.org/aboutrevisef65.html>, consultada em 29.Jun.2016.

<sup>55</sup> Extraído da página <http://revisef65.net/portuguese/>, consultada em 06.Fev.2017.

<sup>56</sup> A versão mais atual do CID-10 (2016) pode ser encontrada em: <http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2016/en>. Consultado em: 08.Out.2016.

A comunidade psicoterapêutica tem que voltar a examinar as submissões masoquistas para vê-las não como uma patologia, mas sim como um veículo saudável para entregar os mecanismos de defesa fixos, ceder o controle a algo ou alguém maior que eles mesmos, para alcançar a liberdade a partir da necessidade dominante e implacável de cultivar, promover e afirmar o *self* para ganhar algo de alívio por ter que fazer inúmeras opções e tomar decisões, para envolver-se em atos fantasiosos são (...)<sup>57</sup>

Outro grupo também comprometido com a luta pela despatologização, que neste caso é diretamente mencionado por Edgeh em seu capítulo “Sites Estrangeiros para Consulta”, é “The National Coalition for Sexual Freedom (NCSF) (em português, “Coalisão Nacional pela Liberdade Sexual”), criado em 1997 por um pequeno grupo liderado por Susan Wright e outros praticantes/ativistas de Nova Iorque. O objetivo da organização seria o de lutar pela liberdade sexual e pelos “direitos privados” de adultos envolvidos em práticas sexuais são, seguras e consensuais, através de diversos programas como os de conscientização e educação de autoridades e comunidades locais acerca das comunidades representadas pela NCSF, como a sadomasoquista, a *swing*, a poliamorosa, entre outras. Um dos projetos do grupo possuía como objetivo a despatologização do BDSM no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM, em inglês) da Associação Americana de Psiquiatria. Sobre a relação entre o Desejo Secreto e a Coalisão Nacional pela Liberdade Sexual, Bruno Zilli (2007) destaca que:

Segundo informação presente em ‘Desejo Secreto’, a NCSF foi fundada em 1997 a partir de um grupo Sadomasoquista de Nova York, EUA. (...) É interessante pensar que há certo prestígio em estar conectado a uma organização estrangeira, que consegue realizar mobilizações e possui representatividade jurídica e política em seu país de origem. Além disto, estas definições importadas da NCSF são elaboradas para o debate com o público, com a mídia, com o sistema legal e com a medicina (Zilli, 2007: 59).

O estigma, a discriminação e os tabus seriam, segundo textos publicados por praticantes e ativistas nestes sites *online*, as principais causas dos danos e sofrimentos relatados nas edições do DSM, ou seja, o sofrimento que sentem os praticantes não seria causado por aflições individuais relativas às práticas sadomasoquistas, como afirmam os discursos patologizantes, mas sim devido ao estigma.

No Brasil, o debate acerca da despatologização do sadomasoquismo tem sido feito de maneira mais tímida nos últimos anos, se comparado às mobilizações observadas nos Estados Unidos e Europa. Durante observações realizadas em 2013 e 2014 no

---

<sup>57</sup> Artigo publicado por Dorothy Hayden na página: <http://www.revisef65.org/hayden2.html>, consultado em 29.Jun.2016, tradução livre.

Encontro do Dia Internacional do BDSM, evento organizado pelo Clube Dominna, teve contato com esse debate. Nas edições do evento realizadas em 2013 e 2014, presenciei falas que tocavam na controvérsia da patologização/despatologização, bem como praticantes e palestrantes que citavam teorias e discursos das ciências psi de forma a legitimar e/ou explicar as práticas sadomasoquistas realizadas por eles/pela comunidade. Este foi o caso dos psicanalistas Reich e Freud, cujas teorias foram mencionadas e debatidas por alguns praticantes numa roda de conversa sobre podolatria na edição de 2014, num momento do debate em que surgiram questões acerca das origens do fetichismo, que remontariam às experiências vividas na infância, segundo alguns dos praticantes ali presentes. O CID-10 e os discursos da psicologia, bem como a necessidade da articulação de uma linguagem e de um conhecimento jurídico por parte dos praticantes, foi mencionado em palestra proferida por Mistress Bela, fundadora do Clube Dominna, na edição de 2010 do Evento do Dia Internacional do BDSM:

O CID 10. Na Suécia também já foi retirado do CID 10, a gente tem uma certa desinformação no Brasil, até por culpa do sadomasoquista que não se mostra, que não fala, que não bate no peito e diz que é sadomasoquista. Então eu me orgulho muito e acho muito legal os gays, os LGBT enfim, com toda essa coisa de bater no peito e dizer “eu sou” e não vejo nenhum prejuízo em se falar isso. Perder emprego e tudo mais é o de menos, eu acho que é o de menos, pois pior é você se fechar e viver dentro do armário (...).

Vocês imaginam o cara está lá (simboliza com a mão as chicotadas) e a vizinha liga para a polícia... As leis brasileiras desconhecem o sadomasoquismo. Até por isso estou no 4º ano de Direito, porque Psicologia todo mundo já entendeu. Partiu para a lei porque a lei não sabe nada ainda e mudar o foco porque já tem muito psicólogo que já é sadomasoquista, vamos mudar (...) (Transcrição de palestra proferida por Mistress Bela por ocasião de evento do Dominna em Comemoração ao Dia Internacional do BDSM, 2010. Arquivo Pessoal).

A Revista BDSM LOVERS, publicação organizada por praticantes brasileiros, surgiu em 2013 com a proposta de abordar o BDSM a partir de uma linguagem acessível, “tirar dúvidas, esclarecer questões, ensinar técnicas e ainda provocar debates sobre assuntos polêmicos”. A publicação, que contou com 5 números, funcionou como extensão de uma rede social de mesmo nome, criada com o objetivo de aproximar a comunidade SM nacional. Dentre as várias colunas que a revista possuía, como “Agenda Devassa”, “Práticas e Fetiches” e “Moda Fetichista”, uma delas traz elementos

importantes para a discussão realizada nesse capítulo: a seção de psicologia, intitulada “Palavra de Psicólogo”. Assinada por um psicólogo, que se apresenta como pesquisador junto à comunidade BDSM de São Paulo há muitos anos, a coluna possui apenas uma página que condensa diversas informações e, em sua primeira edição, se propõe a responder dúvidas dos leitores nos números posteriores da revista. Os debates feitos nesta seção, ainda que mais recentes que o livro de Edghe e a fala de Mistress Bela, podem ser pensados como continuidade dos discursos destes últimos, no sentido em que colaboram para trazer o debate sobre o DSM e a patologização/despatologização do sadomasoquismo para o conhecimento dos praticantes brasileiros.

Através da menção às teorias de Krafft-Ebing e de Freud, o psicólogo autor dessa seção traça um breve histórico do surgimento das categorias “sadismo” e “masoquismo”, bem como de seu processo de incorporação ao DSM. A publicação da primeira edição da revista ocorreu em 2013, mesmo ano do lançamento da 5ª versão do DSM, sendo o acontecimento mencionado na coluna como um passo em direção à separação do “**fetichismo patológico**, o que é doença, do **fetichismo erótico**, aquele que é vivido como forma de prazer, **consensualmente** por parceiros capazes de decidir” (Almeida, 2013: 27, negritos meus). Na segunda edição da revista, publicada em janeiro de 2014, a distinção entre um “fetichismo erótico” e outro “patológico” se mantém, sendo as definições de “fetichismo”, “sadismo” e “masoquismo” presentes no DSM-IV, inclusive com os respectivos códigos dos “transtornos”, trazidas para o texto a fim de ilustrar as diferenças entre um *BDSM erótico* e algo patológico. Alguns indicadores desta diferença seriam, segundo o psicólogo, a “consensualidade e ausência de sofrimento clinicamente significativo”. Na terceira edição da revista, Almeida traz as atualizações propostas pela última versão do DSM, enfatizando que o diagnóstico nele proposto levaria em conta dois aspectos principais para realizar a diferenciação entre um “transtorno” e um “comportamento sexual atípico”: a noção de desgaste emocional e sofrimento, “que não seja causada simplesmente pela desaprovação social ou pelo temor dela”, bem como de “um comportamento sexual que envolva desgaste ou stress emocional de outra pessoa sem o seu consentimento ou que seja legalmente incapaz”. A segunda questão colocada pelo DSM-V para essa diferenciação remete diretamente aos debates sobre BDSM e questões legais, tão presentes nos discursos dos praticantes na última década.

Essas questões, que aparecem na fala de Mistress Bela feita em 2010, foram debatidas também nas ocasiões em que acompanhei o evento do Dia Internacional do BDSM no Clube Dominna, em 2013 e 2014. O tema reaparece na terceira edição da publicação BDSM LOVERS, numa reportagem intitulada “Lei da Masmorra”. Esses três momentos, bem como o debate provocado em 2007 devido a uma situação de violência ocorrida entre dois praticantes da *comunidade* paulistana (Facchini; Machado, 2013), parecem suscitar questões bastante similares. Parece haver na comunidade certo receio em relação à possibilidade de que práticas consensuais sejam denunciadas à polícia por desconhecidos, e do próprio tratamento que seria dispensado pela polícia nesses casos, tendo em vista que não haveria preparo desta para tal.

A possibilidade de aplicação da Lei Maria da Penha no caso de denúncias feitas após *cenar* sadomasoquistas, bem como o medo de *vingança* associado à possibilidade de falsas denúncias de agressão, parece mobilizar o *meio* nos anos 2010. A associação entre violência, patologia e BDSM parece produzir tensões no que diz respeito à contradição que envolve a necessidade de garantir acesso à proteção legal de direitos, mantendo suas condutas eróticas em segredo. A Revista BDSM LOVERS menciona avanços nas interpretações da lei através de “pequenas brechas” criadas pela “evolução do pensamento da psicologia frente aos fetiches, o interesse da literatura em um tema antes considerado tão marginal, e a mídia com programas em rede aberta [para debatê-lo] (...)” (BDSM LOVERS, mai 2014: 33). Apesar disso, afirma a necessidade de uma “luta de toda a (...) comunidade nos mais diversos ramos” para que se alcance “uma maior proteção jurídica” ao *estilo de vida* dos praticantes.

\*\*\*

A partir dos temas tratados neste capítulo, observa-se uma relação, ainda que às vezes não tão direta, entre: 1) a criação e circulação de categorias entre praticantes e cientistas/especialistas; 2) as obras produzidas no país desde a década de 1980 até os anos 2000, em seus diferentes formatos, de contos, autobiografias e manuais; 3) a criação no Brasil de instituições pertencentes ao campo da sexologia nos anos 1980, como a SBRASH e o Instituto H. Ellis; 4) os movimentos e organizações de praticantes na luta pela despatologização, criados em âmbito internacional a partir dos anos 1990; 5) o

encontro de praticantes em espaços de sociabilidade a partir dos anos 1990; 6) as transformações produzidas pelas NTIC no contexto da web 2.0, a partir dos anos 2000.

As obras de Wilma, Edgeh e Glauco indicam que diferentes contextos e objetivos se intersectam em variados tipos de redes, com atores de diferentes campos que refletem, conseqüentemente, uma produção de conhecimento singular, tendo em vista a combinação dos fatores citados com a trajetória de cada um deles. Na obra de Wilma Azevedo, os campos que mais se cruzam são aqueles de seus contatos pessoais (em geral, praticantes, leitores que entravam em contato por cartas e o campo psi), os atores do campo médico-científico e do campo das letras/artes (especialmente da literatura erótica). Na obra de Glauco Mattoso os campos que mais se cruzam são os contatos pessoais, em geral advindos do ativismo, atores do campo da literatura (erótica ou não) e do campo político, especialmente aqueles envolvidos na luta contra a ditadura. As redes de Edgeh estão permeadas por atores que mobilizam as chamadas “opiniões oficiais” da ciência, bem como por atores do campo médico-científico e sua produção de conhecimento tem muito a ver com aquele informado pelos próprios praticantes, tendo em vista sua circulação nas redes do BDSM mais atual enquanto um praticante bastante ativo em listas de discussões e fóruns sobre o assunto.

Para pensar na produção realizada pelos autores analisados, é fundamental ter em mente que, enquanto Glauco estava imerso num ambiente acadêmico-militante-literato, tendo contato com os debates realizados nessas redes, geralmente com reflexões bastante críticas em relação aos discursos do campo médico-científico, Wilma parecia ter como principais referências médicos e psicólogos, fontes de suas pesquisas sobre o SM no Brasil, além dos praticantes que se correspondiam com ela pelas cartas e com os quais, muitas vezes, ela se encontrava. Os discursos dos autores se colocam, dessa maneira, como bastante diferentes entre si, em termos das noções que mobilizam com o intuito de colaborar para o fim do estigma que cerca os praticantes do sadomasoquismo. Enquanto Glauco Mattoso opera com a estética da subversão irônica do discurso médico, Wilma e Edgeh o fazem a partir da distinção entre erótico e patológico, utilizando-se do discurso médico-científico com o objetivo de manter as práticas consensuais afastadas de classificações patologizantes. Nesse sentido a produção dos dois últimos estaria em consonância com o que Carrara (2015) argumenta em relação aos novos discursos médico-científicos acerca da sexualidade. Estes voltam a se aproximar dos discursos

legais, levando a “novas definições das antigas perversões, que passam a ser tanto mais “doenças”, quanto mais se aproximam de comportamentos criminosos” (Carrara, 2015: 331).

Nos anos 1990, com o advento da internet e posteriormente das NTIC, bem como das mudanças realizadas no discurso médico-científico e no campo dos direitos sexuais, a produção textual dos praticantes ganha uma nova cara. O crescimento do acesso aos debates da comunidade BDSM, nacional e internacional, bem como o aumento da possibilidade de contribuição à produção de conhecimento facilitado pelas NTIC, informam bastante a respeito da produção de Edgeh. O autor, que circulava pela comunidade SM dos anos 1990 e 2000 e contribuía amplamente nas discussões realizadas em fóruns e listas de discussões *online*, consumia muita literatura proveniente do campo médico-científico e dos debates da comunidade acerca do DSM, o que se refletiu na sua produção, que faz referência às contribuições do campo científico-jurídico na intenção de legitimar as práticas da comunidade, mobilizando para isso a categoria do SSC (São, Seguro e Consensual).

## Considerações Finais

Neste trabalho dediquei-me ao estudo do tema das mudanças em convenções sociais ocorridas no Brasil no período pós-redemocratização (1980-2014), a partir da análise da emergência de uma *comunidade* BDSM no país. Sendo assim, tomei como objeto empírico uma rede de praticantes/divulgadores de BDSM/*sadomasoquismo erótico* a partir de sua produção textual e das relações estabelecidas com outros atores sociais, como artistas, ativistas, escritores, bem como com a produção de conhecimento no campo médico-científico e jurídico. Analisei as obras de três autores brasileiros, publicadas entre os anos 1980 e 2000, sendo eles Wilma Azevedo, Glauco Mattoso e Edgeh, a fim de mapear as redes nas quais se inserem, refletir sobre as variações de formato e conteúdo das mesmas ao longo do tempo, bem como sobre a circulação de categorias e disputas de sentidos que dali emergem.

No primeiro capítulo delineei um breve histórico do BDSM no Brasil, tomando os livros analisados como ponto de partida. As obras de Glauco Mattoso (1986) e Wilma Azevedo (1986; s/d), escritas entre os anos 1980 e 1990, são articuladas a partir da noção de um “pioneirismo” no BDSM nacional, sendo algumas das primeiras expressões em âmbito público acerca do tema no Brasil. Num primeiro momento, observei que a comunicação e a troca de informações entre os praticantes se deu através da troca de cartas, da publicação de anúncios e artigos em revistas eróticas do período e da publicação de livros em formato autobiográfico e de contos.

Num segundo momento, a partir dos anos 1990, ocorre a criação dos primeiros clubes SM, bem como a publicação de livros no formato “manual”, verdadeiros guias de conduta, como é o caso da obra de Edgeh (2002) e do último livro de Wilma Azevedo (1998). As transformações possibilitadas posteriormente pelo surgimento da Internet têm papel importante neste período, quando surgem as primeiras listas de discussão sobre o tema e a comunicação entre os praticantes ocorre através de *chats*. Em seguida são criados os primeiros blogs. Há uma expansão das redes das quais os praticantes fazem parte, dadas as possibilidades que são proporcionadas pelas NTIC (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação).

Num terceiro momento, na passagem dos anos 2000 para os anos 2010, a chamada *web 2.0* permite a multiplicação da produção e difusão de conteúdo na internet

pelos praticantes, que passam a se comunicar e a compartilhar conteúdo por meio de redes sociais como o *Orkut* e o *Facebook*, mas também através de redes sociais específicas como o *Fetlife*. As transformações se dão, para além da Internet, no âmbito da sociabilidade entre os praticantes. Nesse período surgem diversas festas *fetichistas* que possuem características e funcionamento diferentes dos clubes BDSM dos anos 1990, sendo espaços onde a questão da *liturgia*, da *mentoria* e da gestão comunitária das práticas não são uma necessidade. Nesse período há uma ampliação e espraiamento da presença de praticantes para diversas plataformas, chegando à criação de grupos específicos no aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*.

No segundo capítulo, a partir da perspectiva da teoria do ator-rede (Latour, 2012; Strathern, 2014) e da coprodução de conhecimento (Jasanoff, 2004), pude realizar uma análise que levasse em conta as redes que se entrelaçavam nos contextos analisados, mapeando-as e identificando os atores – humanos e não-humanos – envolvidos nas obras dos três autores já mencionados. Observou-se que as redes que permeiam os diferentes livros têm a ver em grande medida com os círculos nos quais estavam inseridos os autores, o que se evidencia a partir da quantidade de menções a atores sociais de diferentes campos. Foi possível observar, especialmente a partir das redes de Glauco Mattoso, como diversos movimentos sociais se organizaram no período da abertura política no Brasil em torno da luta pela redemocratização. Se num primeiro momento do SM nacional os diálogos se davam em grande parte em relação aos discursos desses movimentos, o estigma relacionado às classificações patologizantes, que ainda mantêm o sadomasoquismo nos manuais de diagnóstico, colaborou para um crescente diálogo em relação ao discurso médico-científico, que pode ser observado mais fortemente nos livros produzidos na passagem dos anos 1990 para os 2000.

Sendo assim, no terceiro capítulo analisei as relações entre os discursos dos praticantes e o discurso médico-científico, bem como a maneira pela qual as categorias são coproduzidas e disputadas pelos atores nos espaços pelos quais circulam e a partir de sua produção textual. Observar estas relações colabora para tecer uma reflexão acerca das formas pelas quais os autores analisados operam no e produzem o novo regime do dispositivo da sexualidade (Carrara, 2015). A produção de conhecimento acerca da sexualidade no campo médico-científico e jurídico, amplamente influenciadora das maneiras pelas quais as “perversões” têm sido compreendidas, teria impactado

diretamente a produção das obras aqui mencionadas. As mudanças nas categorias mobilizadas pelos praticantes, bem como nos termos utilizados para se referir às práticas, se entrecruza com essa produção científica, coproduzindo novas maneiras de lutar contra o estigma e a patologização de suas condutas.

A observação e justaposição dos três momentos por mim delineados possibilitou uma reflexão acerca das transformações ocorridas a partir das primeiras conexões entre praticantes, que propiciaram a emergência de uma *comunidade* BDSM no país, ao menos a partir das redes analisadas, e sobre como as mesmas se constituem em relação ao contexto sociopolítico de cada um dos períodos observados.

A produção textual de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso, contemporânea dos primeiros esforços do movimento homossexual no Brasil nos anos 1970 e 1980, fez uso de uma estratégia muito diferente em comparação com a utilizada pelo movimento LGBT, mas totalmente adaptada ao SM. Enquanto os ativistas homossexuais fizeram uso do “sair do armário” e da visibilidade massiva nos desfiles do orgulho LGBT, as classificações patologizantes e o medo da estigmatização têm mantido os praticantes de BDSM preocupados com a preservação de sua privacidade e anonimato (Facchini; Machado, 2013).

Ao escreverem a respeito de seus esforços ativistas, Glauco Mattoso, Wilma Azevedo e Edgeh demonstram que a luta por direitos sexuais não está restrita ao Estado e aos espaços de participação socioestatais, mas sim bastante difusa entre parlamentares, praticantes, cientistas, ativistas, escritores, partidos de esquerda, publicações canônicas, *undergrounds*, alternativas, que disputam sentidos e coproduzem conhecimento. Nesse sentido, a noção de “política sexual” de Weeks (1989), tão bem articulada por Carrara (2015), permite visualizar nessa rede de atores as múltiplas dimensões nas quais se dá a “gestão social do erótico e do sexual e explorar a coexistência, às vezes conflitiva, de distintos e muitas vezes contraditórios *estilos de regulação moral*” (Carrara, 2015: 325).

O diálogo profícuo estabelecido com os escritos de Sérgio Carrara (2015) e de Maria Filomena Gregori (2016a, 2016b) aponta para reflexões importantes na direção do objetivo central desta pesquisa, que é o de pensar mudanças em convenções sociais a partir das redes analisadas, bem como possibilita situar os sujeitos em questão numa arena mais ampla da regulação sexual.

A partir da reflexão realizada por Sérgio Carrara (2015), é possível explorar a questão da “cidadanização da homossexualidade” em relação aos processos de legitimação por parte dos praticantes e divulgadores do BDSM/*sadomasoquismo erótico*. A atuação dos praticantes de BDSM na busca por direitos sexuais tem ocorrido no país muito mais no campo da mudança de mentalidades e da contestação baseada na intenção de desfazer estereótipos e estigmas. A luta por direitos parece se dar especialmente a partir da produção cultural, como no caso da publicação de livros, da realização de festas, de se fazerem presentes no cotidiano das pessoas. A publicação de livros que poderiam ser tomados como literatura erótica e/ou pornográfica colabora nesse processo ao colocar as práticas no âmbito do erótico, (re)produzindo uma distinção entre erótico e patológico.

Sendo assim, como mencionado, é possível observar que a luta por direitos e pela despatologização do sadomasoquismo teria ocorrido de formas distintas em comparação com o movimento LGBT. A disputa teria se dado mais no âmbito da mudança de mentalidades, como a partir da produção de livros que disputam os sentidos das práticas sadomasoquistas, em um diálogo constante e ambíguo com o discurso médico-científico – algumas vezes rechaçado nos livros (com a intenção de afastar a *comunidade* dos discursos patologizantes) e outras vezes reinterpretado e utilizado como parte da estratégia de legitimação.

Essa disputa teria focado muito mais em um diálogo com a questão do conhecimento científico, médico, psiquiátrico e psicológico, dado que havia para a *comunidade* SM a questão da patologização, que deixa de existir para os homossexuais no Brasil, ao menos “oficialmente”, ainda na década de 1970, com a saída da homossexualidade do DSM. Com a escolha de uma atuação mais na mudança de mentalidades, os sujeitos do BDSM não fazem o mesmo caminho que os homossexuais fizeram no sentido da visibilidade pública, especialmente devido ao estigma, muito menos seguem os caminhos traçados por outros movimentos sociais no período pós-redemocratização: o caminho da participação socioestatal e da reivindicação na esfera pública dos direitos sexuais.

A estratégia desse "ativismo" BDSM teve resultados importantes do ponto de vista da mudança de convenções, se olharmos para a análise de Maria Filomena Gregori no que diz respeito ao deslocamento da díade “prazer e perigo” para a díade “consentimento e vulnerabilidade” (Gregori, 2016b). As transformações que desaguarão

nessa segunda díade passam muito pela atuação de ativistas BDSM em âmbito internacional, que elegeram as noções de *estilo de vida* e de *consentimento/consensualidade* como formas de se afastar da patologização. Por outro lado, essa escolha parece tê-los deixado reféns da noção de “vulnerabilidade”, que vem sendo articulada na esfera pública para delimitar o espaço social constituído por aqueles que estão menos privilegiados nas relações sociais de poder ou por aqueles que podem ser delimitados como minorias políticas e sociais.

É nesse sentido que também, ao final, esses mesmos praticantes percebem que deixaram em descoberto o diálogo com a arena do Direito. A Lei Maria da Penha, que tem sido debatida no *meio* BDSM nacional há algum tempo, é um desenvolvimento político de combate à violência e importante conquista do movimento feminista. Ao se depararem com a criação de uma lei que se deu numa arena política da qual eles não participaram e que, em certa medida, pode afetá-los, os praticantes temem os usos que dela possam ser feitos, tanto para circunscrever suas práticas como violentas, quanto em contextos de conflito, na forma de denúncias. A possibilidade de que ocorra um acionamento da lei por algum desses motivos passa a ser um ponto de fragilidade para esses praticantes, que apenas mais recentemente vinham se mobilizando em âmbito nacional para debatê-lo.

Nesse sentido, se há mudanças há também continuidades. E elas se referem ao acionamento de categorias como *fetichista* ou *kinky sex* para remeter atualmente a iniciativas de sociabilidade *online* ou *offline*. Tal acionamento parece operar pela diluição das especificidades de práticas que implicam dor física – o SM – na forma de se referir ao que nos anos 1990 e 2000 foi nomeado como BDSM. Contudo, o mais importante é que segue operando a partir de uma mesma estratégia de separação entre o antigo conteúdo da noção de “perversão”, que implicava ao mesmo tempo dois importantes estigmas, o do “louco” e o do “criminoso”. Em tempos de “erotismo politicamente correto” (Gregori, 2010), associado à saúde e ao bem-estar, segue a aproximação estratégica com o campo do erótico por oposição à patologização e à criminalização das condutas, entroncamento que fez com que o *sadomasoquismo erótico*/BDSM tenha sido tomado nesta pesquisa como lugar privilegiado para refletir sobre as mudanças nas convenções sociais relacionadas a gênero e a sexualidade.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. “Fetichismo: erótico x patológico”. *Revista BDSM LOVERS*, ano 1, n.2, janeiro de 2014, p. 39.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANDERSON, B. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso, 1991.
- AQUINO, E. M. L. de; HEILBORN, M. L.; BARBOSA, R. M.; BERQUÓ, E. “Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva – uma proposta de formação interdisciplinar em pesquisa”. In: Barbosa, R. M. et al. *Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2002, p. 9-21.
- ASSUNÇÃO, A. Glauco fez Crac com a Literatura. *O Estado de S. Paulo*. 16 jan. 1987, Caderno 2.
- AZEVEDO, Wilma. *A Vênus de Cetim*. São Paulo: Editora Ondas, 1986.
- AZEVEDO, Wilma. *Tormentos Deliciosos*. São Paulo: Graphic Vision, [s/d].
- AZEVEDO, W. *Sem medo: depoimentos e relatos sobre sadomasoquismo erótico*. São Paulo: Iglu Editora, 1998.
- BDSM LOVERS, ano 1, n.3, maio de 2014, 56p.
- BECKMANN, A. *The Social Construction of Sexuality and Perversion - Deconstructing Sadomasochism*. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2009.
- BÉJIN, A. “Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos”. In: ARIÉS, P. & BÉJIN, A. (orgs.). *Sexualidades ocidentais*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- BLAND, L.; DOAN, L.; *Sexology in Culture - Labelling Bodies and Desires*. Chicago: University of Chicago Press, 1998a.
- BLAND, L.; DOAN, L.; *Sexology Uncensored - The Documents of Sexual Science*. Chicago: University of Chicago Press, 1998b.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAL, Noelia T. *BDSMK: lo que no se muestra en 50 Sombras de Grey: consenso y placer, estudio de su comunidad en España*. Trabajo Fin de Grado en Sociología- Universidade da Coruña, 2016.
- CALIFIA, Pat (Patrick); SWEENEY, Robin. *The Second Coming – a leatherdyke reader*. Los Angeles: Alyson Publications, 1996.

- CARRARA, S.; SIMÕES, J. A. "Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 65-100, 2007.
- CARRARA, S. "Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo". *Bagoas*, n. 5, p. 131- 147, 2010.
- CARRARA, Sérgio. "Moralidades, Racionalidades e Políticas Sexuais no Brasil". *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 323-345, 2015.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CITELLI, M. T. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- DUGGAN, L.; HUNTER, N. *Sex wars: sexual dissent and political culture*. New York: Routledge, 2006.
- FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FACCHINI, R. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FACCHINI, R. *Relatório Final do Projeto "Mulheres, sexualidades, diferenças e mudança social na cidade de São Paulo"*. Campinas, 2011 (mimeo).
- FACCHINI, R. "Comunidades imaginadas: um olhar sobre comunidades políticas a partir de mulheres que se relacionam com mulheres no meio BDSM". *Pensata* (UNIFESP). Vol.1, p. 6-25, 2012.
- FACCHINI, R.; DANILIAUSKAS, M.; PILON, A. C. "Políticas sexuais e produção de conhecimento sobre gênero e (homo)sexualidades no Brasil". *Revista de Ciências Sociais*, 44(1):161-193, 2013.
- FACCHINI, R; MACHADO, S. R. "Praticamos SM, repudiamos agressão": classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro. Nº 14, p. 195-228, 2013.
- FACCHINI, R. "Prazer e perigo: situando debates e articulações entre gênero e sexualidade". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 47, e164714, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332016000200601&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332016000200601&lng=en&nrm=iso). Acesso em 03.Fev.2017.
- FALCÃO, T. H. O. *Memes, textões e problematizações: sociabilidade e política a partir de uma comunidade de LGBT universitários no Facebook*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

- FARAH, M. F. S. “Gênero e políticas públicas”. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 12 (1), p. 47-71, 2004.
- FILME PARA POETA CEGO. Direção: Gustavo Vinagre. Elenco: Akira Nichimura, Glauco Mattoso, 25min, colorido, 2012, São Paulo, Brasil. Disponível em: [http://portacurtas.org.br/filme/?name=filme\\_para\\_poeta\\_cego](http://portacurtas.org.br/filme/?name=filme_para_poeta_cego) Acesso em: 07.Fev.2017.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: vol 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FRANÇA, I. L. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- FREITAS, F. R. A. *Bondage, dominação/submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.
- FRY, P. “Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas”. In: FRY, P. H.; EULÁLIO, A.; WALDMAN, B.; VOGT, C.; MACRAE, E.; VELHO, G.; CAMPOS, M. D.; CORRÊA, M. (Org.) *Caminhos Cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais*. São Paulo: Brasiliense, p. 33-51, 1982a.
- FRY, P. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: \_\_\_\_\_. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 87-115, 1982b.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- FRY, P. “Entrevista com Peter Fry”. *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1826>, acesso em: 09.abr.2015.
- FRY, P.; CARRARA, S. “‘Se oriente, rapaz!’: Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e tantos ‘outros’ na controvérsia sobre as causas da homossexualidade?” *Revista de Antropologia*, (USP- Impresso). Vol. 59, n. 1, p. 258-280, 2016.
- GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- GREGORI, Maria Filomena. “Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo”. *Revista de Antropologia* (USP- Impresso). Vol. 51, n. 2, p. 576-606, 2008.
- GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres Perigosos. Erotismo, gênero e limites da sexualidade*. Tese de Livre docência, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

- GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos: Erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.
- GREGORI, Maria Filomena. “Risco e êxtase nas práticas eróticas”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 47, 2016:e164716, 2016b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n47/1809-4449-cpa-18094449201600470016.pdf>. Acesso em: 01.fev.2017.
- GREGORI, Maria Filomena; DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira. Apresentação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 38, Junho de 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332012000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100001&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 09.dez.2016.
- GRUMLEY, Michael; Gallucci, Ed. *Hard Corps - Studies in Leather & Sadomasochism*. Nova York: E.P. Dutton, 1977.
- HUNT, L. (Org.). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800*. São Paulo: Hedra, 1999.
- INGOLD, T. *Lines: A Brief History*. Oxon, UK: Routledge, 2007.
- INGOLD, T. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Routledge, London, 2011.
- IRVINE, J. M. *Disorders of Desire – Sex and Gender in Modern American Sexology*. Philadelphia: Temple University Press, 1990.
- IZIDORO, Simone Carvalho. “Os fradins de Henfil”. *Revista Agaquê*, São Paulo, v. 2, n. 2, 1999.
- JASANOFF, S. *States of Knowledge: the co-production of science and the social order*. London and New York: Routledge, 2004.
- KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell & MARTIN, Clyde. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia, PA: W.B. Saunders, 1948.
- KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell; MARTIN, Clyde; GEBHARD, Paul. *A Conduta sexual da mulher*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1954.
- KRUEGER, Richard B. “The DSM Diagnostic Criteria for Sexual Sadism”. *Archives of Sexual Behavior*, n.39, p. 3256-345, 2009.
- KRUEGER, Richard B. “The DSM Diagnostic Criteria for Sexual Masochism”. *Archives of Sexual Behavior*, n.39, p. 346-356, 2010.
- LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. (Trad. Angela R. Vianna) Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LATOURE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

- LEFEBVRE, H. *The Production of Space*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 1991.
- LEITE JÚNIOR, J. *A cultura S&M*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, SP, 2000.
- LEITE JÚNIOR, J. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: Annablume Editora, 2006.
- LOBERT, R. *A palavra mágica Dzi: uma resposta difícil de se perguntar - a vida cotidiana de um grupo teatral*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- MACRAE, E. *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MANTEGA, G. (Org.) *Sexo e Poder*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- MASCARENHAS NETO, R.; ZANOLI, V. P. C. “Escola, política, família e religião: disputas em torno da chamada “ideologia de gênero””. *Novos Debates: Fórum de Debates em Antropologia* 2 (2), 77-81, 2016.
- MATTOSO, Glauco. *O calvário dos carecas*. São Paulo: EMW Editores, 1985.
- MATTOSO, G. *Manual do Pedólatra Amador*. São Paulo: Editora Expressão, 1986.
- MATTOSO, G. *A Planta da Donzela*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2005.
- MATTOSO, G. *Manual do Podólatra Amador – Aventuras & leituras de um tarado por pés*. 1ª Edição, revista e ampliada. São Paulo: All Books, 2006.
- McCLINTOCK, A. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MELO, Marília L. *A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ORTMANN, David M.; SPOTT, Richar A. *Sexual Outsiders: Understanding BDSM Sexualities and Communities*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2013.
- PARREIRAS, C. *Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2008.
- PASCHOAL, H. (Edgeh) *Sem mistério: uma abordagem (na) prática de bondage, dominação, sadismo e masoquismo*. Campinas: Editora Cia. do Desejo, 2002.
- PERLONGHER, N. “O desejo do pé”. In: MATTOSO, Glauco. *Manual do Pedólatra Amador*. São Paulo: Editora Expressão, 1986, p. 163-176.

- PERLONGHER, N. *O Negócio do Michê – prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PIETROFORTE, A. V. S.; MATTOSO, G. (Org.). *Antologia SM*. São Paulo: Annablume, 2008.
- PISCITELLI, A. *et al.* Apresentação. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (org.), *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 9- 35, 2004.
- PUCCINELLI, B. Se essa rua fosse minha: apropriação do espaço e sexualidade na 'rua gay' de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.
- ROHDEN, F. “Prescrições de gênero via autoajuda científica: manual para usar a natureza?”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S. (org.). *Ciências na vida: antropologia da ciência em perspectiva*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- ROHDEN, Fabiola; RUSSO, Jane. “Diferenças de gênero no campo da sexologia: novos contextos e velhas definições”. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 722-729, Aug. 2011.
- RUBIN, G. S. “Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality”. In: VANCE, C. (org.). *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. London: Pandora Press. p. 267-319, 1984.
- RUBIN, G & BUTLER, J. “Tráfico sexual: entrevista”. *Cadernos Pagu*, Campinas. Nº 21, p. 157-209, 2003.
- RUBIN, G. *Deviations: A Gayle Rubin Reader*. London: Duke University Press, 2011.
- RUSSO, J. A. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sérgio (org.). *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004, pp.97-109.
- RUSSO, J. A. et al. “O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização”. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 617-636, 2009.
- RUSSO, J. A. et al. *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.
- SAFATLE, V. “O Primeiro Embate”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 abr. 2013. Colunistas. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/1255713-o-primeiro-embate.shtml>. Acesso em: 03.Abr.2013.
- SAMOIS. *Coming To Power – writings and graphics on lesbian S/M*. Boston: Alyson Publications, 1987 [1982].
- SANTOS, Raíra B. dos. *Castelos de pixels: relacionamentos BDSM no mundo digital virtual 3D Second Life*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa

Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, RS, 2016.

SENA, Tito. *Os Relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, SC, 2007.

SILVA, Cláudio R. da. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. 1998. 199 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Marcelle J da. *Jogos de inversão, jogos de poder: uma etnografia online sobre práticas de feminização masculina em contexto sado-fetichista*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015.

STOLLER R. J. *Dolor Y Pasión: Un psicoanalista explora el mundo sadomasoquista*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1998.

STRATHERN, Marilyn. “Cortando a rede”. In: \_\_\_\_\_ O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosacnaify, 2014.

The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English: Volume I, A-I Eric Partridge. Routledge, 2006, p. 109.

THOMPSON, Mark. *Leatherfolk: radical sex, people, politics, and practice*. Los Angeles: Daedalus Publishing Company, 2004 [1991].

VANCE, C. (ed.). *Pleasure and danger: toward a politics of sexuality*. Boston: Routledge, 1989.

VANCE, C. “A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico”. *Physis*, Rio de Janeiro, l. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

WEEKS, J.; ROWBOTHAN, S. *Dos pioneros de la liberación sexual: Edward Carpenter y Havelock Ellis*. Barcelona: Anagrama, 1978.

WEEKS, J. *Sex, Politics and Society: the regulation of sexuality since 1800*. Londres; Nova York: Longman, 1981.

WEEKS, J. *Sexuality and its discontents: meanings, myths and modern sexualities*. London: Routledge and Kegan Paul, 1985.

WEISMANTEL, S. Z. *From sadomasochism to BDSM: rethinking object relations theorizing through queer theory and sex-positive feminism*. Theses, Dissertations, and Projects. Paper 825, 2014.

ZILLI, Bruno Dallacort. *A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

## Anexos

**Anexo 1.** Lista de “Siglas Sadomasoquistas” cunhadas por Wilma Azevedo, retiradas da obra “Sadomasoquismo Sem Medo” (1998, p. 9)

### **Siglas Sadomasoquistas**

S.M. = Sadomasoquismo: pessoas que gostam tanto do Sadismo como do Masoquismo.

S.M.E. = Sado-Masoquismo-Erótico: pessoas que se excitam eroticamente, ao praticarem sadismo ou masoquismo sensual, mas respeitam os limites, as fantasias e os desejos do parceiro.

S.M.M. = Sado-Masoquismo-Maldoso: pessoas que praticam maldades e requintes cruéis de sadismo, durante o ato sexual, ou não, excitando-se, ou não, sem sentir qualquer vestígio de compaixão.

S.M.P. = Sado-Masoquismo-Psicopático: pessoas doentes, com personalidades deformadas, que praticam atos desumanos, desrespeitando direitos e regras da sociedade, chegando à criminalidade.

S.E. = Sádico-Erótico: pessoas que gostam de praticar o ato sexual com mais vigor, sentindo prazer, tendo ereção e chegando ao orgasmo, quando se sentem dominantes. Mas tudo com equilíbrio e respeito.

M.C. = Masoquista-Compulsivo: quem não consegue dominar o impulso de sofrer dores ou humilhações, tornando reais suas fantasias de sofrer e ser humilhado, às vezes se autocastigando.

M.M. = Masoquista-Moral, ou M.A. = Masoquista-Alienado: é o indivíduo levado a sofrimentos impostos pela sociedade ou qualquer regra que lhe seja imputada. Essas pessoas desejam sofrer para serem punidas (geralmente sem terem feito nada de anormal, apenas para se sentirem purificadas e redimidas), excitam-se ao se verem maltratadas, entregando-se até a desconhecidos, sem nem imaginar quais as conseqüências de seus atos.

M.E. = Masoquista-Erótico: para explicar este tipo de comportamento, foi preciso muitos capítulos, desta obra!

**Anexo 2.** Tabelas criadas a partir dos “Sites Brasileiros de Consulta” e “Sites Estrangeiros” listados por Edgeh no livro “Sem Mistério” (2002, p. 92-93)

<b>Nome do Site</b>	<b>Categoria</b>	<b>Endereço do Site</b>
Desejo Secreto	Nacional	<a href="http://www.desejosecreto.com.br">http://www.desejosecreto.com.br</a>
Associação BDSM Brasil	Nacional	<a href="http://www.associacaobdsm.com.br">http://www.associacaobdsm.com.br</a>
Pain and Pleasure	Nacional	<a href="http://www.painandpleasure.com.br">http://www.painandpleasure.com.br</a>
SMSITE	Nacional	<a href="http://www.smsite.com.br">http://www.smsite.com.br</a>
SoMos	Nacional	<a href="http://www.nossomos.com.br">http://www.nossomos.com.br</a>
Gordinha RJ	Nacional	<a href="http://www.webspace.com.br/gosub">http://www.webspace.com.br/gosub</a>
Rainha Frágil	Nacional	<a href="http://geocities.yahoo.com.br/rainhafragil">http://geocities.yahoo.com.br/rainhafragil</a>
Senhora Helga Vany Freija	Nacional	<a href="http://www.helgavany.org">http://www.helgavany.org</a>
43-44	Nacional	<a href="http://43-44.vilabol.uol.com.br">http://43-44.vilabol.uol.com.br</a>
BDSM – Um estilo de vida	Nacional	<a href="http://www.geocities.com/subvron">http://www.geocities.com/subvron</a>
Mestre Jot@ SM	Nacional	<a href="http://www.mestrejotasm.hpg.ig.com.br">http://www.mestrejotasm.hpg.ig.com.br</a>
Site do Carcereiro	Nacional	<a href="http://www.sitedocarcereiro.hpg.com.br">http://www.sitedocarcereiro.hpg.com.br</a>

<b>Nome do Site</b>	<b>Categoria</b>	<b>Endereço do Site</b>
The National Coalition for Sexual Freedom	Estrangeiro	<a href="http://www.ncsfreedom.org">http://www.ncsfreedom.org</a>
The Society of Janus	Estrangeiro	<a href="http://www.soj.org">http://www.soj.org</a>
Informed Consent	Estrangeiro	<a href="http://www.informedconsent.co.uk">http://www.informedconsent.co.uk</a>
DomSubFriends	Estrangeiro	<a href="http://domsubfriends.com">http://domsubfriends.com</a>
Section 12	Estrangeiro	<a href="http://www.section12.com">http://www.section12.com</a>
BDSM Talk	Estrangeiro	<a href="http://www.bdsmtalk.com/bdsm">http://www.bdsmtalk.com/bdsm</a>
Bondage University	Estrangeiro	<a href="http://www.bondageu.com/campus">http://www.bondageu.com/campus</a>
Bedroom Bondage Bound And Gagged Damsels In Distress	Estrangeiro	<a href="http://www.bedroombondage.com">http://www.bedroombondage.com</a>
Ds Kiosk Power Exchange Resource Center	Estrangeiro	<a href="http://www.cuffs.com/homepage.htm">http://www.cuffs.com/homepage.htm</a>
Castle Realm	Estrangeiro	<a href="http://castlerealm.com/kingdom/kingdom.htm">http://castlerealm.com/kingdom/kingdom.htm</a>
Subspace	Estrangeiro	<a href="http://castlerealm.com/subspace/subspace.htm">http://castlerealm.com/subspace/subspace.htm</a>
Subnation	Estrangeiro	<a href="http://come.to/subnation">http://come.to/subnation</a>
Kink Aware Professionals	Estrangeiro	<a href="http://www.bannon.com/kap">http://www.bannon.com/kap</a>
Gloria Brame	Estrangeiro	<a href="http://www.gloria-brame.com/kinkindex.htm">http://www.gloria-brame.com/kinkindex.htm</a>
Pat Califia	Estrangeiro	<a href="http://www.patcalifia.com">http://www.patcalifia.com</a>
Jack Rinella	Estrangeiro	<a href="http://www.leatherviews.com">http://www.leatherviews.com</a>
Jay Wiseman	Estrangeiro	<a href="http://members.aol.com/oldrope">http://members.aol.com/oldrope</a>
Kinky Books	Estrangeiro	<a href="http://www.kinkybooks.com">http://www.kinkybooks.com</a>
Mystic Rose Books	Estrangeiro	<a href="http://www.mysticrose.com">http://www.mysticrose.com</a>